



**FACULDADE DE ARQUITECTURA**  
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

## **REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO – NOVOS USOS EM ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS**

Rita Alexandra da Silva Gonçalves

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura de Interiores

**Orientador Científico:** Prof. Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa  
**Coorientador:** Prof. Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

**Júri:**

Presidente: Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução  
Vogais: Professor Doutor Miguel Batista Bastos  
Professora Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa  
Professor Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Lisboa, Março, 2013



**Título da Dissertação:** Revitalização do Convento da Nossa Senhora do Amparo

- Novos Usos em antigos espaços conventuais

**Nome do Aluno:** Rita Alexandra Silva Gonçalves

**Orientador:** Prof. Doutora Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa

**Coorientador:** Prof. Doutor Paulo Manuel dos Santos Pereira de Almeida

Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Arquitetura de Interiores

Fevereiro 2012

## **RESUMO**

Vila Viçosa como núcleo urbano nasce a partir da reconquista no final do século XIII, revelando vários tempos e modos de ocupação espacial. Caracterizada pelo seu notável património arquitetónico, revela na sua forma construída grande parte da sua história. Infelizmente muitos edifícios antigos foram deixados ao abandono, encontrando-se hoje em dia sem qualquer tipo de ocupação.

A reabilitação na arquitetura revela-se de extrema importância porque possibilita a compreensão de determinados valores do passado, já que ao reabilitarmos/valorizarmos recuperamos o *genius loci*, i.e., a interação entre lugar e a identidade. Numa época onde cada vez se constrói mais e onde convivemos permanentemente uma arquitetura de globalização, é necessário valorizar a existente, como testemunho que transmite a história de uma cidade e de um tempo.

Assim, o projeto desenvolvido na disciplina de Laboratório de Projeto de Interiores III servirá de base para o desenvolvimento da parte prática da tese — Reabilitação do Convento da Nossa Senhora do Amparo, em Vila Viçosa, como meio de perpetuar a sua memória e compreender, de que modo se poderá preservar a arquitetura do edificado. O objetivo deste trabalho passa por revitalizar o antigo espaço conventual, propondo-se assim, um Museu da Vila, com o objetivo de criar um edificado direcionado à população, com carácter cultural, de lazer e educativo.

**Palavras-chave:** Revitalização, Reabilitação, Sustentabilidade, Reconversão, Museu.





**Título da Dissertação:** Revitalization of the Convento da Nossa Senhora do Amparo

- New uses for old convent spaces

## **ABSTRACT**

Vila Viçosa as an urban center is born from the reconquest in the final of the period of the thirteenth century, revealing several forms and modes of spatial occupation. Characterized by its remarkable architectural heritage, it reveals in its constructed form much of its history. Unfortunately many old buildings were left abandoned, lying today without any use.

The rehabilitation in architecture is of extreme importance for the understanding of determined values of the past, since through rehabilitating / valuing we rehabilitate the genius loci, i.e., the interaction between place and identity. In an era where construction increasingly takes place and where we coexist constantly in a globalized architecture, it is necessary to value what exists, like evidence that transmits the history of a city and of a time.

So, the project developed herein subject, Project Laboratory of Interiors III, will serve as foundation for the development of the practical part of the thesis — Rehabilitation of the Convento da Nossa Senhora do Amparo, in Vila Viçosa, as a mean of perpetuating its memory and understanding, in what way will it be possible to preserve the buildings architecture. The purpose of this work is to revitalize the old convent space, thus proposing a Village Museum, with the intent of creating an edification directed to the population with a cultural, recreational and educational character.

**Key-words:** Revitalization, Rehabilitation, Sustainability, Reconversion, Museum.



## Agradecimentos

A realização do Projeto Final é uma importante etapa que marca a conclusão do Mestrado em Arquitetura de Interiores. Assim sendo, gostaria de agradecer a todos os que me acompanharam e contribuíram para a concretização desta tese.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus familiares pela força dada e pelo apoio incondicional em todos os momentos. Contribuíram para que este projeto fosse realizado nas melhores condições possíveis.

Em segundo lugar, tenho de agradecer à minha orientadora professora Isabel Rosa e ao meu coorientador professor Paulo de Almeida pela disponibilidade demonstrada sempre que precisei de ajuda no projeto; por me terem incentivado e aconselhado levando a um trabalho com maior rigor.

Por fim agradeço a todos os meus amigos e colegas de curso por todo o apoio que me deram durante a realização deste projeto.



## ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO .....	11
2.	ESTADO DA ARTE.....	15
3.	ENQUADRAMENTO DO TEMA.....	21
3.1.	Contexto Urbano – Vila Viçosa.....	21
3.2.	Antigo Convento da Nossa Senhora do Amparo.....	23
3.3.	Casos de estudo .....	25
3.3.1.	Museu do Chiado.....	25
3.3.2.	Museu Grão Vasco .....	29
3.4.	Museu – Conceito e Evolução.....	32
3.5.	Reabilitação em Espaços Conventuais .....	35
3.6.	Sustentabilidade na Reabilitação de Edifícios Antigos .....	36
4.	PROPOSTA .....	39
4.1.	Integração Urbana.....	39
4.2.	Princípios de Intervenção.....	41
4.3.	Programa.....	42
4.4.	Espaços Expositivos .....	47
4.5.	Iluminação .....	49
5.	CONCLUSÃO .....	51
6.	BIBLIOGRAFIA .....	53
	ÍNDICE DE IMAGENS .....	55



## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente é muito fácil encontrar edifícios que se encontrem em fase final de vida. Devido ao rápido desenvolvimento e crescimento urbano, na maior parte das vezes, muitos dos edifícios antigos, não acompanham esse desenvolvimento permanecendo esquecidos no espaço e no tempo, o que conduz inevitavelmente à degradação.

A reabilitação do edificado mostra-se assim como uma possibilidade de integrar arquitetonicamente estes conjuntos edificados mais antigos no desenvolvimento contínuo de uma cidade, devolvendo-os ao seu lugar, à população e à contemporaneidade, atribuindo-lhes novas funções. De facto é necessário reabilitar / recuperar pré-existências no sentido de atribuir novos usos, valorizando o existente, como testemunho, capaz de transmitir a história de uma cidade e de um tempo de modo a chegar aos cidadãos de hoje um pouco do passado e da história das suas cidades.

É neste contexto que se propõe a reconversão do Convento de Nossa Senhora do Amparo, antiga fábrica SOFAL, tentando compreender, de que modo se poderá preservar a arquitetura do edificado. Desta forma, será proposta a reabilitação do Convento de Nossa senhora do Amparo, para o Museu de Vila Viçosa, com o objetivo de criar um edificado direcionado à população, com carácter cultural, de lazer e educativo.

Este Convento foi sendo esquecido ao longo do tempo e atualmente encontra-se abandonado e degradado. À medida que este espaço vai perdendo a sua identidade, a sua revitalização torna-se uma necessidade cada vez maior.

Como resposta à revitalização do antigo convento mantendo e preservando a sua memória, propõe-se a criação do Museu da Vila, complementado com *ateliers*, auditório e residências.

A ampliação do antigo edifício com uma proposta de criação de uma nova construção promove a comunicação entre o passado e o presente. Este novo edificado que alberga o auditório e as residências, estabelece uma relação de continuidade com a antiga edificação.

A reabilitação proposta tem como objetivo criar um conjunto de atividades que permitam dinamizar o quotidiano da Vila.

Dirigido a um público diversificado, o edificado renovado irá transmitir um mais profundo conhecimento sobre a história da Vila. Mais do que um lugar onde se expõem documentos e objetos, este espaço pretende afirmar-se através da capacidade de resposta aos desafios da sociedade contemporânea, privilegiando iniciativas culturais e atividades lúdicas e pedagógicas que respondam aos interesses e expectativas dos vários públicos. Procurando assim, levar a arte a todos, proporcionando espaços onde se possa ensinar, aprender, imaginar, criar, expor e vender.

Para a realização desta proposta, tornou-se indispensável fazer um breve estudo relativamente à área de intervenção, pois quando a proposta tem como ponto de partida uma pré-existência tem de se ter em conta a sua história, função e local onde se insere.

É também de elevada relevância o conceito e evolução dos museus e quais as suas necessidades. A partir desta análise, foi então levantado um conjunto de questões teóricas e práticas que serviram de base e de justificação à proposta apresentada.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto de revitalização do Convento da Nossa Senhora do Amparo, constitui numa primeira fase a recolha e levantamento de dados a nível histórico, gráfico e fotográfico, através da consulta de documentos e visitas de reconhecimento ao local de intervenção. Este documento encontra-se dividido em três capítulos principais: a análise e enquadramento do tema, a proposta e a conclusão. O suporte teórico e prático acompanham-se um ao outro para uma melhor compreensão do projeto.

No capítulo da análise e enquadramento do tema é apresentado um estudo sobre os temas dominantes ao longo de todo o projeto: a área escolhida para intervenção e o contexto histórico do Convento da Nossa Senhora do Amparo, fazendo uma reflexão sobre a temporalidade na arquitetura, através da persistência do edifício que aceitou no tempo vários usos; a reabilitação em antigos espaços conventuais; a importância da sustentabilidade na reabilitação de pré-existências e o Museu — o seu conceito, origem e evolução, relacionando o papel dos museus na sociedade e a reflexão sobre a questão da adaptabilidade de um edifício num processo de reconversão. São também apresentados alguns casos de estudo, nomeadamente o caso do Museu do Chiado e o Museu Grão Vasco.



O capítulo da Proposta apresenta-se como resposta prática às questões levantadas no capítulo anterior. É assim descrito o programa que se pretende executar partindo da compreensão das qualidades arquitetônicas do edificado existente relacionando com as exigências formais e específicas para uma instituição museológica.

Por fim, a conclusão irá resumir brevemente as premissas que fundamentam a tese e justificar-se como solução prática para este espaço específico, fazendo uma reflexão sobre a aplicação dos temas propostos na solução apresentada.



## 2. ESTADO DA ARTE

A preocupação generalizada com a sustentabilidade não é recente, os primeiros indícios remontam à Revolução Industrial quando se provou ser incomportável para a vida humana a poluição provocada pela atividade fabril. No entanto, a verdadeira consciência social, quanto à dimensão abrangente da sustentabilidade, só começa a surgir nos anos 60, na época da procura da liberdade e justiça social.

De modo geral, é mais sustentável renovar e reutilizar edifícios já existentes do que demolir e construir de novo. A renovação envolve o consumo de menos materiais e menos energia em demolição e transporte. A preservação de edifícios que nos são familiares e que constituem marcos arquitetónicos, trazem assim, não só benefícios económicos como culturais.

É um facto que os edifícios mais antigos, sobretudo aqueles que tiveram um uso muito específico, não se adequam às exigências da sociedade contemporânea.

A salubridade, o conforto, a funcionalidade, as acessibilidades, e a habitabilidade são alguns dos aspetos, aos quais estes edifícios se encontram mais vulneráveis.

Se pretendemos devolver a edifícios pré-existentes a atratividade, mesmo que alterando a sua função, é necessário integrá-los num processo contínuo e essencial de transformação do meio edificado, em sintonia com as mudanças de estilo de vida na sociedade.

Deste modo, o desafio de gerir o património edificado existente, tem de ir muito mais além da mera proteção e da sua preservação. Há que salvaguardar os valores culturais que nos advêm do passado, sem recusar a transformação que a evolução da sociedade nos exige, em direção ao desenvolvimento sustentável.

Neste sentido, revela-se importante facilitarmos a implementação de todas as medidas que promovam a atratividade e a otimização do desempenho energético-ambiental do meio edificado, incentivando a sua reabilitação e revitalização.

Numa época em que a sustentabilidade se tornou uma inevitabilidade, este tema está diretamente relacionado com a reabilitação. A reabilitação de edifícios vai contribuir para aumentar a qualidade e melhorar o desempenho energético-ambiental das cidades. Durante o século XIX várias correntes foram formuladas no que diz respeito aos processos de conservação e restauro. Estas considerações estavam intimamente ligadas à ideia de autenticidade da arquitetura. Assim, nos séculos XIX e XX destacaram-se alguns teóricos que marcaram claramente a sua posição em relação ao modo de atingir a autenticidade.

William Morris, pintor e escritor, um dos principais fundadores do movimento *Arts and Crafts*, publicou, em 1877, um manifesto consequência de um modo de obviar à degradação aparente de edifícios históricos, e pela total ausência de manutenção e consequente insalubridade, afirmando a importância da manutenção de edifícios, bem como a sua implementação de forma inequívoca. William Morris escreveu este manifesto, que ainda hoje permanece como um fundamento filosófico sobre a manutenção de edifícios, juntamente com outros autores, como membros fundadores da *SPAB – Society for the Protection of Ancient Buildings*, criada em 1877, como oposição à restauração destrutiva que estava a ser praticada por alguns arquitetos.

John Ruskin crítico de arte preconizava um pensamento que se vinculava ao romantismo, dando ênfase à sensibilidade subjetiva e emotiva em contraponto com a razão. Na sua definição de restauração do património histórico, considerava a real destruição apenas daquilo que não se pode salvar. Acreditava na conservação da arquitetura do passado como representação da arte e da cultura de um determinado tempo. A história das construções era um modo de compreender a cultura de uma sociedade.

Eugène Viollet-Le-Duc, arquiteto, escritor, historiador e crítico desenvolveu vários projetos de restauro de edifícios da Idade Média. Grande admirador do período gótico, considerava que este era o modo mais racionalista da construção. Foi um dos primeiros teóricos a defender a preservação do património histórico. Para ele, o objetivo do restauro passava por uma reposição científica do objeto original, renegando todos os acrescentos de épocas posteriores. A procura do estado mais puro, suprimia todas as transformações e adições feitas após a sua criação, ignorando assim os marcos da sua própria história e evolução. A sua teoria defendia ainda a recuperação dos elementos deteriorados ou perdidos, ainda que a recuperação destes elementos fosse feita com base única e exclusivamente na dedução.

Intervir sobre uma pré-existência leva-nos a alguns conceitos como a identidade, que se refere ao modo como os sujeitos se relacionam, por um lado, com o tempo, e mais concretamente com as suas referências ao passado e à memória quer pessoal quer coletiva e, por outro lado, com o espaço, imediato ou representado, em que interagem.

É essencial compreender o modo como os indivíduos se relacionam com os lugares históricos e monumentais da cidade e daí retiram elementos com que procuram, de um ou outro modo, dar sentido ao seu próprio lugar no mundo contemporâneo. Sob o pano de fundo da cidade, espaço físico mas também simbólico de interação, procura-se ancorar a discussão na questão do património histórico-cultural, dando especial relevo ao significado atribuído às pré-existências.

As pré-existências das nossas cidades podem apresentar-se aos indivíduos com uma dupla qualidade: por um lado, são repositórios de outros modos de vida, por outro lado, estimulam a construção imaginada do presente. São fragmentos e sinais do passado. Ainda que seja um passado imaginado, e por isso mesmo, elas reconfortam-nos, tanto pessoal como coletivamente. Existe assim, uma necessidade do Homem, em conhecer a anterioridade, a fim de preservar e defender a sua identidade, com o objetivo de preservar a memória do edificado. O conceito de identidade deve articular-se com o conceito de memória quando se trata de preservar lugares com sentido de património cultural. A memória e a identidade assumem um papel fundamental ao determinar os valores de pré-existências e da cultura inerente a um espaço construído da cidade.

A arquitetura e os lugares de uma cidade constituem o cenário onde as nossas lembranças se formam, na medida em que as paisagens construídas fazem alusão a significados simbólicos, assim, a maneira como interpretamos as nossas experiências no espaço convertem-se e possibilitam-nos dar significado ao nosso mundo físico. A memória provém de origens diversificadas, de um imaginário que compreende experiências vividas, do passado e da história. A identidade atua mostrando determinadas permanências no tempo, é através da memória que conseguimos preservar a identidade de um lugar.

O lugar é assim, o suporte fundamental da identidade e da memória. O lugar, tem características específicas que vão para além das suas relações espaciais de localização e articulação com a envolvente, ele não existe por si só, inclui uma história, tradições e uma sociedade que o vive e que o utiliza, estas características conferem ao lugar, uma memória e uma identidade.

Maurice Halbwachs<sup>1</sup> (1950) dizia que, as comunidades não podem reconstruir o seu passado coletivo e fazê-lo persistir senão através das interpretações do presente. Por isso mesmo, a pré-existência que integra a paisagem estética da cidade de hoje é envolvida e transcrita nos termos de uma nova “materialidade”, imaginada a partir do presente, o que confere à memória coletiva, não apenas um carácter parcial, mas sobretudo “irreal”.

Os museus têm uma história recente que começa com o Iluminismo e depois acelera, dadas a sua multiplicação e variedade, em meados do séc. XIX, ocorrendo uma multiplicação de espaços museológicos à escala mundial.

---

<sup>1</sup> FORTUNA, Carlos, *Identities, Percursos e Paisagens culturais*, Celta Editora, Porto, 1999.

A identidade dos museus, como a identidade dos sujeitos, faz-se no presente e na experiência. O museu é um mundo de sensações, como o é o património, a cidade e a cultura. Nele entra-se hoje, para tocar as coisas, ver os objetos, ouvir os sons, sentir atmosferas, ou seja, construir e dar sentido à realidade, através da própria experiência sensorial e cognitiva.

Os museus apresentam-se com o propósito de fornecer símbolos culturais destinados a conferir um sentimento de pertença, permanência e continuidade em relação ao passado. A motivação principal dos turistas é a procura genuína da autenticidade, como experiência espontânea e culturalmente enriquecedora, numa sociedade saturada de artificialismo.

Afirmando-se como um espaço de salvaguarda de património, de memórias e de testemunhos, o museu é um espaço de grande valor simbólico, pois recolhe e conserva vestígios de um passado que importa conhecer e recordar, é um local onde se constroem e comunicam significados culturais. Os museus devem ser considerados elementos atrativos no desenvolvimento local e regional.

De acordo com o International Council of Museums (ICOM) *“o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe os testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição”*<sup>2</sup>. (Definição constante dos Estatutos do ICOM que tem vindo a evoluir desde 1946.)

Uma consequência direta da afluência de multidões de visitantes, é a alteração dos modelos de organização interna, verificando-se uma clara tendência de diminuição relativa das áreas dedicadas à exposição, perante o crescimento das áreas de acolhimento, lazer, consumo e educação. Paralelamente à procura de maior versatilidade dos espaços expositivos, de modo a possibilitar a realização de exposições temporárias, torna-se uma atividade vital para assegurar o fator novidade.

Assiste-se, então, a um crescimento da complexidade dos programas museológicos, com a inclusão de novas valências e de novos requisitos técnicos.

---

<sup>2</sup> ANICO, Marta. *Museus e Pós-Modernidade, Discursos e Performances em contextos Museológicos Locais*, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2008.

Um tema recorrente e incontornável é, precisamente, o contributo dos museus para a conservação e reabilitação do património arquitetónico. Durante séculos os museus portugueses foram-se instalando em edifícios que por uma ou por outra razão tinham perdido a sua função matricial – conventos, igrejas, palácios.

Tal como na generalidade dos países europeus, em Portugal e em Espanha a adaptação de edifícios antigos a programas museológicos prevalece, claramente sobre a construção de espaços concebidos de raiz para este tipo de uso.

De um modo geral, os museus ocupam imóveis classificados, ou inserem-se em conjuntos de com interesse patrimonial, nomeadamente em centros históricos, estabelecendo um diálogo entre o antigo e o novo, como é o caso do Museu Es Baluard, do Museu do Chiado e do Museu Municipal Amadeo de Souza Cardozo.

O Museu *Es Baluard*, Museu de Arte Moderna e Contemporânea, em Palma de Maiorca, está localizado num lugar privilegiado, no antigo bastião de *Sant Pere*, parte da muralha que cercou a cidade de Palma até ao início do século XX, inicialmente projetado por Giovan Palearo Fratin, mais tarde Jaime y Luís García Ruiz, Ángel Sánchez-Cantalejo y Vicent Tomás, foram os responsáveis pelo alargamento do museu. O diálogo entre a arquitetura contemporânea e as antigas muralhas está presente e constante, coexistindo em harmonia. De linhas simples e limpas e respeitando sempre o património histórico que o rodeia. O novo edificado está dividido em três pisos que se relacionam com o exterior e com as antigas muralhas, interligando-se através de rampas, claraboias e grandes varandas exteriores.

O Museu do Chiado, situado no antigo Convento de São Francisco está localizado no centro histórico de Lisboa. Enquanto instituição religiosa, o convento perdeu a sua importância, o seu espaço físico e arquitetura foram sendo constantemente transformados até aos dias de hoje. O Museu do Chiado foi o primeiro edifício concluído no histórico quarteirão lisboeta em reconstrução após o incêndio e o terramoto de 1755. Jean-Michel Wilmotte, arquiteto responsável pela reabilitação do edifício, conseguiu criar uma identidade visual e funcional em espaços que estavam em ruínas. O arquiteto conjugou exemplarmente os vestígios do passado com a mais atualizada linguagem arquitetónica e museológica, fundindo-se assim, a poética da criação artística, cruzando diversas épocas e linguagens arquiteturais. A renovação empreendida respeitou e valorizou os vestígios históricos pré-existentes, revelando-se através da preservação da parede dos fornos em tijolo, com uma entrada de luz zenital ao longo de toda a parede, relações de interior e exterior através de superfícies envidraçadas, e também pelo grande átrio que ostenta dois pilares em pedra lioz que suportam o teto abobadado em tijolo rústico.

O Museu Municipal Amadeo de Souza Cardozo situa-se em Amarante e está instalado no Convento Dominicano de S. Gonçalo de Amarante, o museu foi remodelado entre 1977 e 1988 pelo arquiteto Alcino Soutinho e julgamos ser uma referência da arquitetura portuguesa da segunda metade do século XX. Esta obra do fim do século XVI, foi significativamente alterada, no entanto, apesar das transformações continua a manter uma presença forte no perfil do aglomerado, constituindo juntamente com o rio e uma velha ponte a imagem da cidade. A intervenção de Alcino Soutinho visou restituir ao Convento a sua autenticidade, aceitando as contradições resultantes das suas múltiplas vivências, introduzindo estruturas modernas capazes de responder às novas realidades funcionais e exaltando seletivamente percursos, espaços e elementos arquitetónicos mais expressivos. O projeto passou pela reconstituição dos dois claustros, cujos espaços originais se encontravam desvirtuados pela demolição do corpo que os separava, e por uma nova estrutura destinada a exposições como forma de complementar o resto do edificado. A revitalização do monumento adquiriu um novo significado cívico-cultural, tornando-se um fator de desenvolvimento para a cidade e para o território envolvente.

Para responderem a crescentes exigências funcionais, muitos museus têm sido assim, renovados e ampliados. Destaque para a requalificação global do Museu Grão Vasco, localizado no Paço Episcopal, no centro histórico da cidade de Viseu, concluído em 2003, de acordo com o projeto de Eduardo Souto de Moura. Este museu, cuja coleção se relaciona com um longo processo de apropriação do tesouro da Catedral, sofreu uma sistemática evolução do seu espaço expositivo. A intenção de reabilitar o edifício não se inseriu num programa de desenvolvimento da cidade, mas prendeu-se essencialmente com a necessidade de encontrar soluções arquitetónicas que suprimissem as necessidades funcionais do museu, preservando o carácter do edifício existente e mantendo uma continuidade com a sua envolvente. Disposto em três pisos, o museu organiza-se em torno de dois pátios interiores, de carácter e funcionalidades diversos.



### 3. ENQUADRAMENTO DO TEMA

#### 3.1. Contexto Urbano – Vila Viçosa

Situado no distrito de Évora, o concelho de Vila Viçosa está limitado a Norte e a Este pelo concelho de Elvas, a Sul pelo concelho de Alandroal e a Oeste pelos concelhos de Borba e Redondo. Vila Viçosa é também chamada *Callipole* e os seus moradores dizem-se *Calipolenses*. Apesar da sua dimensão reduzida é caracterizada pela harmonia do seu todo, Vila Viçosa é uma Vila Alentejana rica em história e impressiona pela concentração de um património artístico, aos mais diversos níveis, os quais evocam uma história e anunciam uma mensagem.

Desde cedo ocupada pelo Homem, Vila Viçosa apresenta vestígios arqueológicos desde tempos pré-históricos, tendo sido ocupada pelos romanos e muçulmanos até ser conquistada em 1217, durante o reinado do rei D. Sancho II.

Em Vila Viçosa, cada uma das suas principais fases de desenvolvimento urbano está claramente inscrita no seu traçado. Podemos identificar cinco fases importantes no crescimento de Vila Viçosa, onde cada uma delas assume diferentes características morfológicas: a implantação do núcleo medieval em finais do século XIII, quando se erguem as muralhas e o castelo de Vila Viçosa, a segurança que esta edificação trouxe à população permitiu o desenvolvimento urbano em malha organizada de arruamentos estreitos e rectilíneos; o desenvolvimento do primeiro arrabalde extramuros ao longo dos séculos XIV e XV; a expansão urbana do século XVI; as transformações urbanas no século XVII, em consequência da reestruturação dos sistemas de fortificação; e as intervenções do Estado Novo em meados do século XX.

Até ao século XX, Vila Viçosa foi-se construindo através de sucessivas unidades de crescimento, que complementavam fases anteriores. Cada uma delas tinha em consideração a cidade existente, à qual era acrescentada uma nova malha urbana,



Figura 1 - Núcleo Medieval, finais do séc. XIII



Figura 2 - Expansão Urbana, finais do séc. XV



Figura 3 - Desenvolvimento Urbano, 2ª metade do séc. XVI



Figura 4 - Meados do séc. XX

mas tendo sempre a preocupação de estruturar uma nova proposta com uma lógica global para todo o conjunto urbano. As intervenções dos anos quarenta do século XX, não tiveram como intenção o crescimento da vila, mas sim a reestruturação do seu centro histórico.

Ao longo destas sucessivas fases de evolução encontramos um conjunto de princípios de estruturação urbana, de características morfológicas e de modos de conceber e de construir a cidade que se podem classificar como invariantes do urbanismo português.

Na década de 30, Vila Viçosa ergue-se devido à exploração de uma das suas maiores riquezas: o mármore. De facto Vila Viçosa é conhecida mesmo internacionalmente pela abundância de mármore na região, de onde se exporta mármore para todo o mundo. A economia do concelho de Vila Viçosa assenta essencialmente na indústria de extração e transformação do mármore.

Localizada numa das regiões mais férteis do Alentejo, Vila Viçosa apresenta inúmeros monumentos de grande interesse, destacando-se o Castelo medieval do século XIII, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a Igreja e Convento dos Agostinhos, os Conventos de Santa Cruz, Capuchos, da Esperança ou o renascentista Convento das Chagas, e o monumento de maior prestígio, o grandioso Palácio Ducal, que foi a antiga residência dos Duques de Bragança desde os princípios do Século XVI, a sua construção iniciou-se em 1502 e em 1537 aproveitando a necessidade de ampliar o palácio, mandou-se construir uma imponente fachada, a fachada principal, toda revestida de mármore da região, inspirando-se na arquitetura italiana renascentista.

### 3.2. Antigo Convento da Nossa Senhora do Amparo

É no contexto do movimento de expansão urbana quinhentista de Vila Viçosa que surge o Convento de Nossa Senhora do Amparo, situado a sul do atual largo Dom João IV.

Este Convento, edificado em 1590, pertencia à Congregação dos monges da Serra D'Ossa, adotando com algumas modificações a regra de Santo Agostinho. Edificado no antigo Rossio pelo reitor Frei Martinho de S. Paulo, é composto por uma igreja em cruz latina, de nave única com capelas intercomunicantes, transepto saliente, capela-mor de planta retangular, sacristia e claustro. A sua nave é constituída por seis capelas laterais interligadas através de corredores adotando um sistema utilizado no Alentejo a partir das igrejas eborenses de Santo Antão e Espírito Santo; a capela-mor foi durante o séc. XVII panteão da Casa de Bragança, decorada com estuques fingindo cantaria de mármore, com pavimento em ladrilho.

A sacristia considerada a mais grandiosa e imponente da vila tinha no topo um admirável altar de mármore branco; o claustro executado todo em mármore branco era composto por arcadas suportadas por pilares, rematadas por cornija, ao centro do claustro existia uma fonte, e o seu pavimento era de mármore com composição axadrezada, em branco e raiado a azul.

Em 1834, devido à extinção das ordens religiosas o Convento passou a ser palco de um teatro popular, e no ano seguinte foi apropriado pelo Regimento de Infantaria 4. Em 1921, as ruínas do convento foram vendidas à Sociedade Fabril Alentejana (SOFAL) e foram assim, precedidas obras estruturais para satisfazer as necessidades do ramo industrial para a instalação de uma fábrica de refinação de azeites e moagem de farinha.

Da grandiosa igreja, lançada em planta rectangular, abobadada, cruzeiro e capela-mor, subsiste a estrutura integral, hoje apenas subdividida pela utilização do lagar de azeite e preparação dos cereais, com dois corpos de andares distintos.

A zona envolvente é essencialmente habitacional, de prédios já antigos com pequenos logradouros nas traseiras, e com algum comércio. A população residente é, de uma forma geral, de uma faixa etária avançada.

Apesar do estado de ruína, o tempo não conseguiu apagar a memória das diferentes vidas do edifício para onde se projetam agora novas funções. As duas chaminés do tempo da fábrica são um fator de localização do próprio edifício.

Este espaço que foi em tempos Convento, passou de uma função religiosa para uma função cultural quando serviu o teatro popular e passou também por uma função fabril. Hoje em dia é propriedade privada e apresenta-se em mau estado de conservação. Propõe-se então a reabilitação deste espaço, a reconversão de usos, para novos espaços de caráter cultural, de lazer e educativo, de modo a preservar a memória e a própria história da Vila. Dirigido a um público diversificado, o edificado renovado irá transmitir um mais profundo conhecimento sobre a história da Vila.

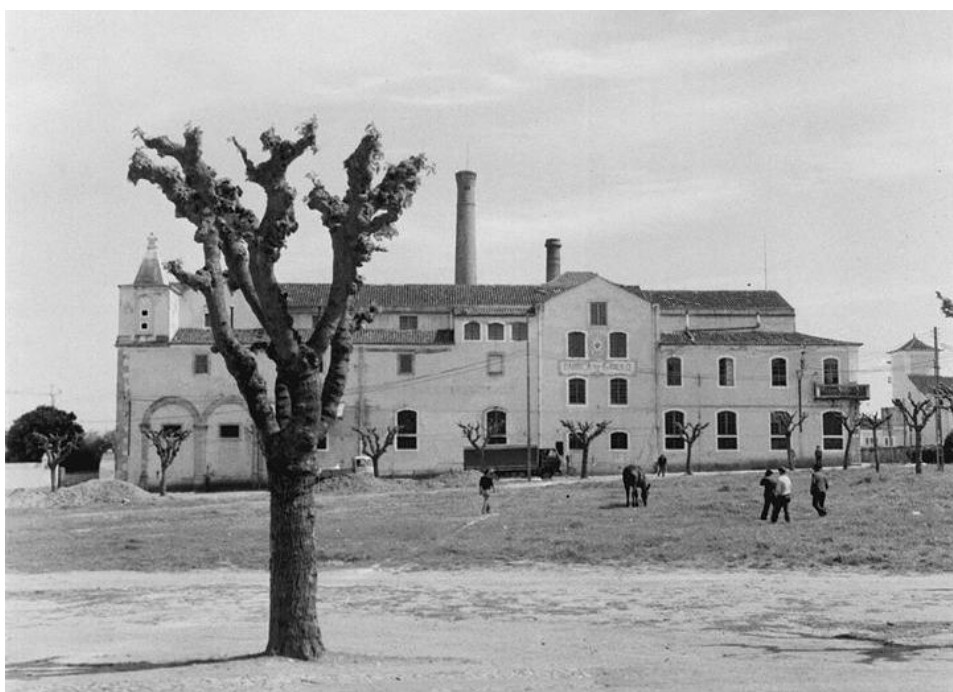


Figura 5 - Antigo Convento da Nossa Senhora do Amparo, 1979

### 3.3. Casos de estudo

#### 3.3.1. Museu do Chiado

O Convento de São Francisco situado no centro histórico de Lisboa, sofreu grandes transformações em consequência do incêndio e do terramoto de 1755. Apesar destes trágicos acontecimentos grande parte dos espaços conventuais sobreviveram: hoje em dia ocupados pela Faculdade de Belas Artes e pelo Museu do Chiado.

Enquanto instituição religiosa, o Convento perdeu a sua importância, o seu espaço físico e arquitetura foi sendo constantemente transformado até aos dias de hoje.

Situado no antigo Convento de São Francisco de origem medieval, lugar prestigiado, foi inaugurado em 1994, o Museu do Chiado que foi o primeiro equipamento concluído no histórico bairro lisboeta em reconstrução.

Jean-Michel Wilmotte, arquiteto responsável pela reabilitação do edifício, conseguiu dar uma identidade visual e funcional aos espaços que se encontravam em ruínas. Este arquiteto conjugou exemplarmente os vestígios do passado com a mais atualizada linguagem arquitetónica e museológica, fundindo-se assim, a poética da criação artística, cruzando diversas épocas e linguagens arquitetónicas.

A partir da entrada feita pela rua Serpa Pinto, entramos no átrio do museu que serve de ingresso e acolhimento aos visitantes. Este átrio ostenta dois pilares em pedra lioz que suportam o teto abobadado em tijolo rústico. A renovação empreendida respeitou e valorizou os vestígios históricos pré-existentes, tomando partido do pé-direito elevado através de uma plataforma sustenta que permite um nível de visita intermédio constituído por dois passadiços.

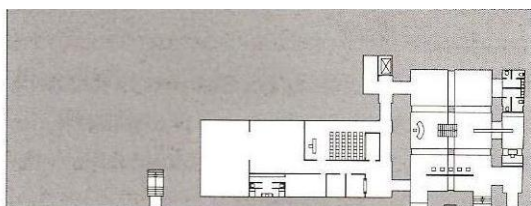


Figura 6 - Museu do Chiado - Piso 0

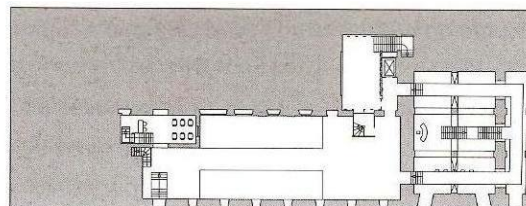


Figura 7 - Museu do Chiado - Piso 1

A partir do átrio podemos aceder a uma sala polivalente, espaço destinado a cacifos e instalações sanitárias, à loja e a uma escadaria principal que nos conduz para os pisos superiores do museu.

A escadaria principal dá então acesso a dois passadiços de guardas envidraçadas, por um lado acedemos ao jardim, e pelo outro acedemos aos espaços de exposição. Estes passadiços adquiriram uma dupla função, para além de elemento de passagem que distribuiu para os diferentes espaços, incorpora elementos técnicos que permitem iluminar o átrio.

Os tons cinzas predominam na sala subsequente e superior, onde se expõe esculturas, apesar de pequeno este espaço expositivo é ilusoriamente ampliado por um rasgamento vertical. A relação das peças de escultura com o espaço arquitetónico está muito marcada, servindo como pontuação de percursos, reafirmação de volumes e na constituição de uma sequência, ao longo de todo o itinerário. Assim, a disposição das peças é simultaneamente percebida como um elemento valorizado do espaço. Através de uma escadaria de pedra o visitante acede ao segundo piso, onde se pode observar a preservação da parede dos fornos em tijolo com a sua expressão original e com uma entrada de luz zenital ao longo de toda esta parede. Na sala dos fornos existe uma relação entre interior e exterior, promovida por superfícies envidraçadas, permitindo estar contacto com a rua, com o jardim, com o *hall* inferior e com o terraço.

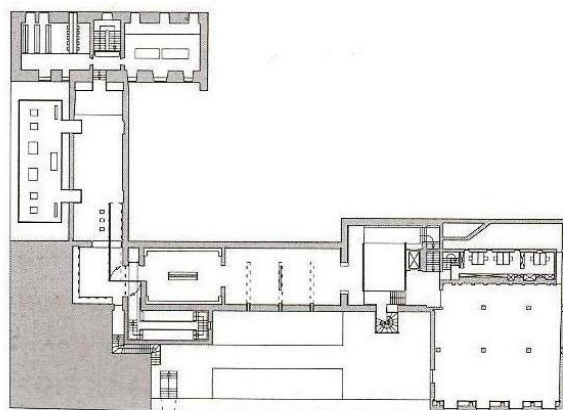


Figura 8 - Museu do Chiado - Piso 2

Esta sala alberga quase exclusivamente obras de pintura, é muito marcada pela organização tradicional de “sala”, e é tratada com um desenho sóbrio e proporcionador de observação concentrada de cada obra exposta. Utilizando processos tradicionais de exposição de obras, estes espaços utilizam de forma bem controlada a iluminação artificial, permitindo uma observação global e pormenorizada de cada obra.

Um novo lance de escadas conduz a uma galeria rectangular que contacta visualmente com a sala da escultura e permite o acesso aos gabinetes de direção e terraços superiores. O percurso expositivo continua pelas duas galerias longitudinais e comunicantes em forma de L, iluminadas por estreitas frestas de iluminação natural ao longo do percurso. Este piso, destinado a exposições temporárias, assume alguma neutralidade, por forma a não condicionar excessivamente as diferentes realizações que ali possam ocorrer.

Terminando o itinerário, o visitante pode descer até ao espaço da cafeteria e aceder à esplanada e ao jardim exterior de esculturas.

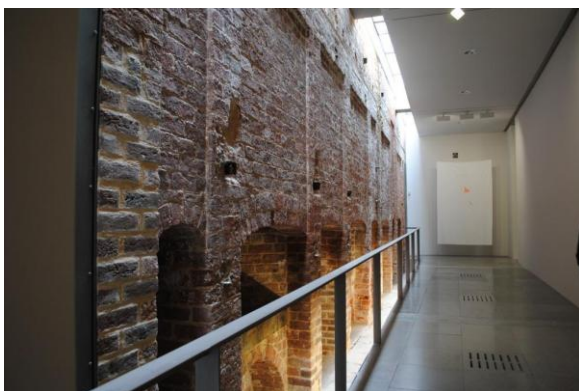


Figura 9 - Sala dos Fornos



Figura 10 - Acesso à cafeteria

As transparências criadas de um espaço para o outro e no jardim permitem um diálogo permanente entre interior e exterior, convidando a luz do sol a penetrar e controlando ao mesmo tempo a sua intensidade fazendo com o que o visitante tenha uma leitura do percurso e um sentimento de conforto visual ao longo da exposição. A luz artificial vem equilibrar a luz natural, sublinhar os elementos arquitetónicos e valorizar as obras expostas.

Ao analisar todo o edifício deparamo-nos com numerosos pormenores, desde as juntas, as arestas com ângulos diferentes, os expositores, as *vitrines* e os sistemas de suspensão das peças foram desenhados com particular cuidado. Para além destes pormenores, os passadiços e escadaria de acesso, o balcão de atendimento, painéis de sinalética, guardas envidraçadas, mobiliário, sistemas de iluminação e suportes de obras de arte foram integralmente desenhados por Wilmotte, que utilizou materiais como a pedra de Estremoz, o metal e as madeiras bem como de uma paleta cromática de cinzas, valorizada pela pedra de azulina de Cascais, polida, que reveste o pavimento. Todo este desenho de mobiliário e pormenores criado por Wilmotte permitiu dar uma coerência ao conjunto de todo o projeto.



### 3.3.2. Museu Grão Vasco

Localizado no Paço Episcopal, ou Paço dos três Escalões, no centro histórico da cidade de Viseu, o edifício do Museu Grão Vasco foi alvo de reabilitação, entre 2001 e 2003, por parte do arquiteto português Eduardo Souto de Moura.

A intenção de reabilitar o edifício do Museu Grão Vasco prendeu-se essencialmente com a necessidade de encontrar soluções arquitetónicas que suprimissem as necessidades funcionais do Museu. Esta opção de reabilitar o edifício, que havia sido parcamente remodelado no início do século XX, vai de encontro à preferência generalizada de países europeus, que privilegiam a implementação de programas museológicos em edifícios antigos, em detrimento das construções de raiz.

Sendo o Museu Grão Vasco um edifício singular e emblemático da cidade de Viseu foi preservada ao máximo a sua identidade exterior, olhando apenas para o exterior enquanto referência contextual, o autor, Eduardo Souto de Moura centrou-se na transformação do espaço interior.

A conceção do edifício foi de encontro à resolução de problemáticas específicas, como a falta de densidade expositiva e desarticulação de percursos expositivos, acessos verticais que permitam aceder a todos os pisos, a iluminação desadequada, a inexistência de condições de controlo ambiental, a carência de espaços destinados a suportar atividades públicas e de apoio aos visitantes, traduzidas na inexistência de auditório e cafeteria. O edifício necessitou, neste sentido, de uma transformação interna de grande escala, onde o programa foi totalmente redistribuído.

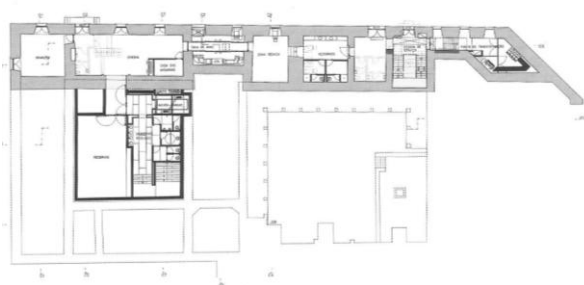


Figura 11 - Museu Grão Vasco - Piso -1

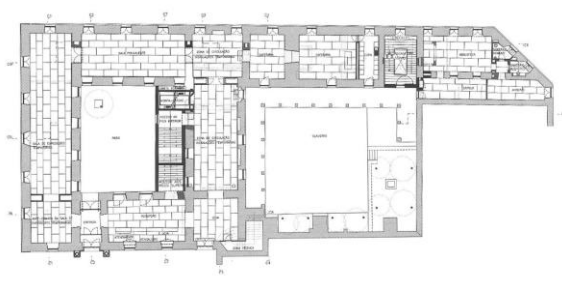


Figura 12 - Museu Grão Vasco – Piso 0

A entrada para o Museu é feita através da Praça da Sé. Distribuído em três pisos, o Museu organiza-se em torno de dois pátios interiores, de carácter e funcionalidades diversas. O pátio mais reduzido é destinado a local de exposições temporárias e é parcialmente utilizado para a colocação dos acessos verticais do edifício (monta cargas e caixa de escadas), fazendo a ligação entre os diversos pisos de exposição, o piso de entrada e a cave. O segundo pátio configura uma galeria em todos os pisos expositivos. Esta galeria faz a conexão das áreas expositivas com uma área de serviços contígua a Sé, aproveitada no primeiro e segundo piso para área administrativa e de reservas, respetivamente.

O programa foi distribuído ao longo dos vários pisos. Na cave situam-se as instalações técnicas, as reservas, a oficina e as instalações sanitárias públicas. No piso térreo podemos encontrar a receção com bengaleiro, a loja, o auditório, a biblioteca com arquivo, a cafetaria e a sala para exposições temporárias. O primeiro piso destina-se à instalação de material expositivo com valor museológico que não possa ser colocado no piso superior, bem como as áreas administrativas. No segundo piso situam-se as reservas e salas de exposição.

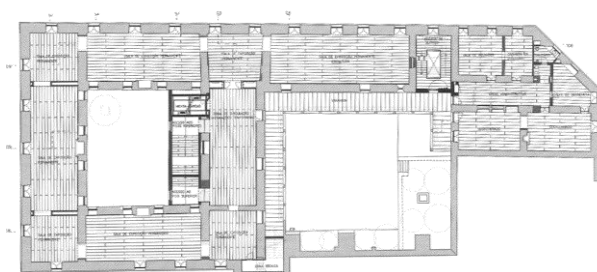


Figura 13 - Museu Grão Vasco - Piso 1

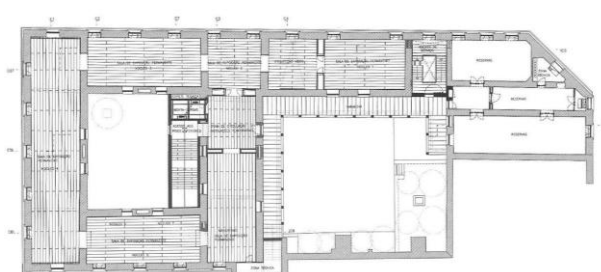


Figura 14 - Museu Grão Vasco - Piso 2

Os pisos destinados a exposição foram redefinidos, aumentando o pé direito no último piso e demolindo algumas paredes, com o objetivo de aumentar a dimensão das salas de exposição. A organização interior do espaço expositivo segue um esquema e agrupamento sequencial de salas comunicantes entre si. Nos espaços expositivos a iluminação é uniforme e difusa, num efeito conduzido através de luz artificial, foi assim, criado uma calha de iluminação suspensa. Os vãos são responsáveis pela ventilação do edifício que em conjunto com o pavimento radiante, controlam a temperatura do edifício.

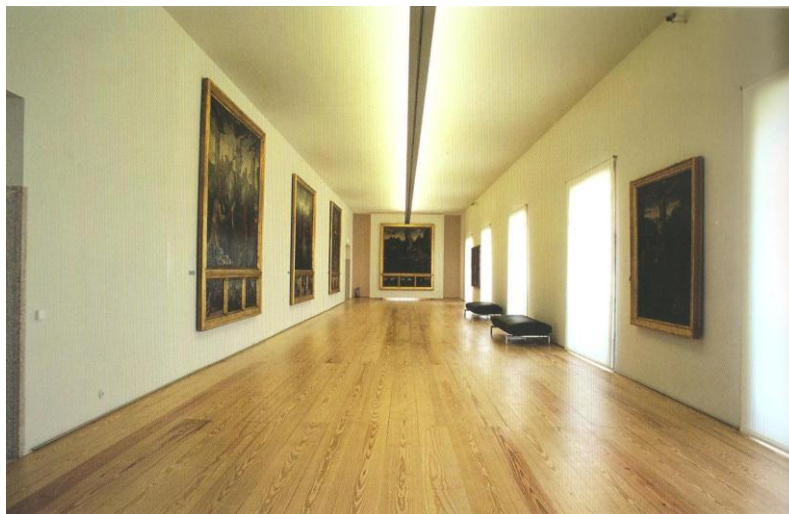
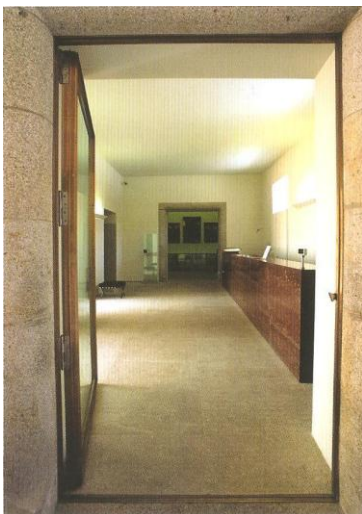


Figura 15 - Museu Grão Vasco - Recepção      Figura 16 - Museu Grão Vasco - Espaço Expositivo

Os materiais utilizados pretendem assimilar-se aos pré-existentes, apresentando paredes de reboco de saibro e cal, azulejo artesanal nas instalações sanitárias, e pavimento em soalho de pinho manso nos pisos superiores. Nas salas de exposição, os tetos falsos em gesso cartonado permitem a inclusão de iluminação continua embutida. O pavimento em betão das galerias do claustro foi substituído por lajeado de pedra.

Na fachada, a intenção de manter a imagem do edifício permanece, exceptuando alguns elementos, é assim redesenhada a caixilharia de madeira em latão oxidado, para receber vidros duplos, permitindo uma melhoria das condições térmicas.

### 3.4. Museu – Conceito e Evolução

O museu e a exposição, no sentido que lhes é dado hoje, são uma realidade bastante diferente dos seus conceitos originais.

Objeto de progressiva descoberta, inicialmente o colecionismo relacionava-se exclusivamente com a época da Antiguidade Clássica. Os locais escolhidos para guardar e expor pequenos troféus, estátuas ou objetos de valor artístico, limitavam-se a espaços como pátios e jardins. Estes espaços foram evoluindo pela formulação de desejos pragmáticos, enumerando as características e qualidades dos novos espaços a criar.

Na Idade Média começaram a surgir exposições de peças artísticas de algum valor em espaços religiosos.

Os espaços antecessores dos museus são as galerias, espaços unitários de exposição. Representam uma resposta às necessidades de exposição de obras de arte, praticamente restritas à escultura e pintura, constituindo uma evolução face aos espaços porticados exteriores, que constituíram as primeiras soluções de espaços expositivos.

Na Europa do século XVII eram já denominadas de museu as recolhas e coleções realizadas pelo clero, aristocracia, homens da ciência e humanistas. A sua abertura a um público restrito estava ainda próxima do sentido da coleção privada. Apenas as classes mais altas e algumas elites interessadas na cultura eram frequentadoras destes espaços.

Se o Iluminismo cria e configura o Museu, é a Revolução Francesa que o abre aos novos direitos de cidadania, na aspiração à igualdade. Por volta de 1792 institui-se uma mudança que assenta na ideia de que o Museu deve ser incluído no sistema de ensino e formação dos cidadãos<sup>3</sup>. Assim, apenas no final do século XVIII, o museu aparece como ideia de exposição de coleções de livre acesso. A Revolução Francesa consagra assim em definitivo a abertura pública do museu e o alargamento das suas funções à salvaguarda da arte e sua divulgação, como afirmação de uma cultura, e salvaguardando os seus bens patrimoniais e artísticos.

---

<sup>3</sup> GUMARÃES, CARLOS. *Arquitectura e museus em Portugal: Entre Reinterpretação e Obra Nova*. Porto : FAUP Editora, 2004.

O século XIX assistira ao nascimento de inúmeros novos museus e à transformação de muitos outros, sentindo uma necessidade de ampliar as suas instalações para melhor responder a uma maior afluência. Durante a primeira metade do século XIX os museus começam a especializar-se – em arte, arqueologia, ciências naturais, artes aplicadas, entre outros.

Acompanhando um processo de mudanças, um outro campo vai-se constituir como pano de fundo cultural e legislativo, fundamentador do que constituía matéria-prima para o universo museológico: o do Património. Visando a defesa dos valores patrimoniais, devidamente explicitados quanto à sua tradução materializada em testemunhos que por si constituíam prova da história e memória do passado que importaria preservar.

Com a abolição das ordens religiosas em 1834 e o abandono de conventos, subitamente procedeu-se a uma concentração de obras, no entanto, quer as condições de acolhimento e conservação, quer nas de inventariação e classificação das obras eram insipientes. Verificava-se uma escassez de meios e a inexistência de um mercado de arte inovador e referente.

Na segunda metade do século XIX, surgem novos desejos e programas para o campo museológico, que vê também nascer as primeiras formulações de museus temáticos.

Palácios, conventos, paços episcopais, igrejas e outros edifícios afetos a uso público ofereceram-se como um património construído a reutilizar, redefinindo novos usos. É assim iniciada uma política de restauro e recuperação de património artístico com forte valor simbólico das raízes e histórias nacionais, desencadeando um conjunto de intervenções sem precedentes na valorização de testemunhos construídos do passado.

Estratégia que revitalizava valores do passado em construções herdadas da História, dispersas por todo o território.

A tomada de consciência cada vez mais generalizada da importância que este tipo de equipamento pode desempenhar como lugar de preservação e afirmação das memórias e seus patrimónios materiais, a aspiração à salvaguarda, conservação e divulgação promocional das raízes de cada lugar, vila, cidade ou região, têm servido para a promoção e criação de um grande número de museus.

Inicialmente nas coleções expostas nos museus não haviam preocupações quanto à iluminação, distribuição e percursos. Limitavam-se a expor de forma desorganizada as suas peças. Com o terminar da Segunda Guerra Mundial os museus tornaram-se finalmente acessíveis ao público em geral, tornando-se polos atrativos das cidades. Com as especializações, os novos conhecimentos científicos e as necessidades requeridas pela sociedade vai ser necessário dotar estes edifícios de novas áreas específicas para além das

salas de exposição, vão ser fundamentais inserir novas áreas nestes espaços, como armazéns próprios para conservar as obras, laboratórios cuja função passa pela restauração e recuperação das obras expostas, espaços administrativos e loja.

A significativa evolução dos museus torna-se perceptível no papel urbano que estes passam a assumir, tornando-se elementos de referência nas cidades, elevando a sua qualidade, quer como monumentos quer como espaços de arte.

Os museus apresentam-se assim, como o meio mais tradicional de expor a arte e transmitir a cultura e a criatividade, promovendo a cultura. São vistos como lugares que estimulam o conhecimento individual, bem como uma apetência para a sensibilidade artística. O museu existe para preservar, documentar e investigar os testemunhos da humanidade, agentes de arquivo e divulgação, lugar de memória e de criação artística.

### 3.5. Reabilitação em Espaços Conventuais

Desde muito cedo que os espaços religiosos foram eleitos para a conservação e exposição de peças artísticas com certo valor histórico. Com a abolição das ordens religiosas em 1834 e o abandono de conventos, e com a necessidade de espaços e equipamentos públicos, procedeu-se à ocupação destes espaços conferindo-lhes novas funcionalidades, nomeadamente para acolhimento de obras artísticas, alterando-se o carácter e a estrutura de muitos edifícios conventuais. No entanto, devido às más condições de acolhimento e conservação com que estes espaços se apresentavam, foi necessário uma reconversão dos usos destes espaços, revitalizando-os, associado a uma política de restauro e recuperação de património.

O processo de reutilização dos conventos permitiu atribuir-lhes as mais diversas funções, e se antes foram concebidos como organismos encerrados e centralizados, por espaços interiores de socialização restrita, passam mais tarde a adquirir usos públicos que os integram na dinâmica económica e social.

Alguns dos critérios básicos de reabilitação, assentam na preservação dos valores históricos; elevando a qualidade de vida dos habitantes; revitalizando as diversas atividades urbanas, de modo a potenciar a instalação de novas sinergias económicas. A opção de reabilitar edifícios pré-existentes prende-se na maior parte das vezes com o seu valor histórico, arquitetónico ou patrimonial e são tendencialmente espaços ou edifícios que contêm memórias coletivas.

A reabilitação surge assim da política de conservação de património, como uma possibilidade concreta de reutilizar a arquitetura, a estrutura e os elementos construtivos dos edifícios antigos, dando-lhes novas funcionalidades e adaptando-os às necessidades e exigências de uso contemporâneo, evitando a perda dos seus valores estéticos, históricos e arquitetónicos. Deste modo, a recuperação de um edifício tem como objetivos essenciais a preservação, proteção, conservação e valorização. Os edifícios conventuais apresentam assim grandes potencialidades, que o passado coloca à disposição para combater a perda de identidade dos lugares da cidade, retribuindo-lhes qualidades e benefícios sociais, urbanos e arquitetónicos.

### 3.6. Sustentabilidade na Reabilitação de Edifícios Antigos

Diretamente relacionada com a reabilitação aparece a questão da sustentabilidade. É mais justificável reabilitar e reutilizar edifícios já existentes, caso estes apresentem valor patrimonial inquestionável, do que demolir e construir de novo.

“A construção sustentável é a solução para muitos dos problemas e deve urgentemente tornar-se a norma, pois salvaguarda o conforto e salubridade dos que habitam, garante uma utilização racional de todos os recursos e protege e potencia o bom desempenho dos ecossistemas.”<sup>4</sup>

É preciso ganhar consciência do impacto ambiental e que todos os nossos gestos e práticas podem comprometer a qualidade do futuro, cada vez mais próximo do presente, tornando-se assim necessário repensar as formas de organização e de construção sustentável.

A reabilitação de edifícios antigos é atualmente uma tarefa de grande relevância em todo o mundo, quer seja por razões culturais, ambientais ou económicas. A preservação de valores culturais é essencial de modo a poder mostrar a evolução e como os edifícios se foram adaptando continuamente a diferentes formas de viver. Relativamente à proteção ambiental, é necessário ter presente que reabilitar edifícios antigos significa preservar uma grande parte dos elementos construídos, reduzindo a quantidade de demolições necessárias e correspondentes reconstruções, consumindo menores quantidades de energia na produção. Uma maior proteção ambiental passa também pela seleção dos materiais de construção, permitindo evitar riscos ambientais e privilegiando materiais ecológicos, recicláveis, renováveis e tradicionais, se possível, provenientes de locais próximos da construção, garantindo a minimização do transporte e a maximização da possibilidade de substituição.

As vantagens ambientais que decorrem da reabilitação são um fator com grande peso na avaliação da sustentabilidade de uma intervenção, em que é preservada grande parte do objeto construído existente. Existem inúmeros fatores que contribuem para uma construção sustentável e um maior conforto ambiental, passando pela eficiência energética, energias renováveis e escolha de materiais sustentáveis.

---

<sup>4</sup> TIRONE, LÍVIA. *Construção Sustentável: soluções eficientes hoje são a nossa riqueza amanhã*. Sintra : Tirone Nunes, 2010



A orientação solar dos edifícios é determinante para garantir boas condições de conforto interiores e exteriores. Para uma melhor otimização do microclima é necessário existir um controlo da radiação solar, tendo em conta a orientação das diferentes fachadas, podendo recorrer a sistemas de sombreamento ou à vegetação, pois esta absorve a radiação e protege o solo e as fachadas dos edifícios do sobreaquecimento. A presença da vegetação é benéfica tanto ao nível microclimático como macroclimático, tem a capacidade de se manter fresca durante o dia, produzir oxigénio e absorver dióxido de carbono, essenciais para o arrefecimento de espaços exteriores e criação de sombreamentos.

Para além da presença de espaços verdes, a presença de massas contribui para amenizar a temperatura. As massas de água possuem uma elevada capacidade de armazenamento térmico, ajudando a moderar as temperaturas extremas.

Os edifícios que têm luz natural são, em regra, mais agradáveis do que aqueles que são iluminados por meios artificiais. O aproveitamento máximo da iluminação natural é assim essencial. O uso otimizado da luz natural, especialmente em edifícios frequentados maioritariamente durante o dia, representa uma grande redução das necessidades energéticas relacionadas com o conforto visual e o bem-estar dos ocupantes. Para um maior conforto e qualidade do ar no interior do edifício é também fundamental a ventilação natural, pois esta potencia a redução de consumos energéticos, mas em grandes edifícios esta pode ser insuficiente para assegurar a renovação do ar, recorrendo-se a sistemas mecânicos ativos com pré-aquecimento ou arrefecimento.

As intervenções de reabilitação constituem assim uma oportunidade de dotar o edificado existente de um melhor desempenho ambiental.



## 4. PROPOSTA

### 4.1. Integração Urbana

Numa primeira fase pretende-se integrar o projeto desenvolvido para o antigo Convento da Nossa Senhora do Amparo na malha urbana de Vila Viçosa. Este edificado situa-se a sul do largo D. João IV, um espaço amplo mas desaproveitado, assim como outras zonas da vila, onde encontramos áreas com espaços abertos propícios a zonas de lazer e a espaços verdes que atualmente não estão bem aproveitados.

Vila Viçosa é uma vila com grandes potencialidades, desde os seus diversos pontos de vista para o castelo, a sua história, o seu vasto património arquitetónico, as suas grandes pedreiras e está dotada de alguns equipamentos, como escolas, zona desportiva, comércio e muito recentemente foi edificado um centro de saúde mesmo junto ao Convento da Nossa Senhora do Amparo. Existe porém uma grande falta de manutenção em muitos edifícios e também nos espaços verdes e de lazer, assim como alguma escassez no estacionamento.

Torna-se assim necessário dotar este espaço de um conjunto de equipamentos atrativos que promovam a vivência na vila. Assim, analisando as principais carências e tentando perceber quais as funções que poderiam conferir a este espaço atividade permanente, foram propostas novas funcionalidades para o espaço do Convento da Nossa Senhora do Amparo. Propõe-se então a criação do Museu de Vila Viçosa e ateliers de trabalho, complementado com novos volumes que vão albergar um auditório e um hotel, dado que em Vila Viçosa existe uma grande falta de residências hoteleiras que possam acomodar visitantes e turistas. Os equipamentos propostos são dirigidos a um público diversificado e pretendem dar uma dinâmica constante a este espaço, funcionando como polo atrativo para a vida da vila, assim como a proposta de organização dos espaços verdes e de lazer.

A área de intervenção encontra-se entre o limite da zona histórica da vila e os mais recentes blocos habitacionais. O edificado está assim delimitado a Sudoeste pela rua do Convento, a noroeste pela rua André Gomes Pereira onde apresenta uma ligação bastante forte com o largo D. João IV e a nordeste temos a rua Henrique Pousão, uma rua de sentido único com muito pouco movimento. A sudeste encontramos uma ampla área com um conjunto de edificado em grande estado de degradação e um armazém.

Este conjunto de edificado pertencia ao convento no tempo em que funcionava como fábrica (SOFAL - Sociedade Fabril Alentejana), desprovido de cobertura e com partes da fachada que se apresentam num estado bastante avançado de degradação. É proposta a sua demolição, reorganizando este espaço e dando lugar a um novo volume.



Figura 17 - Edificado existente



Figura 18 - Edificado proposto

Através da demolição deste conjunto de edifícios é conseguida uma permeabilidade, criando novas entradas e pontos de comunicação entre a área de intervenção e a sua envolvente. A partir desta proposta é possível a criação de um vazio entre o Convento e o novo edifício, convidando o habitante a entrar num novo espaço, constituído por zonas verdes, zonas de estar e de uma esplanada.

Esta proposta vem também solucionar a escassez de estacionamento, abrindo uma nova passagem entre a rua Henrique Pousão e a rua do Convento. Desta maneira foi possível a colocação de uma área de estacionamento para os utentes deste novo espaço.

## 4.2. Princípios de Intervenção

Esta intervenção surge como uma oportunidade de revitalizar uma parte esquecida do tecido urbano de Vila Viçosa. O objetivo para este conjunto edificado do Convento da Nossa Senhora do Amparo na sua qualidade arquitetónica passa por reabilitar o espaço reafirmando o seu papel na Vila.

A pré-existência que vai albergar o museu tem uma forte ligação com o largo D. João IV, a partir da qual se vai poder aceder ao interior do edifício. Este edificado apresenta na sua envolvente uma zona com uma área de espaço verde, mercado, centro de saúde e habitações.

Barry Lord<sup>5</sup> defende que os museus têm a população como final utilizador e é com esse objetivo que devem ser projetados. Os museus devem responder às necessidades dos visitantes, compreendendo e antevendo as suas preocupações, e por isso todo o projeto deve ter o público como principal preocupação. Nesta perspetiva, a relação entre museu e utilizadores é essencial para determinar o seu sucesso.

Consequentemente e por apelarem a um público cada vez mais vasto, os museus contemporâneos têm vindo a afirmar-se, não só como espaços expositivos e de divulgação cultural e artística, como também, espaços que potenciem a interação dos cidadãos com a cidade e a cultura representativa da mesma, suporte de encontro e de comunhão das populações, mobilizadas pela procura da novidade, do espetáculo e do divertimento. Neste sentido, é proposto um museu, complementado com salas de *ateliers*, salas de *workshops* e de projeção com o objetivo de promover a aprendizagem, entretenimento, curiosidade, e prover o espaço de motivos sociais.

Este edifício vai ser complementado por um novo volume que nasce e que tem como elemento de ligação uma das chaminés existentes, é a partir dela que se vai gerar todo este novo volume que vai acolher o auditório e o hotel onde, neste último se encontram o restaurante e uma cafetaria com uma esplanada no exterior, que poderá ser utilizada tanto pelos utentes do hotel como pelos visitantes do museu, auditório, *ateliers* ou qualquer residente da vila. Estes novos equipamentos têm como principal objetivo a dinamização de Vila Viçosa.

---

<sup>5</sup> LORD, BARRY. LORD GAIL DEXTER. *The Manual of Museum Planning*. London: The Stationery Office. 1999

### 4.3. Programa

Foi com base na análise feita nos capítulos anteriores que foi desenvolvido a reabilitação do Convento da Nossa Senhora do Amparo, reconvertendo-o para Museu de Vila Viçosa.

O programa para o espaço museológico deve ser cuidadosamente pensado, uma vez que sugere a recuperação de uma pré-existência, com o objetivo de alterar a sua funcionalidade. Este edificado apresenta um conjunto de limitações espaciais e de carências de algumas infraestruturas. Existiram assim alguns aspetos que delinearam o acondicionamento a este novo espaço, nomeadamente, os núcleos de acesso foram alterados para acolher um novo tipo de utilizadores, assim como os acessos de escadas existentes no edifício foram removidos em consequência do seu grave estado de conservação e das imposições da adaptação à nova função. Foram também edificadas três novos lances de escadas de acordo com as normas de segurança.

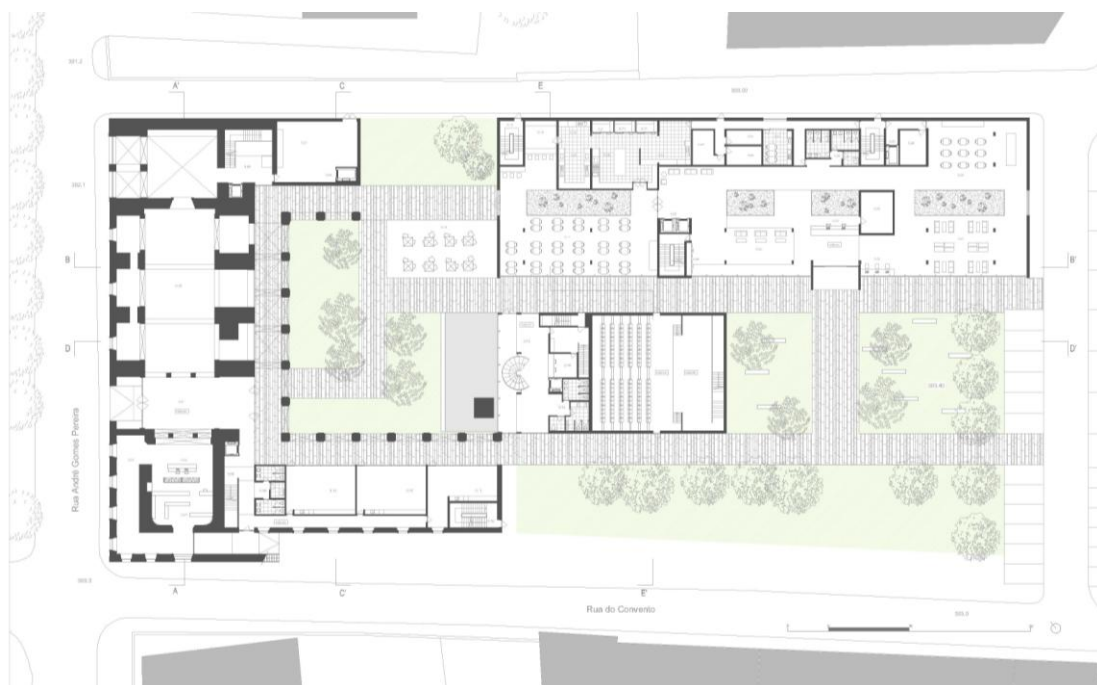


Figura 19 - Planta Piso 0

A entrada para o Museu é então feita a partir da rua André Gomes Pereira junto ao largo D. João IV. Entramos a partir do antigo transepto do Convento de duplo pé-direito onde temos o átrio que deixa antever o jardim no interior do claustro, e que dá acesso aos espaços expositivos e aos *ateliers*. Mais do que um espaço de distribuição o átrio desempenha um papel essencial no interior do museu, é o ponto de partida privilegiado para o primeiro contacto com a arquitetura, o espaço expositivo, cultural e pedagógico. O átrio funciona assim como uma zona de transição e no seu interior alberga a loja e o bengaleiro, junto a este espaço temos ainda uma pequena exposição temporária que vai conduzir o utilizador até à loja do museu.



Figura 20 - Corte AA'

A exposição temporária encontra-se localizada no primeiro piso do edifício, com carácter menos rígido que a exposição permanente e de grandes dimensões. Pretende-se assim criar um espaço mais flexível para poder receber vários tipos de exposições, uma vez que a organização do espaço pode variar muito de exposição para exposição. Este pode ainda ser um local de apresentação de trabalhos produzidos pelas atividades que possam ser elaboradas nos *ateliers*. O percurso continua no piso superior onde se organiza uma nova zona expositiva, este piso é dedicado à história de Vila Viçosa, neste espaço estariam assim documentados a história e evolução de Vila Viçosa, com fotografias de várias épocas até à atualidade. Do lado mais a nordeste do edifício encontra-se o armazém e as dependências técnicas ao longo dos pisos.

Para além do espaço expositivo, pretende-se criar as condições necessárias para atividades pedagógicas e culturais do museu, como: *workshops*, conferências e espetáculos. O serviço educativo desempenha um papel fundamental no funcionamento e difusão dos museus. Nesta perspetiva são criadas condições para o desenvolvimento de atividades pedagógicas de diversas áreas para a dinamização do espaço.

No primeiro piso temos três *ateliers*, espaços de duplo pé-direito com contacto direto com o jardim no interior do antigo claustro, dando a possibilidade dos seus utentes poderem desfrutar tanto da luz natural, como da presença dos espaços verdes ou até mesmo poderem trabalhar ao ar livre, dependendo da atividade a decorrer. Os *ateliers* podem ser acedidos através de uma entrada independente ou pelo átrio do museu. No piso superior temos ainda uma sala de *workshop* e uma sala de projeção que permite a assistência de filmes, documentários ou outro tipo de suportes digitais. Ainda neste piso temos um pequeno bar com zona de convívio para os utentes destes espaços e instalações sanitárias. Tanto os *ateliers*, como a sala de *workshop* têm como função receber o mais variado tipo de atividades, desde trabalhos manuais de escultura, pintura, fotografia, com o objetivo de poder receber atividades diversificadas para várias faixas etárias.

Como já foi referido anteriormente o Museu de Vila Viçosa conta com um novo núcleo, construído de raiz. É a partir da presença de uma das chaminés localizada no antigo claustro do convento que se vai erguer um novo núcleo edificado, esta chaminé vai de certa forma fazer a ligação entre o antigo e o novo. Este novo edificado alberga o auditório, localizado no centro da área de intervenção, surge como um espaço de apresentação de trabalho, onde podem ser realizadas tanto palestras, como eventos virados para o público em geral, podendo também haver a possibilidade de serem realizadas apresentações teatrais ou de grupos escolares, surgindo como uma infraestrutura complementar ao Teatro Flor Bela Espanca.

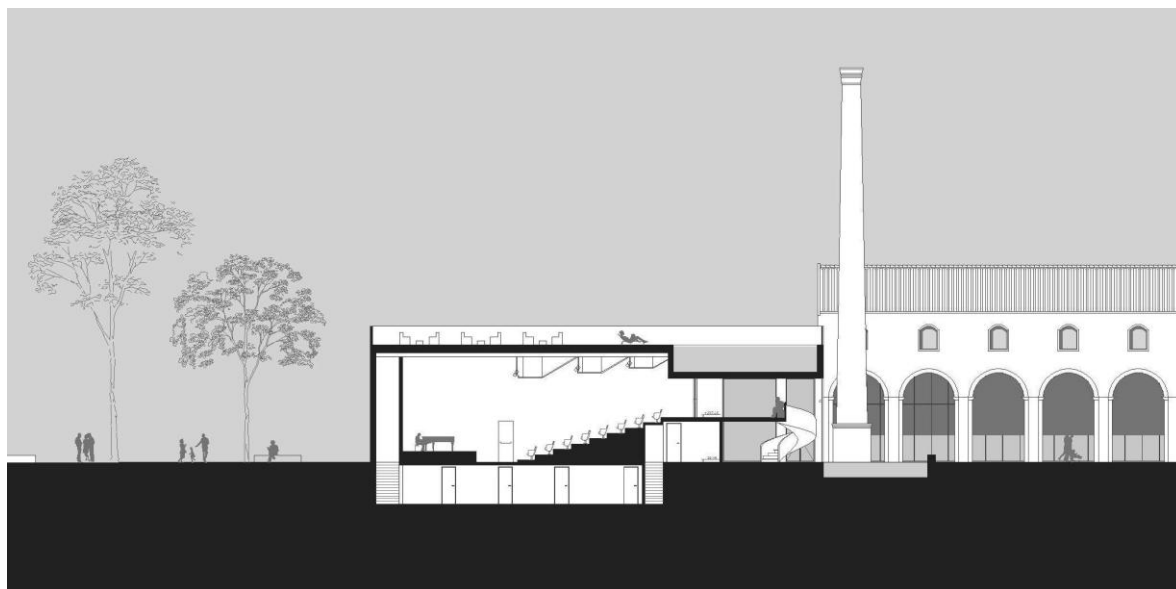


Figura 21 - Corte DD'



No piso térreo temos o átrio, bengaleiro e instalações sanitárias, este é um espaço amplo com uma fachada envidraçada a partir da qual se pode desfrutar do jardim no interior do antigo claustro com a presença de um espelho de água e da chaminé que representa o tempo em que o edifício funcionou como fábrica. Através de uma escada circular acedemos ao segundo piso que dá acesso ao auditório com capacidade para 160 espetadores e com duas saídas de emergência. Esta escada faz o seu utilizador observar o espaço em todos os ângulos desfrutando da presença da chaminé e do espelho de água na zona verde exterior. No piso -1 encontramos um espaço de arrumos, camarins, balneários e salas de ensaio.

Ligado ao edifício do auditório através do último piso, temos o hotel. Este espaço tem como conceito a permeabilidade, que é conseguida através da sua grande fachada principal envidraçada e pelos seus pátios de luz que percorrem todo o edifício, criando barreiras físicas mas que ao mesmo tempo possam ser visíveis. No piso térreo e do lado mais a nordeste encontramos todos os espaços de serviço, como circulações verticais, cozinha, espaço dos funcionários, armazéns e instalações sanitárias. Do lado mais a sudoeste temos todos os espaços comuns deste piso, como o restaurante, a receção, espaços com acesso à internet e zonas de convívio iluminados através da fachada envidraçada principal do edifício e pelos pátios de luz. Temos ainda junto ao restaurante, uma cafetaria que tem comunicação com o exterior através de uma esplanada, e no lado oposto um espaço destinado a pequenos-almoços. Este edifício conta com três entradas, uma entrada principal acedida a sudoeste através da rua do Convento, uma segunda entrada que dá acesso tanto ao restaurante como à cafetaria e uma terceira entrada do lado nordeste através da Rua Henrique Pousão, esta última entrada é destinada aos funcionários do hotel e é também a partir desta rua que se efetuam as cargas e descargas. Ao longo de todo o edifício existe a presença de pátios de luz, como forma de harmonizar o interior do edifício e de trazer luz natural para dentro do mesmo.

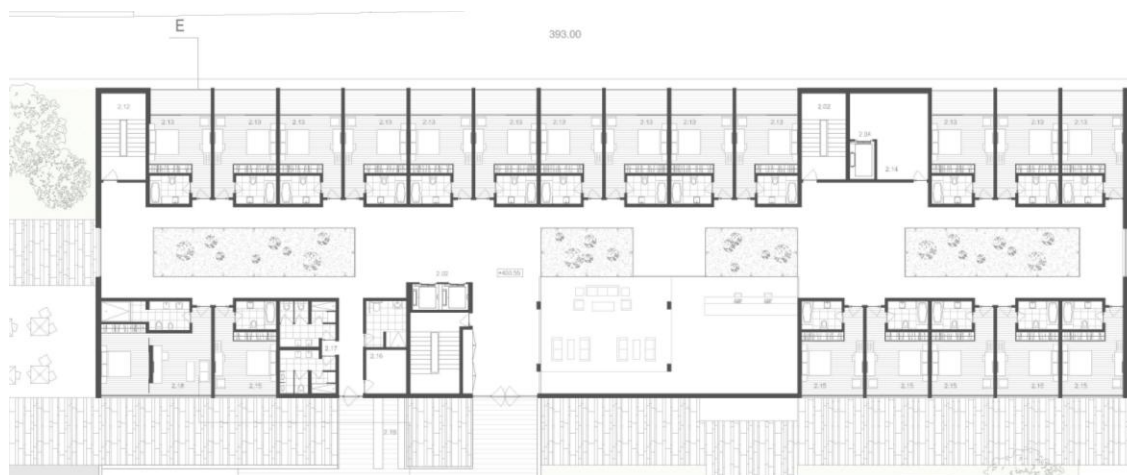


Figura 22 - Planta Piso 2 (quartos)

O hotel apresenta 33 quartos distribuídos em dois pisos, um piso intermédio que tem um corredor de distribuição para os quartos e dispõe no centro do piso de um *mezzanine* como espaço de convívio. Por fim no último piso encontramos os restantes quartos, uma *suite*, e balneários, que complementam o espaço destinado ao terraço situado no piso superior do auditório onde os utentes podem desfrutar da piscina e de um bar com um amplo espaço para espreguiçadeiras e espaços de convívio. Existem quartos virados a nordeste e outros quartos virados a sudoeste, todos eles têm pavimento de madeira em carvalho para conferir um maior conforto ao espaço e um ambiente mais acolhedor.

Todos os pisos comunicam entre si através de pátios de luz e através do grande átrio de triplo pé-direito. No piso intermédio existe ainda contacto visual entre este piso e a zona de restaurante e espaços de convívio. Cada andar tem ainda um espaço para arrumos de apoio a serviços, e no piso -1 encontramos os balneários dos funcionários e a lavandaria.

Por fim, é importante salientar que toda a área de intervenção é provida de espaços verdes que assentam num percurso de pedra que faz a ligação entre os diferentes edifícios e a zona de estacionamento. O espaço verde mais próximo do museu, no interior do antigo claustro conta a presença de um espelho de água limitado por assento de um dos lados e pela fachada de vidro do auditório do outro; de uma chaminé representando o tempo em que o convento funcionou como fábrica e de uma esplanada mais próxima do restaurante, este espaço pode ainda ser utilizado como espaço de exposição de esculturas.

#### 4.4. Espaços Expositivos

O museu de Vila Viçosa conta com exposições de carácter permanente e temporária. Apesar da estrutura da pré-existência ser fortemente condicionada para a delimitação destes espaços, o grande objetivo passou pela valorização dos espaços interiores para estas novas zonas expositivas, preservando assim a memória do edifício.

No primeiro piso temos acesso à exposição temporária localizada na antiga nave do convento, um espaço amplo de grandes dimensões. Pretende-se que este seja flexível, de acabamentos limpos e de grande simplicidade, para se poder adaptar a uma maior diversidade de obras e a diferentes tipos de exposições.

O percurso continua no piso superior onde se organiza a exposição permanente, este piso é dedicado à história de Vila Viçosa e como já foi referido, neste espaço estariam documentados a história e evolução de Vila Viçosa, e fotografias de várias épocas até à atualidade. Esta zona expositiva está dividida em diferentes cotas. Temos um primeiro percurso circular que vai conduzir o visitante até ao transepto numa cota mais alta onde pode ter contacto visual com o altar e que dá acesso à sala central. Esta baseia-se em conceitos, sistemas e técnicas de visualidade atuais, de grande simplicidade, privilegiando a componente interativa de modo a tornar-se atrativo a todas as camadas da população.

Neste percurso circular, de um lado temos a delimitação do espaço através de vitrinas de exposição, e do outro temos um percurso mais estreito, com painéis informativos que percorrem o espaço. É importante salientar a presença da chaminé no espaço expositivo, uma vez que aqui se retrata a história da vila e do próprio convento, elemento que nos indica que em tempos este convento já funcionou como fábrica.

Devido ao avançado estado de degradação da cobertura do lado sudeste do edifício, esta teria que ser refeita. É importante também referir que neste projeto de reabilitação os materiais escolhidos para os diferentes espaços permitam isolar ruídos, vibrações, variações de temperatura e humidades do exterior.

Procura-se através dos materiais dar um maior conforto no uso deste edifício de grandes dimensões, por isso a escolha da madeira como material principal nos pavimentos dos espaços expositivos deve-se ao facto de este ser um material que proporciona um ambiente natural e acolhedor e também por ser um material relativamente barato, de fácil acesso no mercado e fácil de trabalhar.

Este material vai ser também utilizado na construção das vitrinas em madeira lacada branca e vidro, dando um toque de grande simplicidade e destaque às obras e documentos expostos.

Para o átrio e espaço de receção e loja, foi escolhido o mármore, material característico da região, Vila Viçosa é uma das zonas onde se situam as maiores explorações de mármore de Portugal, e é também um material nobre e de grande durabilidade.

#### 4.5. Iluminação

É essencial termos sempre a noção da iluminação que precisamos, tendo em conta a funcionalidade do espaço. A luz determina a nossa percepção do espaço, a nossa percepção da arquitetura. A importância da iluminação deve estar sempre presente na construção de um espaço. A luz artificial oferece um maior controlo sobre a iluminação, através dela podemos criar ambientes mais quentes, mais confortantes, ou ambientes mais frios consoante a cor da lâmpada, da luz utilizada num determinado ambiente. Estes ambientes podem também ser alterados a partir de corpos no espaço, assim como a textura e a cor aplicada em diferentes tipos de materiais, que tanto podem absorver como refletir a luz.

A iluminação natural é por definição a luz que provém do sol, assumindo uma particularidade pois vai mudando de intensidade ao longo do dia, começamos com uma luz mais forte, que vai diminuindo a sua intensidade ao longo do dia. Tendo em conta a mudança de intensidade ao longo do dia e a sua orientação temos de saber tirar partido da luz natural, pois ela é económica e benéfica para a saúde e bem-estar, contudo em excesso também é prejudicial podendo revelar-se incómoda e podendo originar possíveis encadeamentos provocados pela reflexão que é proveniente de uma forte intensidade de luz, impossibilitando a visibilidade do objeto na sua totalidade.

O projeto de iluminação natural visa fazer chegar a luz do dia ao interior do edifício de forma a reduzir ou eliminar a utilização de luz elétrica durante o dia, contribuindo assim para uma substancial redução nos consumos de energia e nos consequentes danos ambientais.

Temos de ter também em consideração o tipo de teto onde vamos colocar a iluminação, tendo em atenção que é sempre necessário o acesso a estas estruturas. A abordagem no estudo da iluminação é sempre feita de compartimento em compartimento, depois de escolhidos os elementos de iluminação e com base num estudo prévio do percurso dos cabos elétricos, faz-se a ligação de todos estes elementos ao quadro elétrico do sector respetivo. Em grandes espaços tem de existir uma zona técnica específica, onde os quadros elétricos de todos os pisos vão dar.

A luz é um elemento essencial nos museus, para além de definirem ambientes, permite apreciar as peças expostas na sua totalidade. As necessidades dos objetos expostos, quer a nível da conservação, quer ao nível da visibilidade, aliadas às condicionantes impostas pela arquitetura, tornam a iluminação de museus numa tarefa exigente.

A existência de janelas em espaços expositivos dificulta o controlo destes valores devida às naturais variações da luz solar. A luz natural pode ser utilizada desde que devidamente controlada para não exceder os valores recomendados. Nestes casos a combinação de luz natural com artificial pode ser uma opção a considerar. As exposições temporárias, devido à sua diversidade, exigem soluções mais flexíveis que possam ser ajustadas às várias organizações expositivas possíveis.

## 5. CONCLUSÃO

Face à problemática dos edifícios que se encontram sem qualquer manutenção ou uso e que acabam por ser esquecidos ao longo dos anos, deparamo-nos em Vila Viçosa com o exemplo do Convento da Nossa Senhora do Amparo. Em tempos este teve uma grande importância na história da vila, mas foi perdendo utilidade e atualmente encontra-se abandonado e em completo estado de degradação.

O projeto apresenta-se assim, como um modo de dar resposta a este edificado, um marco importante na história de Vila Viçosa. Neste sentido e após toda a análise da vila e do local a intervir, a necessidade de revitalização mantendo a memória do edifício, revelou-se essencial no desenvolvimento deste projeto, reconvertendo o Convento num Museu de Vila Viçosa.

Mais do que um local de exposição de documentos e objetos, o museu pretende afirmar-se através da capacidade de resposta aos desafios da sociedade contemporânea. Privilegia iniciativas culturais, lúdicas e pedagógicas que respondam aos interesses e expectativas dos vários públicos. O desenvolvimento de um núcleo museológico no espaço do Convento através da cultura e da arte, da integração de diversas atividades para grupos socioculturais igualmente diversificados, aliados ao interesse arquitetónico nas ambiências e nas memórias referenciais do sítio, podem tornar este lugar mais atrativo e de relevância no meio urbano de Vila Viçosa. Complementando o Museu de Vila Viçosa, é criado um novo volume que alberga o auditório e o hotel. Este edificado surge como resposta às problemáticas levantadas, contribuindo para a revitalização da própria Vila.

A intervenção da arquitetura na conservação do património construído tem assim um papel essencial na reabilitação de edifícios antigos, é necessário olhar para a malha urbana e aplicar o conceito de “reabilitação urbana”

A reabilitação de edifícios antigos surge assim da política de conservação de património, da tomada de consciência de proteção histórica, atenta aos valores culturais e patrimoniais, proporcionando novas funcionalidades e adaptando-os às necessidades e exigências de uso contemporâneo, evitando a perda dos seus valores estéticos, históricos e arquitetónicos.

NÚMERO TOTAL DE PALAVRAS: 11.829



## 6. BIBLIOGRAFIA

ANICO, MARTA. *Museus e Pós-Modernidade: Discursos e performances em contextos museológicos locais*. Lisboa : ISCP, 2008. ISBN 978-989-646-003-7

BARRANHA, HELENA. *Arquitectura de museus e iconografia urbana: concretizar um programa/construir uma imagem*. Porto : Edições Afrontamento, 2006.

CANNATÀ, MICHELE e FERNANDES, FÁTIMA. *Construir no tempo*. Lisboa : Editora Estar, 1999. ISBN 972-8095-67-8

ESPANCA, JOAQUIM JOSÉ DA ROCHA. *Compêndio de notícias de Vila Viçosa*. Redondo : Concelho da província do Alentejo e Reino de Portugal, 1892.

ESPANCA, TÚLIO. *Mosteiros de Vila Viçosa*. Évora : s.n., 1970.

FERNÁNDEZ, LUIS ALONSO e FERNÁNDEZ, ISABEL GARCIA. *Diseño de exposiciones: concepto, instalación y montaje*. Madrid : Alianza Editorial, 2001. ISBN 84-206-5749-2

FORTUNA, CARLOS. *Identidades, Percursos e Paisagens Culturais*. Porto : Celta Editora, 1999. ISBN 972-774-033-2

GASTEIZ, VITORIA. *II Encuentros Internacionales sobre Rehabilitacion urbana*. s.l. : Casa de la Cultura, 1985. ISBN 84-505-1712-5

GUMARÃES, CARLOS. *Arquitectura e museus em Portugal: Entre Reinterpretação e Obra Nova*. Porto : FAUP Editora, 2004. ISBN 972-9483-65-5

LORD, BARRY E LORD GAIL DEXTER. *The Manual of Planning Museum*. London: The Stationery Office, 1999. ISBN 0-11-702659

MONTANER, JOSHEP MARIA. *Museus para el nuevo siglo*. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1995.  
ISBN 84-252-1631-1

MOURA, EDUARDO SOUTO DE. *Remodelação e Valorização do Museu Grão Vasco, Viseu*. Caleidoscópio: Arquitectura Ibérica Nº 12 – Reabilitação, Janeiro – Fevereiro 2006, p.112-127. ISBN 972-8801-93-9

MOURÃO, JOANA E PEDRO, JOÃO BRANCO. *Princípios de Edificação Sustentável*. Lisboa: LNEC, 2012.  
ISBN 978-972-49-2243-0

NETO, MARIA JOÃO BAPTISTA. *Memória, propaganda e poder: o restauro dos monumentos nacionais (1929 - 1960)*. Porto : FAUP, 2001. ISBN 972-9483-45-0

OA. *A Green Vitruvius - Princípios e práticas de projeto para uma arquitetura sustentável*. Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2001. ISBN 972-97668-2-7

PEVSNER, NIKOLAUS. *Historia e las tipologias arquitetonicas*. Barcelona : Gustavo Gili, 1980.  
ISBN 84-252-0915-3

REIS, HUMBERTO e CHICO, TAVARES. *A Arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa : s.n., 1983. ISBN 84-7737-050-1994

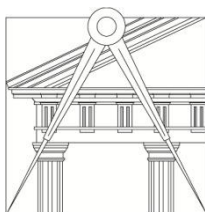
RODRIGUES, DALILA. *Museu Grão Vasco: Colecção de desenhos: séculos XVIII-XX*. Lisboa : Instituto Português de museus, 2002. ISBN 972-776-126-7

ROSSI, ALDO. *A Arquitectura da Cidade*. s.l. : Edições Cosmos, 2001. ISBN 972-762-126-0

TIRONE, LÍVIA. *Construção Sustentável: soluções eficientes hoje são a nossa riqueza amanhã*. Sintra : Tirone Nunes, 2010. ISBN 978-989-20-0883-7

## 7. ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Núcleo Medieval, finais do séc. XIII.....	21
Figura 2 - Expansão Urbana, finais do séc. XV .....	21
Figura 3 - Desenvolvimento Urbano, 2ª metade do séc. XVI.....	21
Figura 4 - Meados do séc. XX .....	21
Figura 5 - Antigo Convento da Nossa Senhora do Amparo, 1979.....	24
Figura 6 - Museu do Chiado - Piso 0 .....	25
Figura 7 - Museu do Chiado - Piso 1 .....	25
Figura 8 - Museu do Chiado - Piso 2 .....	26
Figura 9 - Sala dos Fornos .....	27
Figura 10 - Acesso à cafetaria .....	27
Figura 11 - Museu Grão Vasco - Piso -1 .....	29
Figura 12 - Museu Grão Vasco – Piso 0.....	29
Figura 13 - Museu Grão Vasco - Piso 1.....	30
Figura 14 - Museu Grão Vasco - Piso 2.....	30
Figura 15 - Museu Grão Vasco - Receção .....	31
Figura 16 - Museu Grão Vasco - Espaço Expositivo .....	31
Figura 17 - Edificado existente .....	40
Figura 18 - Edificado proposto.....	40
Figura 19 - Planta Piso 0 .....	42
Figura 20 - Corte AA' .....	43
Figura 21 - Corte DD' .....	44
Figura 22 - Planta Piso 2 (quartos) .....	45



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
FACULDADE DE ARQUITECTURA

REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO  
– NOVOS USOS EM ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS

Rita Alexandra da Silva Gonçalves

**ANEXOS**

Lisboa, Março, 2013

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I .....	3
Levantamento Fotográfico.....	3
ANEXO II .....	8
Processo de Trabalho .....	8
ANEXO III .....	20
Fotografias da Maqueta.....	20
ANEXO IV .....	23
Índice de Peças Desenhadas.....	23
ANEXO V .....	24
Painéis Síntese .....	24

## ANEXO I

### Levantamento Fotográfico

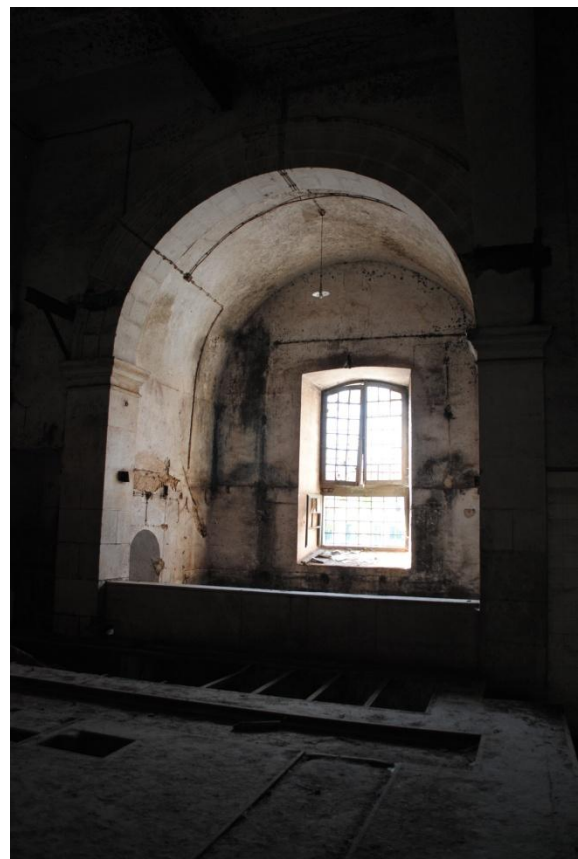








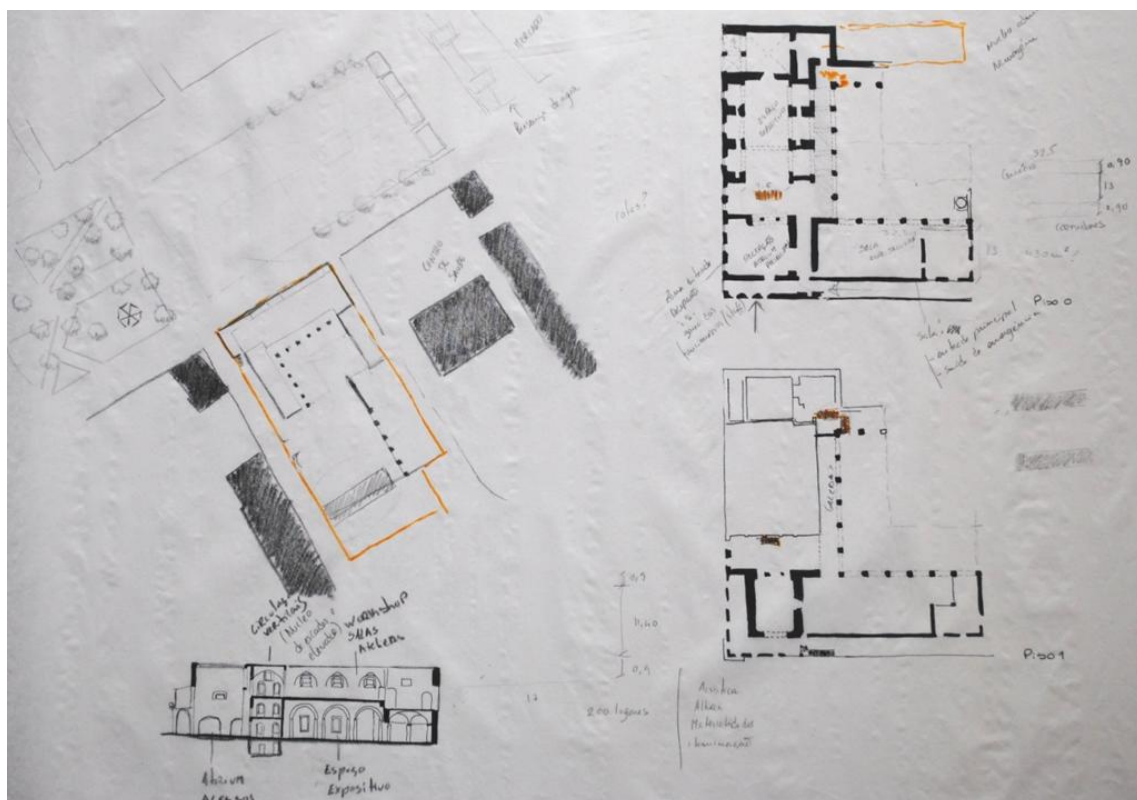


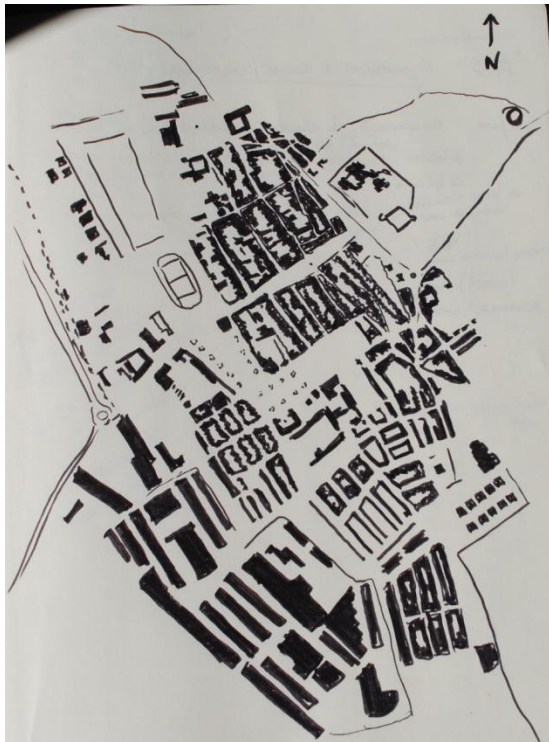
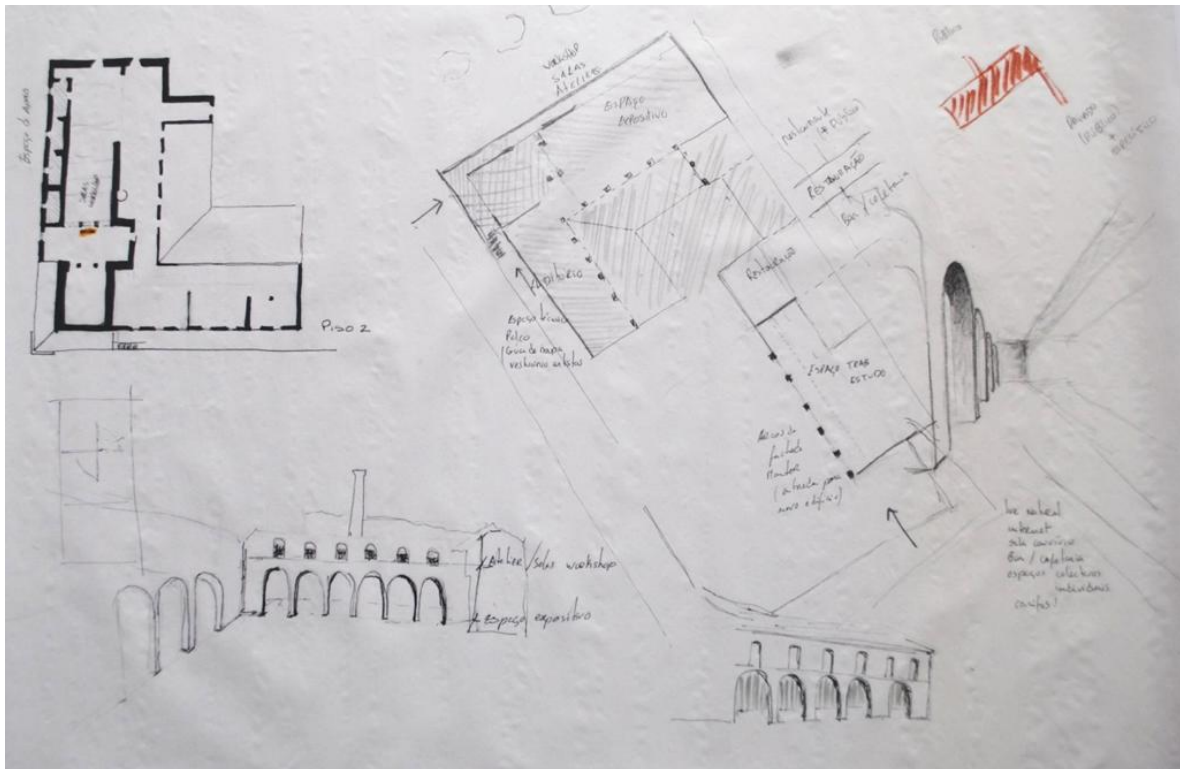




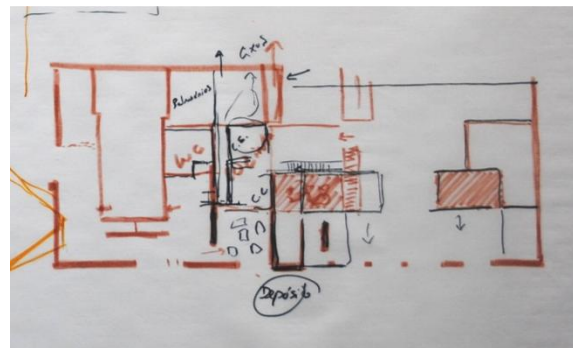
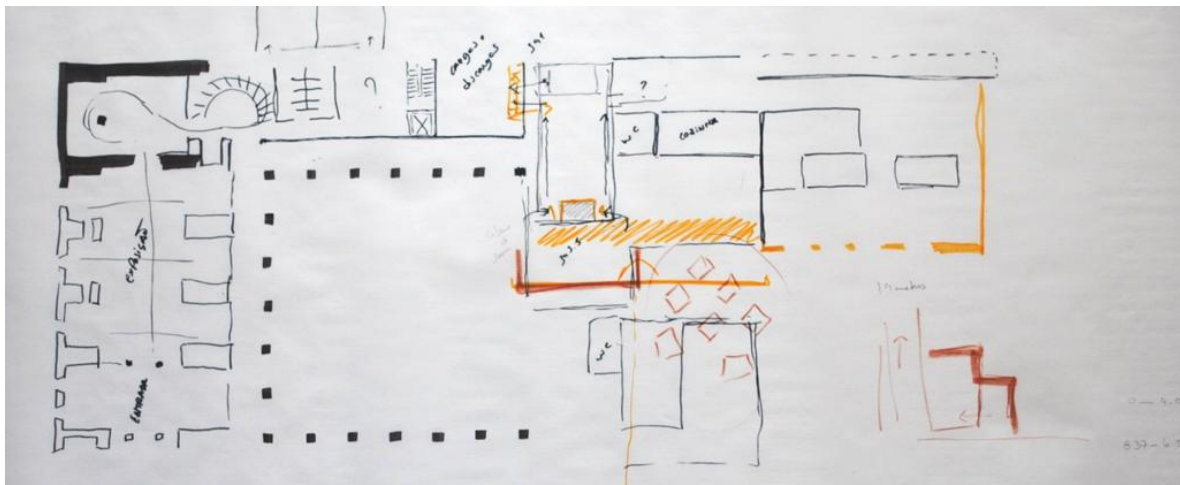
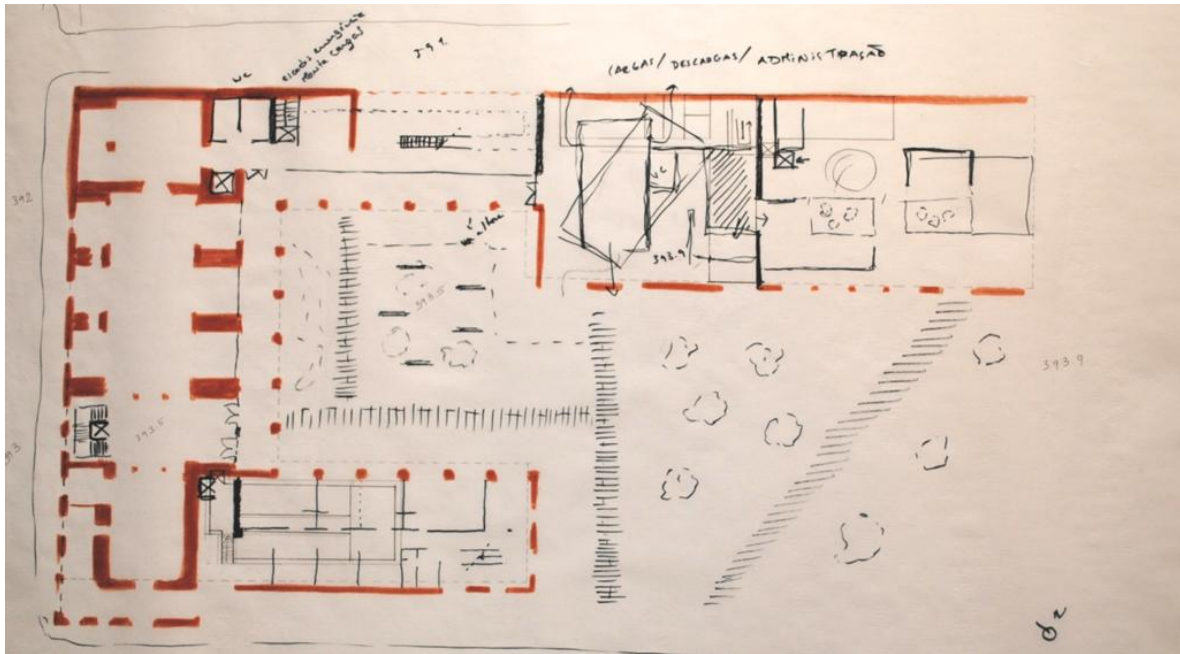


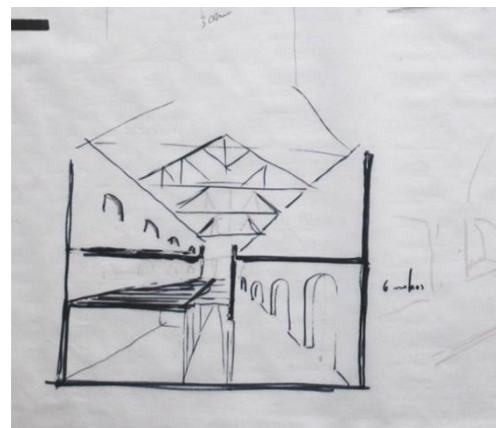
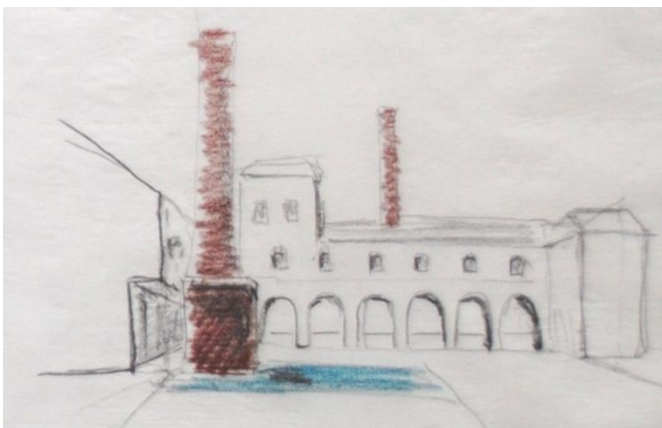
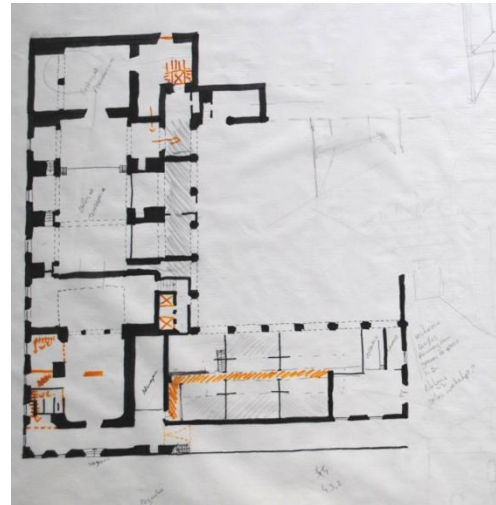
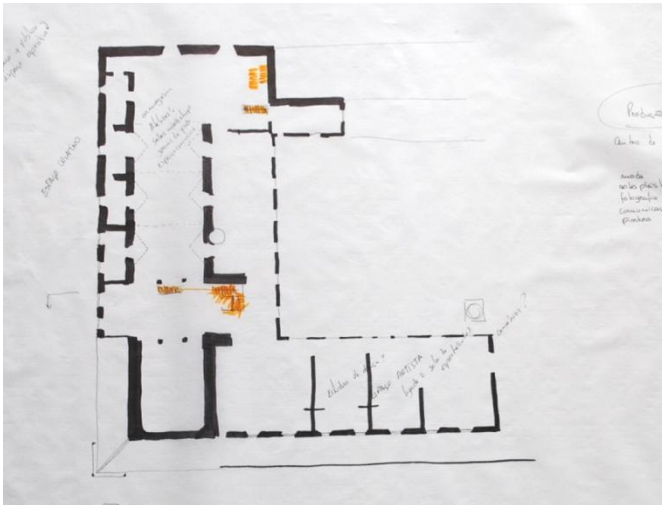
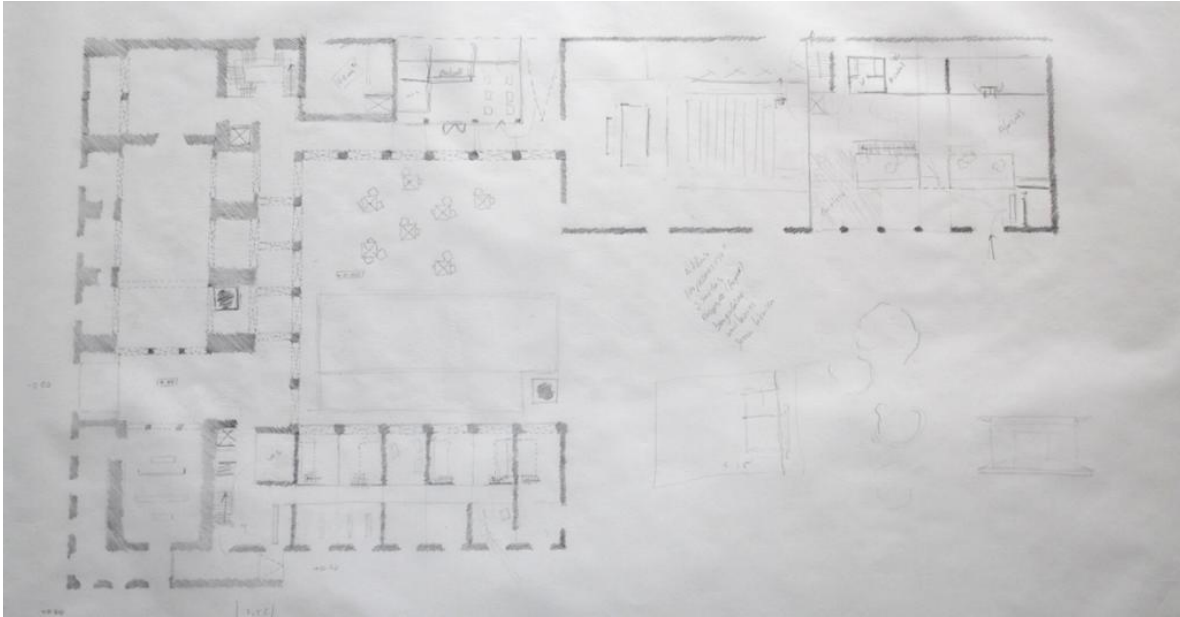
## Processo de Trabalho

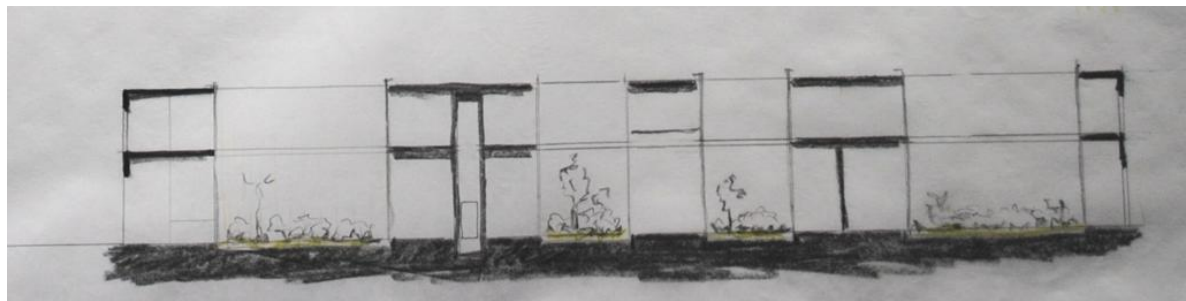
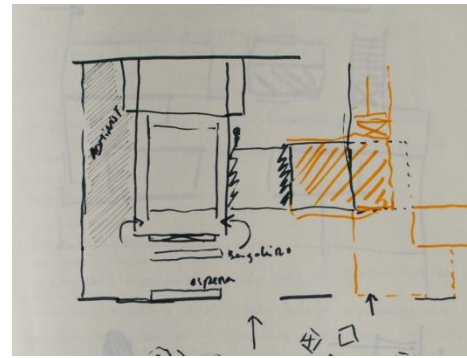
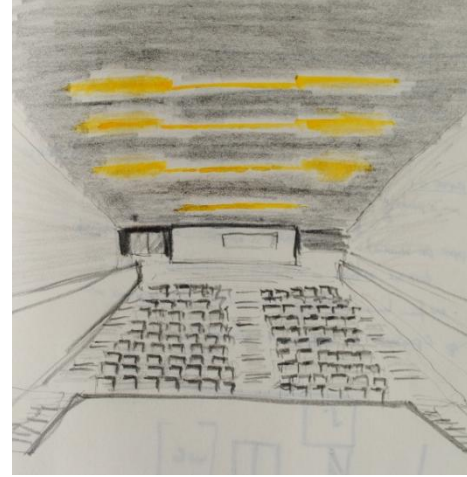
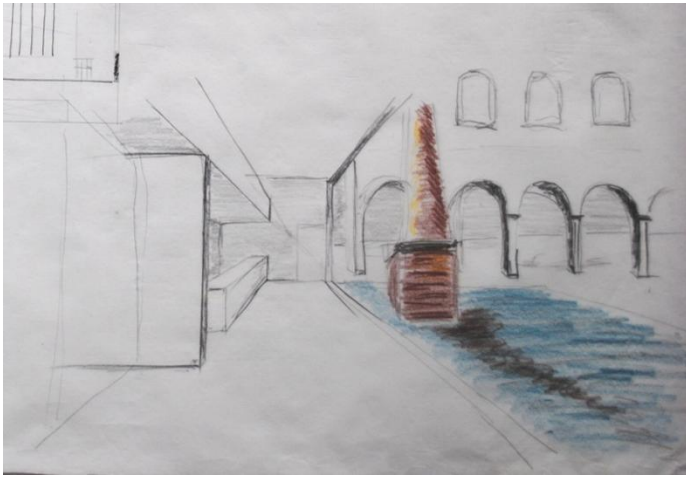
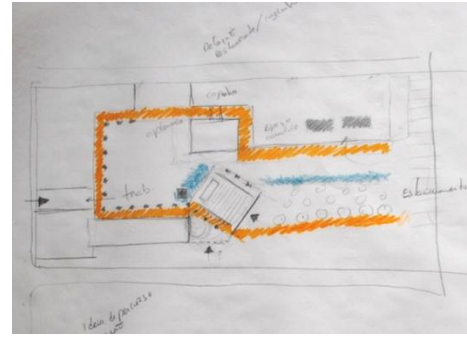
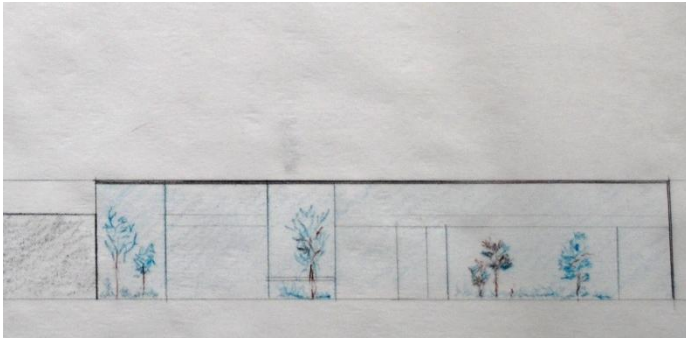




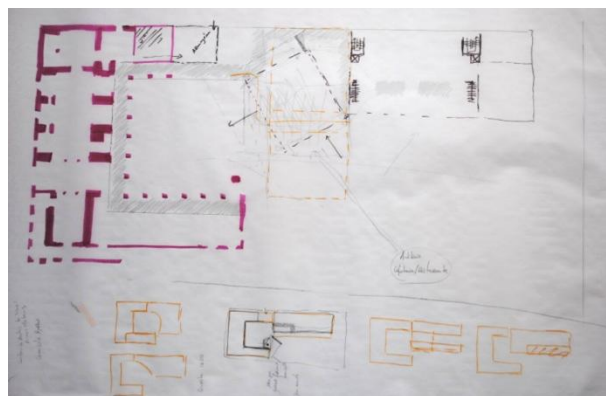
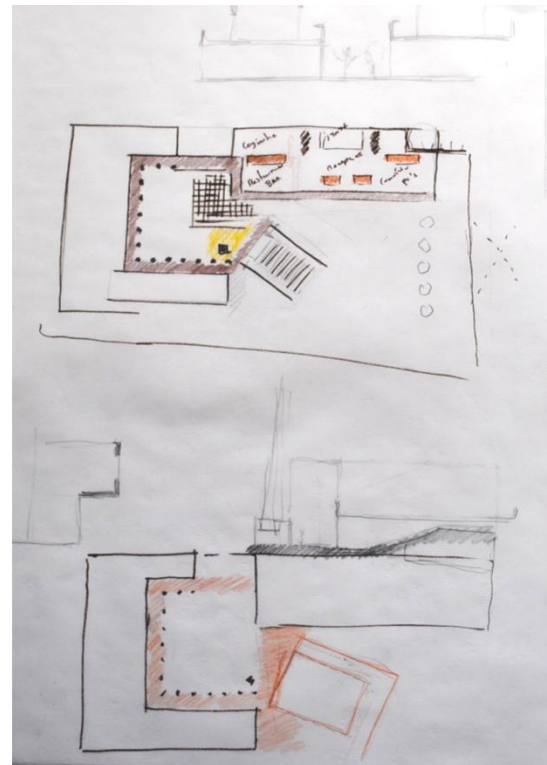
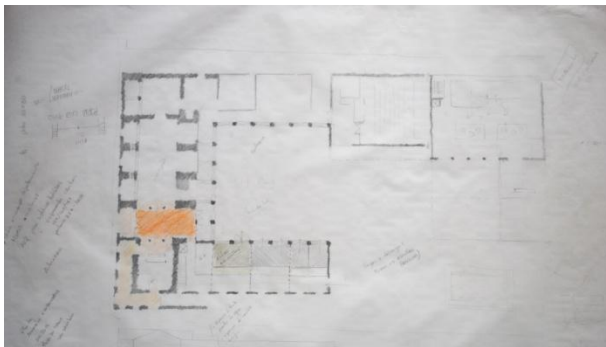
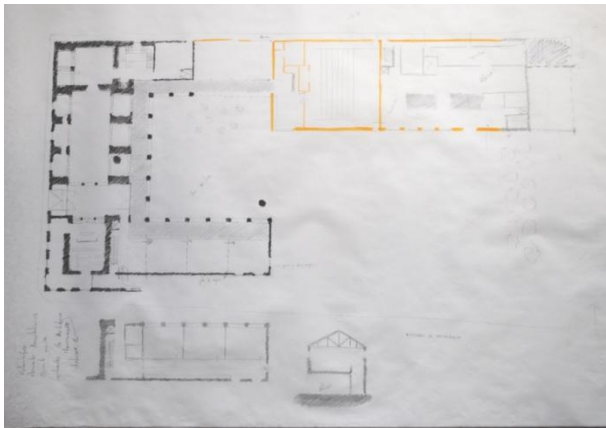
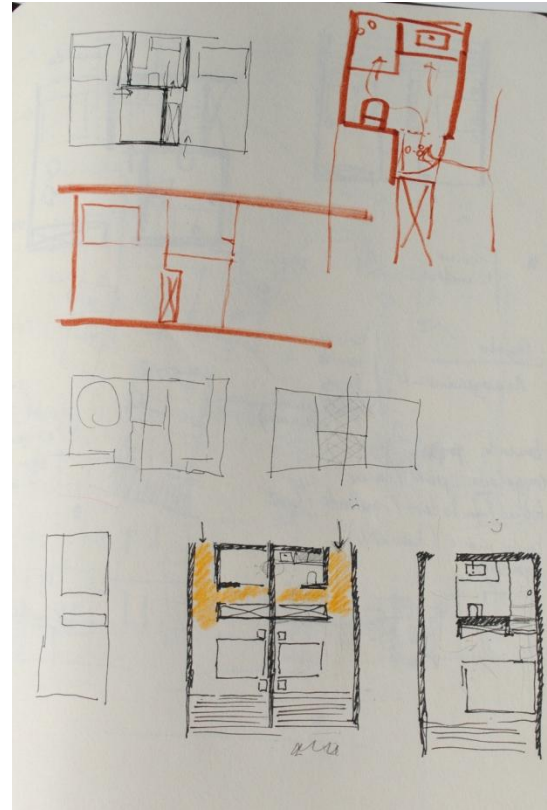
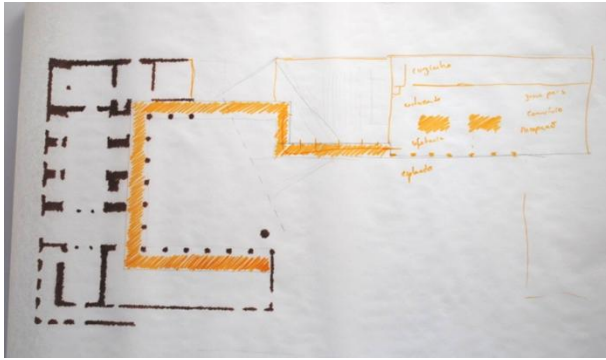




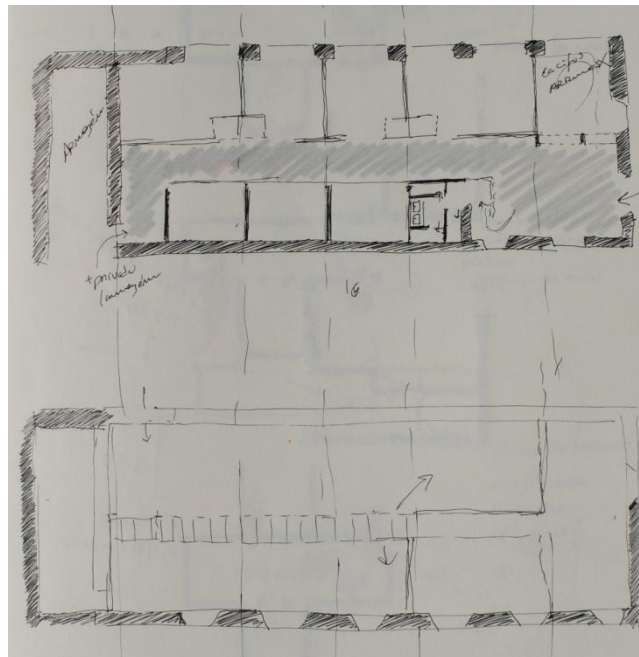
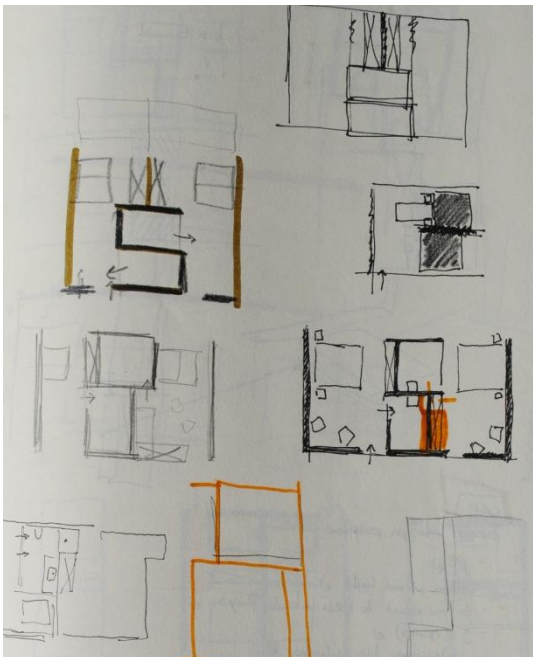




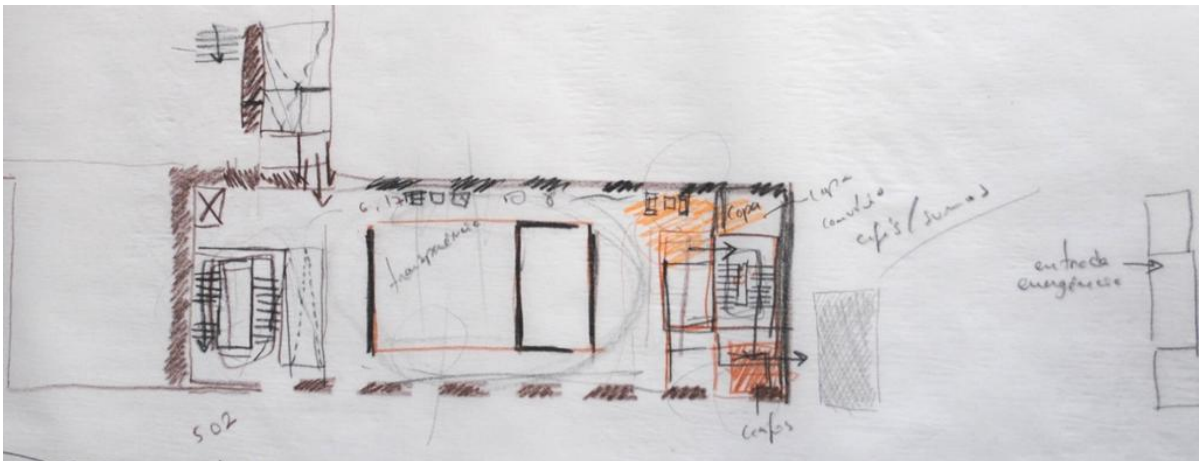
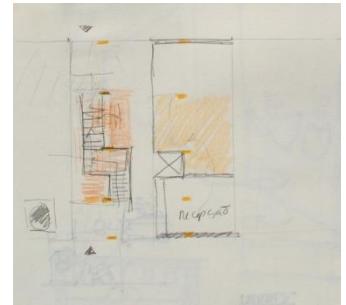
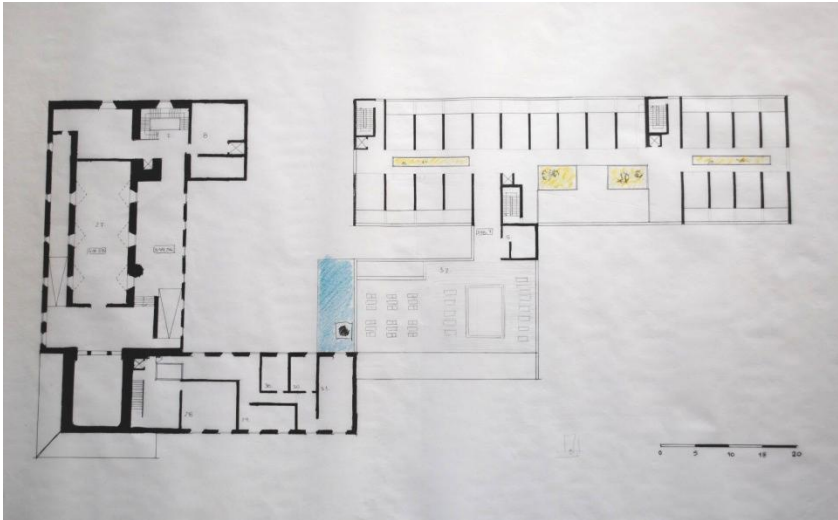
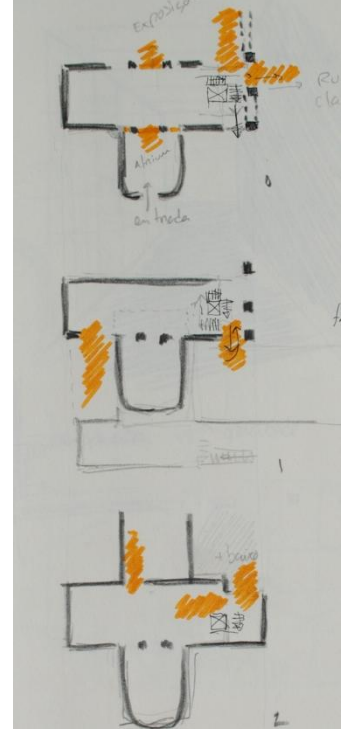
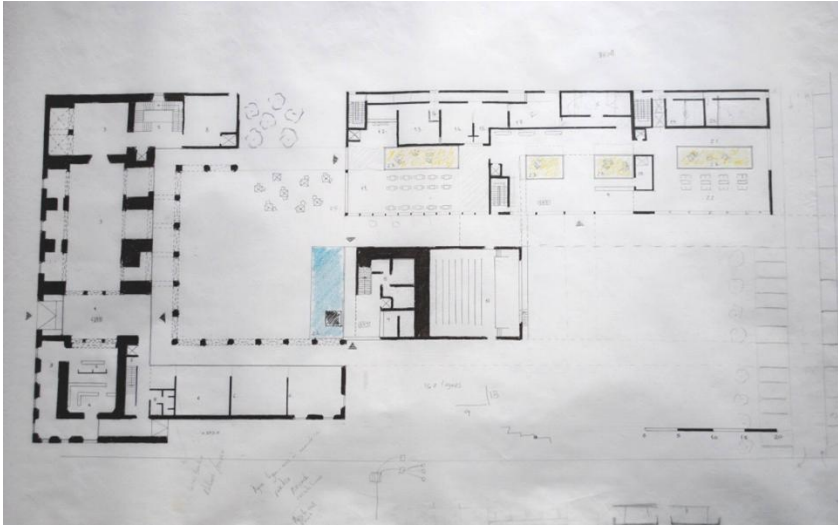




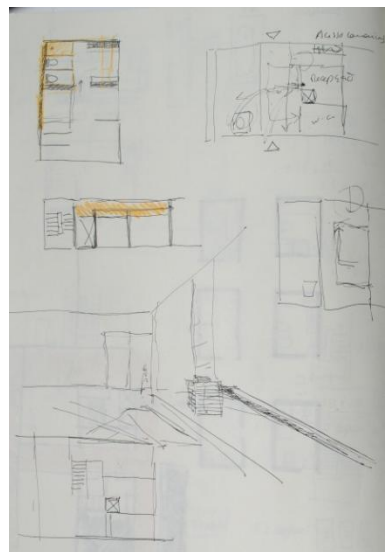
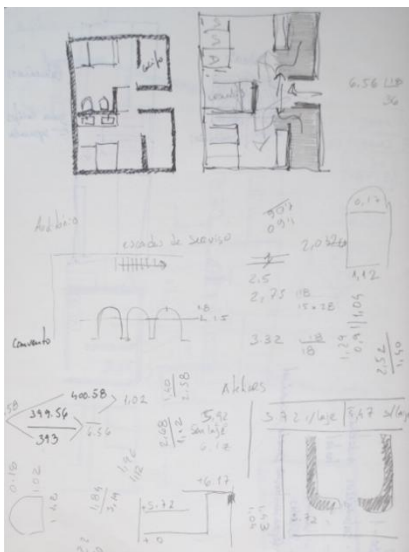
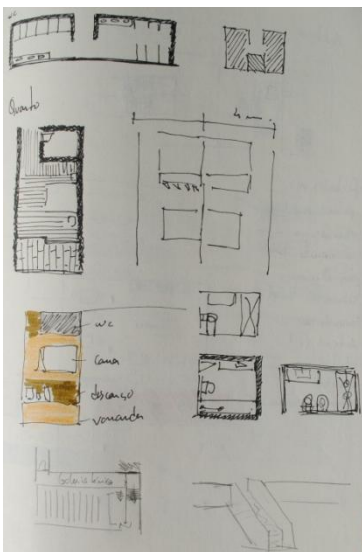
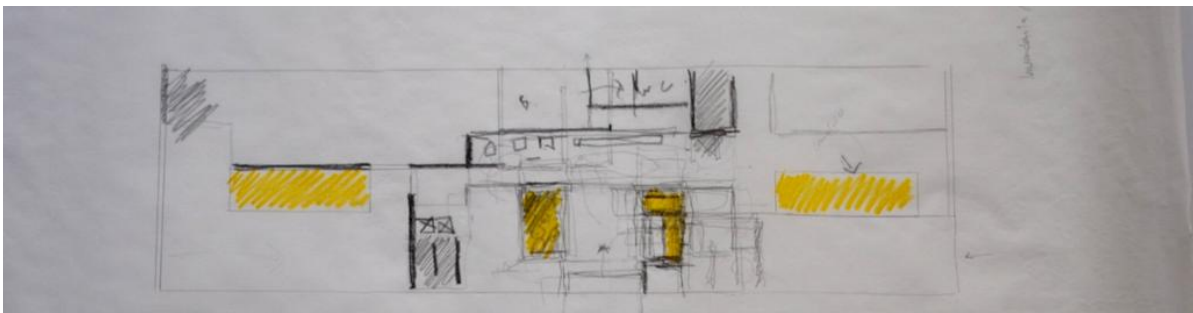


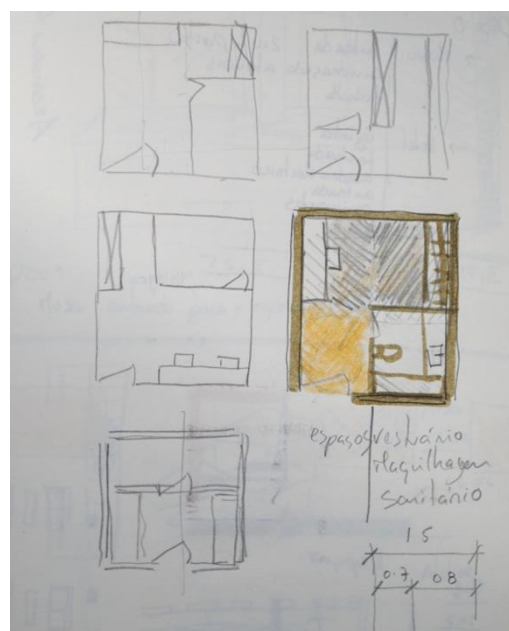
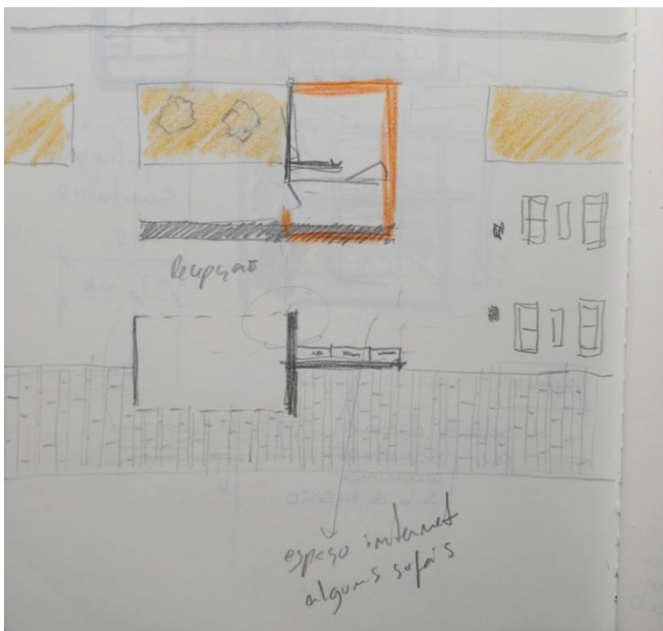
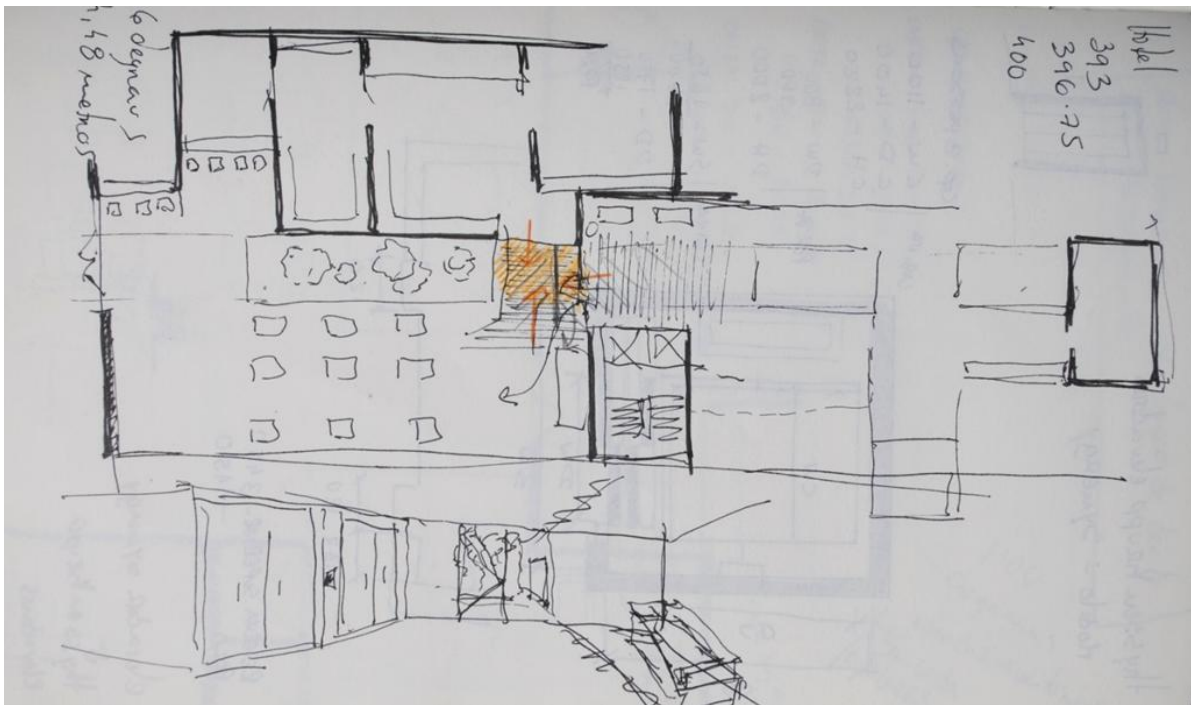


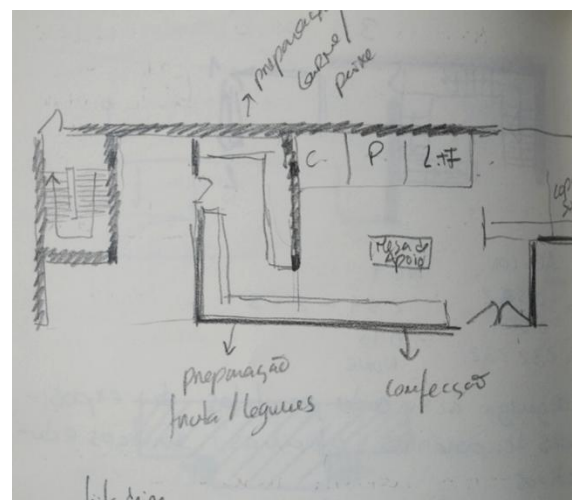
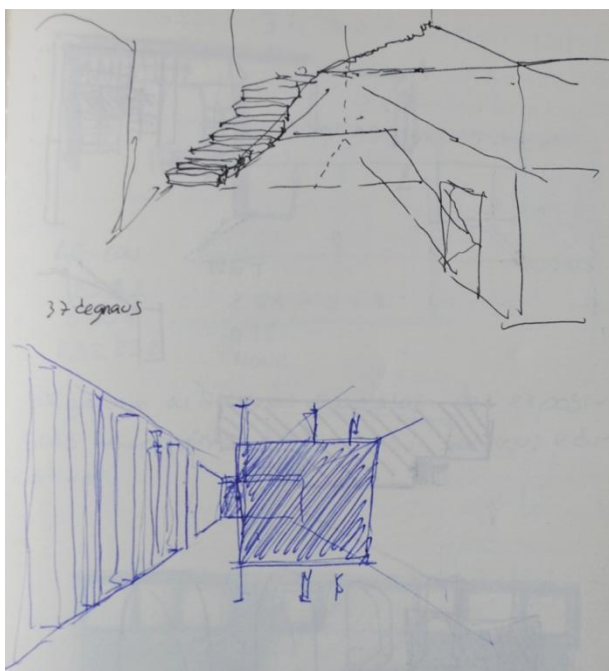
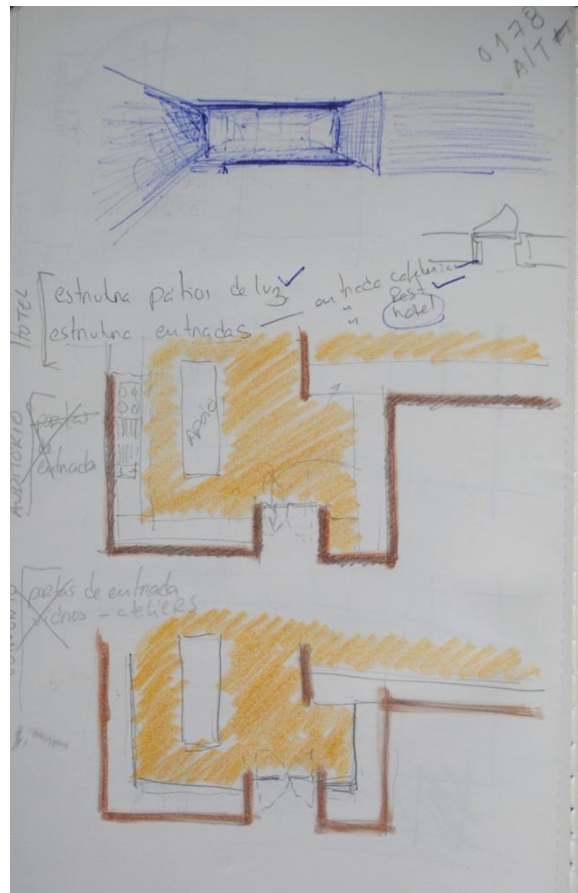
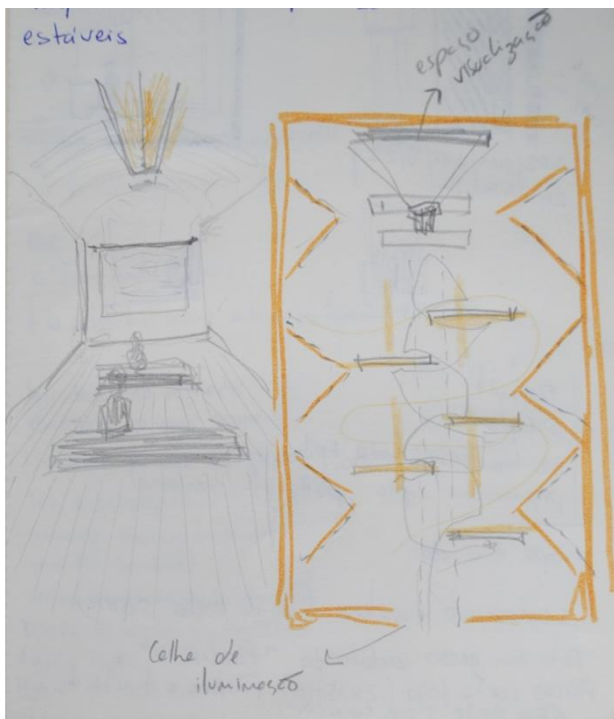








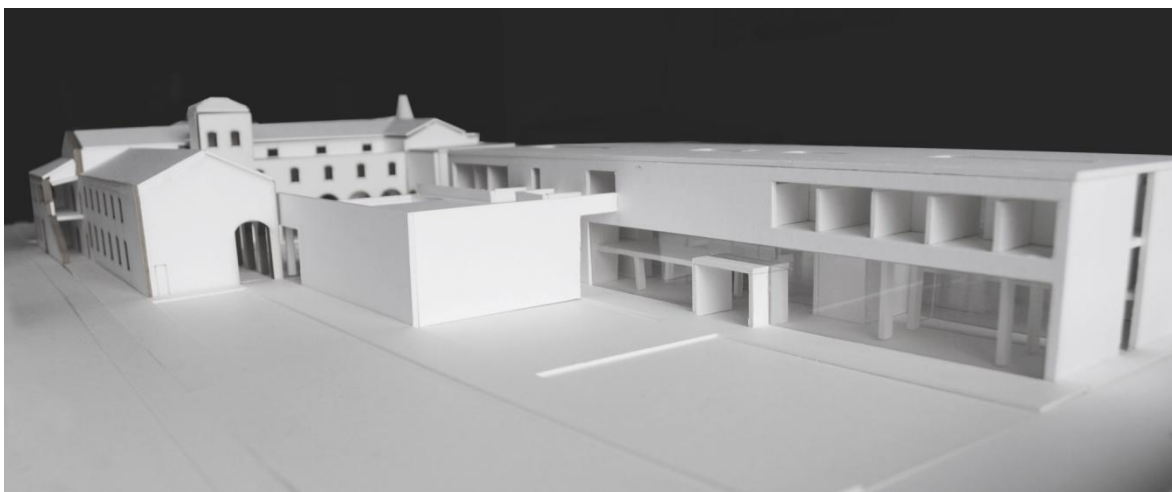
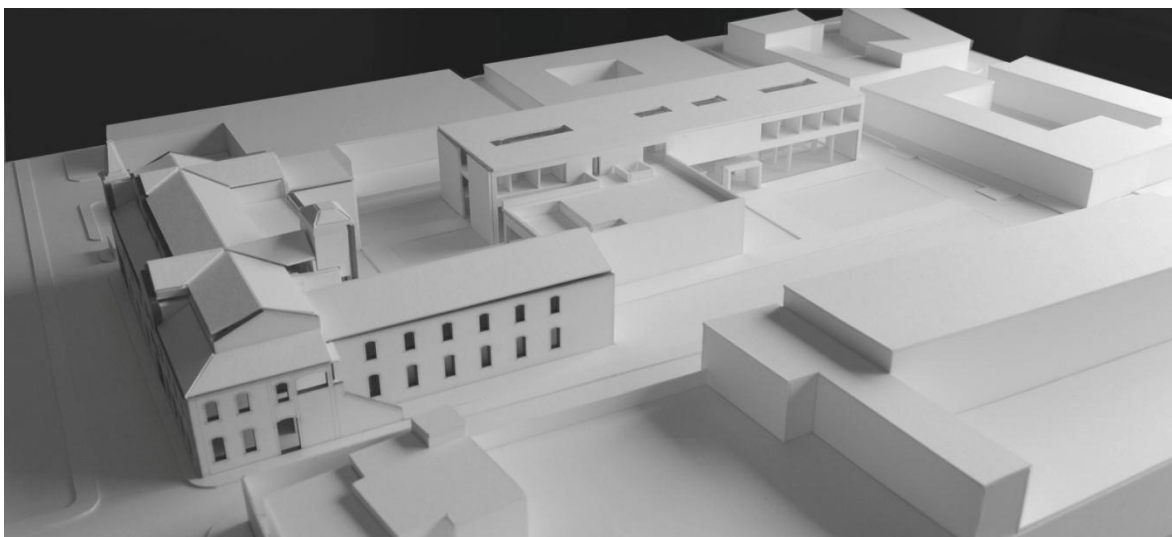




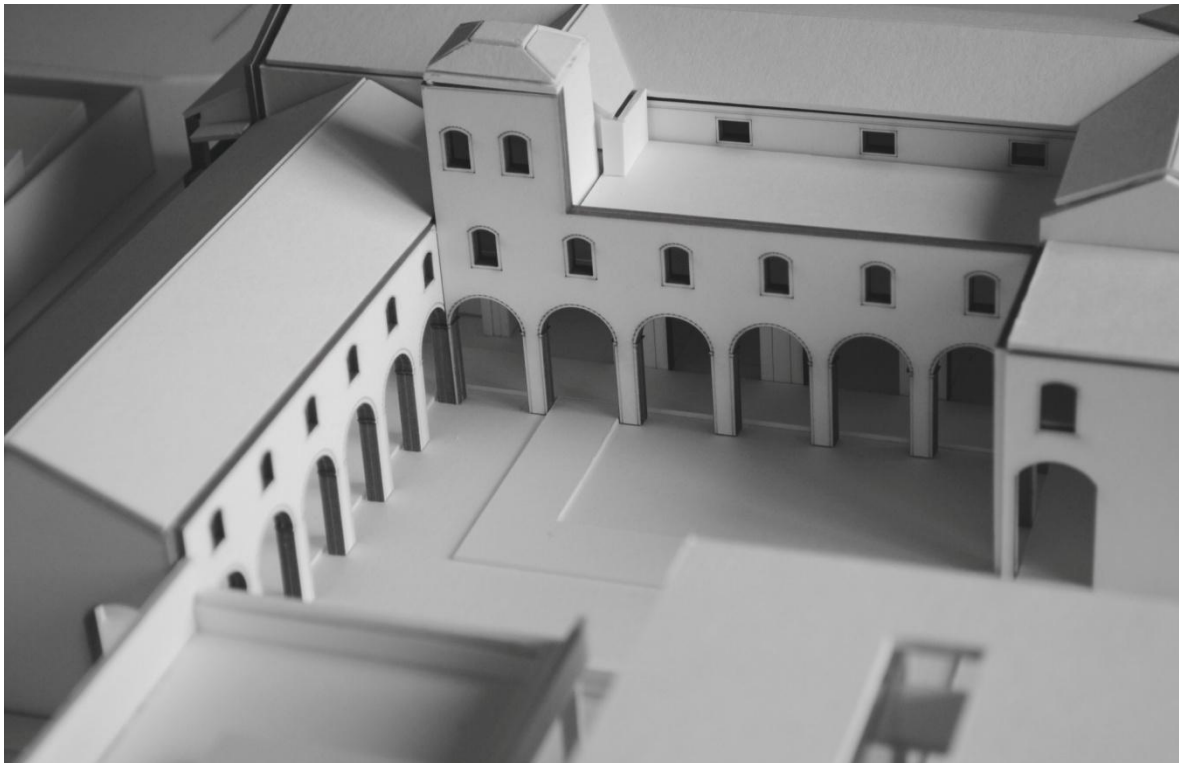
## ANEXO III

### Fotografias da Maqueta

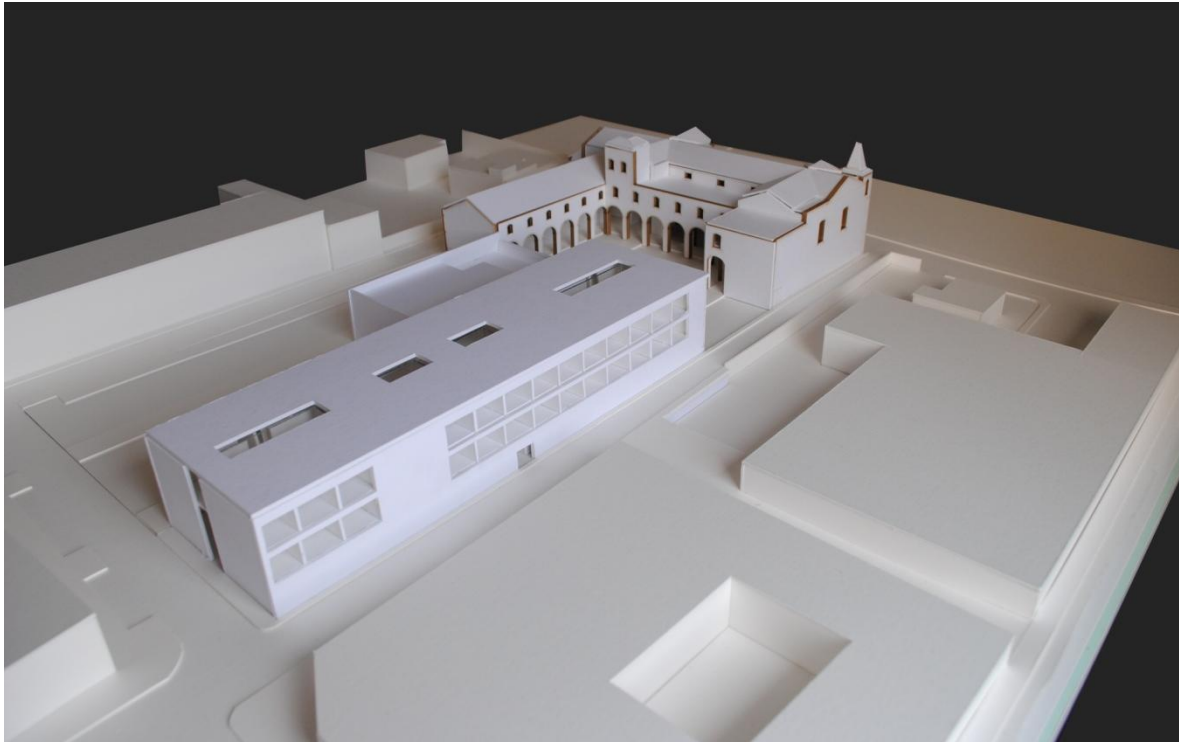
Maqueta escala 1:200











## ANEXO IV

### Índice de Peças Desenhadas

#### I – INTEGRAÇÃO URBANA

##### I.I – Planta de Localização

Escala 1:2000

#### II – PROJETO DE ALTERAÇÕES

Escala 1:100

##### II.I – Planta Cota +393.00

##### II.II – Planta Cota +399.37

##### II.III – Planta de coberturas

##### II.IV – Alçados

##### II.V – Cortes

#### III – PROJETO BASE

Escala 1:200

##### III.I – Planta Piso -1

##### III.II – Planta Piso 0

##### III.III – Planta Piso 1

##### III.IV – Planta Piso 2

##### III.V – Planta de coberturas

##### III.VI – Alçado Sudoeste e Alçado Nordeste

##### III.VII – Alçado Noroeste, Corte AA' e Corte BB'

##### III.VIII – Cortes CC', DD' e EE'

#### IV – PROJETO DE EXECUÇÃO

Escala 1:50

##### IV.I – Hotel – Planta Piso 0

##### IV.II – Hotel – Planta Piso 0

##### IV.III – Hotel – Planta Piso 2

##### IV.IV – Corte FF'

##### IV.V – Pormenor Construtivo

##### IV.VI – Quartos

##### IV.VII – Corte GG'





INTEGRAÇÃO URBANA

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO

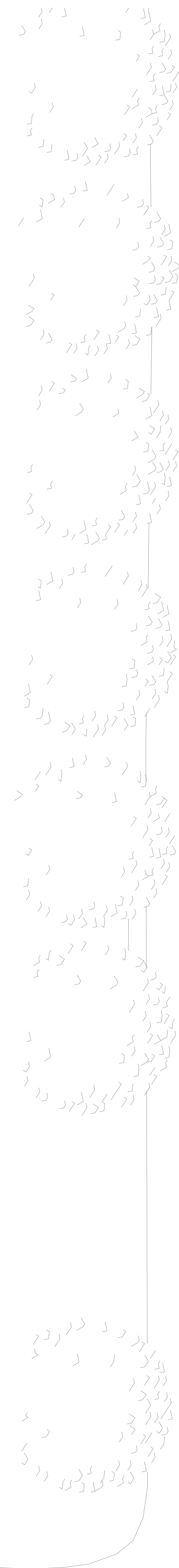
1/2000



REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO

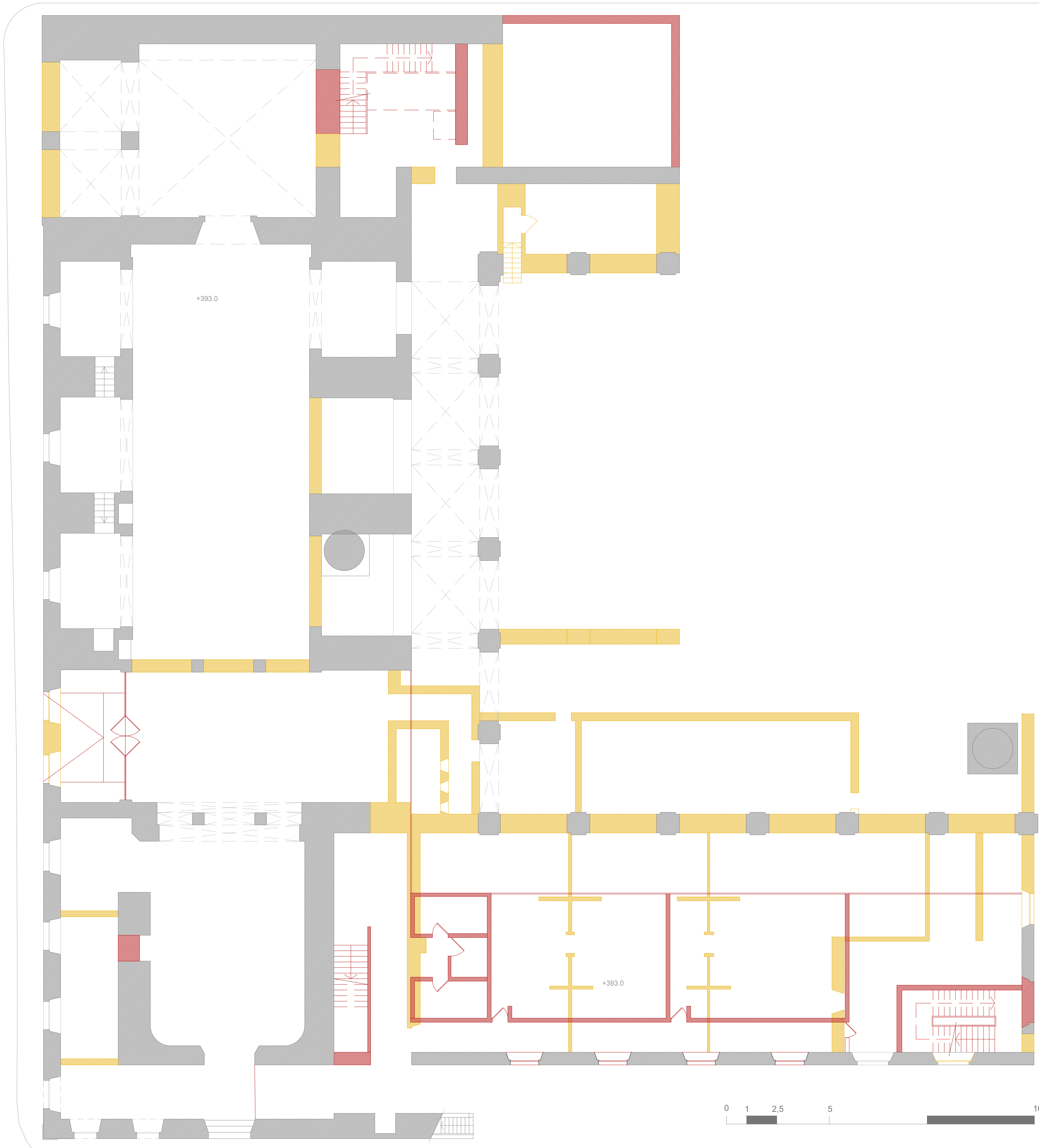
NOVOS USOS PARA ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS  
RITA GONÇALVES | FA UTL | Nº 6919 | Fevereiro 2013





392.1

Rua André Gomes Pereira



PROJETO DE ALTERAÇÕES

PLANTA COTA +393.0

LEGENDA

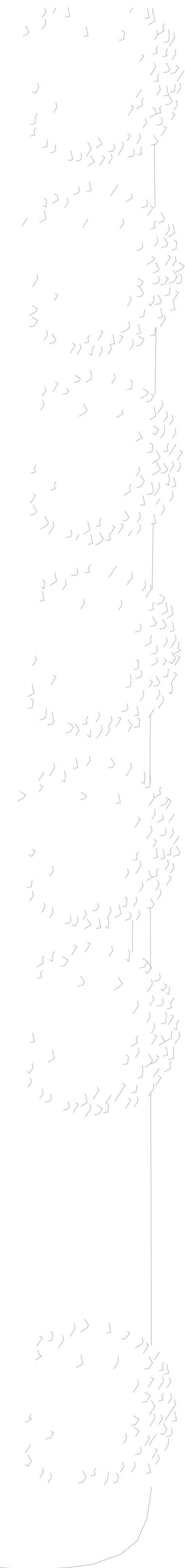
Existente

A construir

A demolir

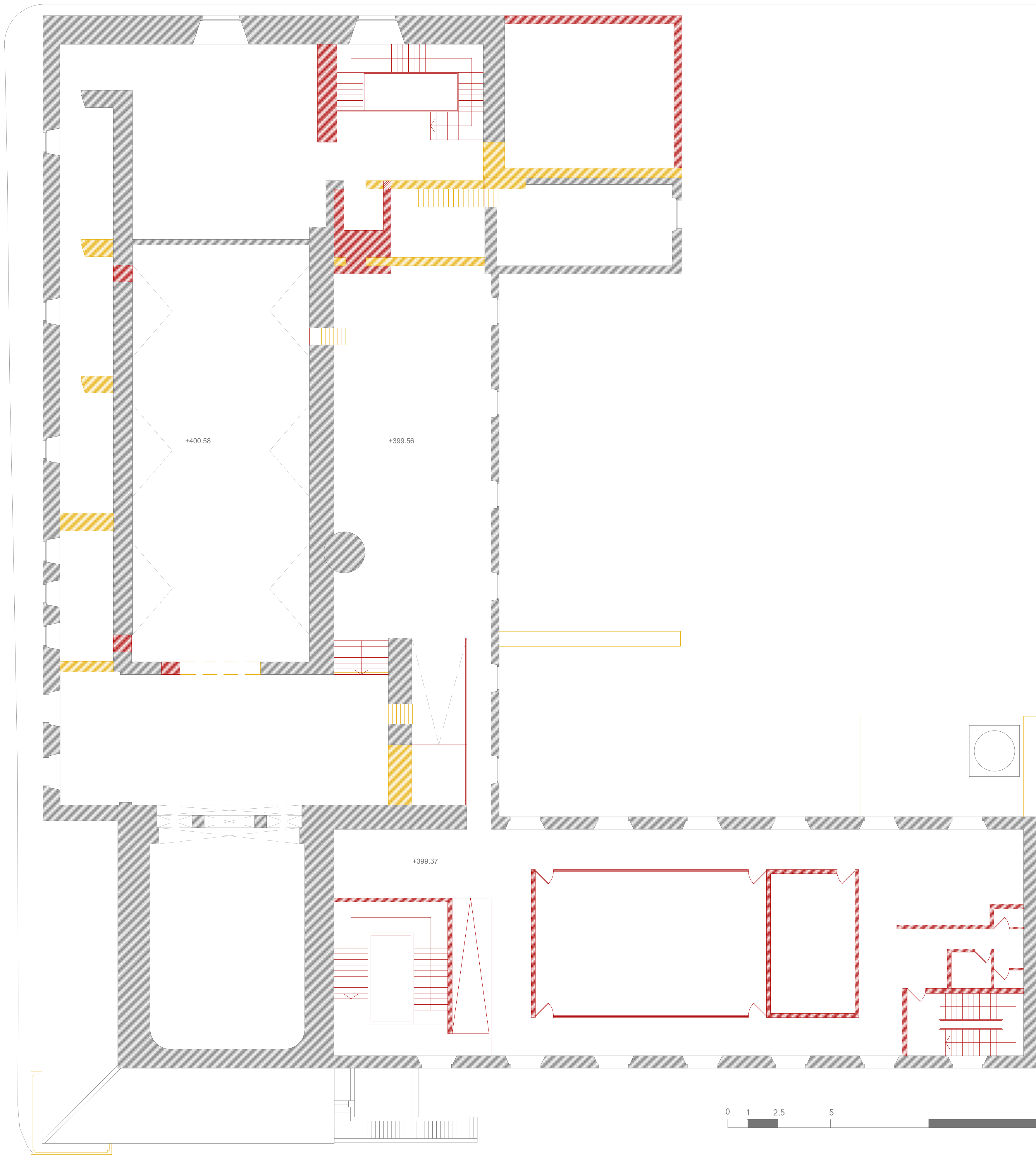
1/100





392.1

Rua André Gomes Pereira



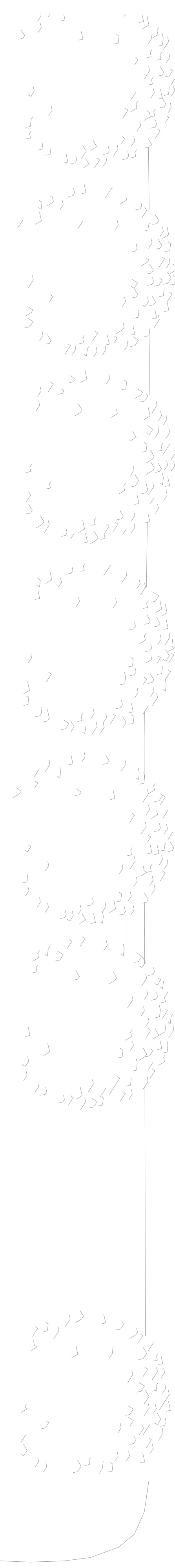
PROJETO DE ALTERAÇÕES

PLANTA COTA +399.37

LEGENDA

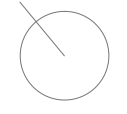
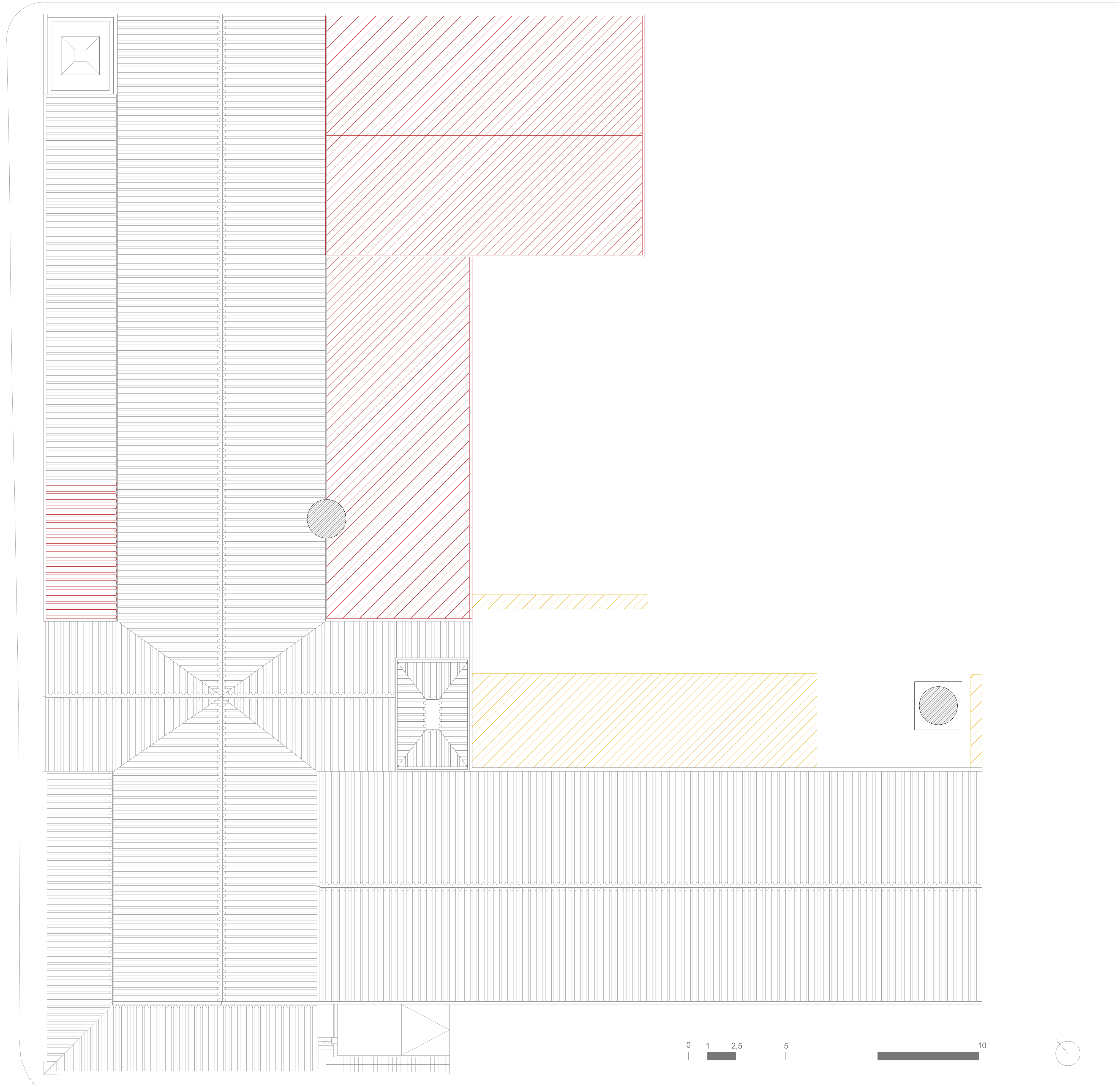
- Existente
- A construir
- A demolir

1/100



392.1

Rua André Gomes Pereira



PROJETO DE ALTERAÇÕES

PLANTA DE COBERTURAS

- LEGENDA
- Existente
  - A construir
  - A demolir

1/100



# II PROJETO DE ALTERAÇÕES

## IV ALÇADOS

ALÇADO NOROESTE

ALÇADO SUDOESTE

### LEGENDA

Existente

A construir

A demolir

1/100

0 1 2.5 5 10

REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO

NOVOS USOS PARA ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS  
RITA GONÇALVES | FA UTL |6919 | Fevereiro 2013

II PROJETO DE ALTERAÇÕES

V CORTES

CORTE AA'

LEGENDA

Existente

A construir

A demolir

CORTE BB'

1/100

REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO

NOVOS USOS PARA ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS  
RITA GONÇALVES | FA UTL |6919 | Fevereiro 2013





PROJETO BASE

PLANTA PISO -1

LEGENDA DE ESPAÇOS:

-1.01| Lavandaria ..... 28 m2

-1.02| Instalações Sanitárias Femininas ...16 m2

-1.03| Vestiário Feminino .....5 m2

-1.04| Vestiário Masculino .....5 m2

-1.05| Instalações Sanitárias Masculinas ..16 m2

-1.06| Arrumos ..... 18 m2

-1.07| Camarim .....12 m2

-1.08| Acessos Verticais

-1.09| Instalações Sanitárias Femininas ...10 m2

-1.10| Vestiário Feminino .....5 m2

-1.11| Vestiário Masculino .....5 m2

-1.12| Instalações Sanitárias Masculinas ..10 m2

-1.13| Sala de Ensaio .....50m2

1/200



PROJETO BASE

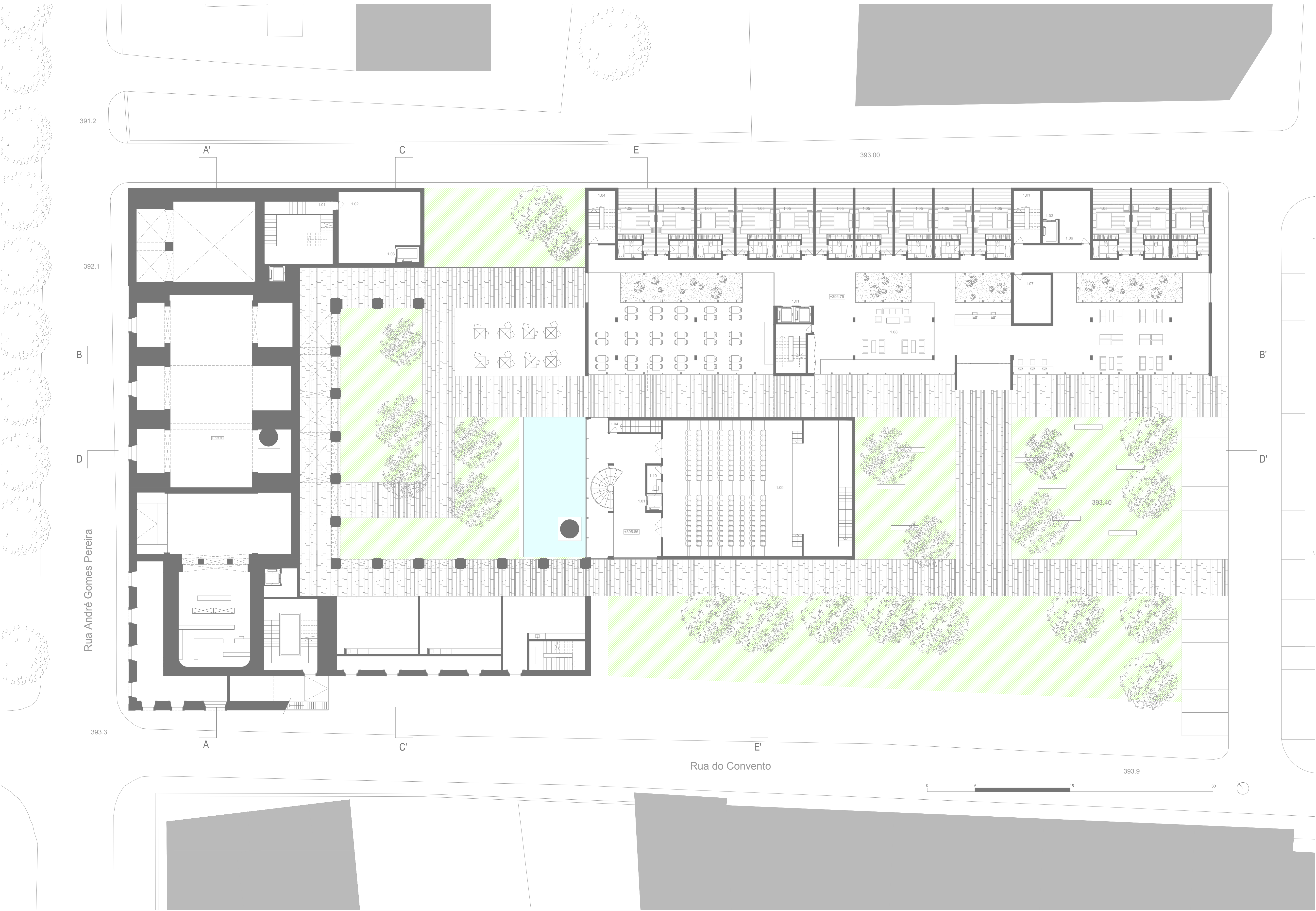
PLANTA PISO 0

LEGENDA DE ESPAÇOS:

0.01	Átrio	92 m2
0.02	Receção	36 m2
0.03	Exposição Temporária	60 m2
0.04	Loja	32 m2
0.05	Exposição Temporária	379 m2
0.06	Acessos Verticais	
0.07	Armazém	72 m2
0.08	Elevador Monta-Cargas	
0.09	Instalações Sanitárias	17 m2
0.10	Atelier	48 m2
0.11	Atelier	44 m2
0.12	Acessos de Emergência	
0.13	Átrio	80 m2
0.14	Receção	12 m2
0.15	Instalações Sanitárias	19 m2
0.16	Esplanada	98 m2
0.17	Restaurante	150 m2
0.18	Cafetaria	33 m2
0.19	Preparação de Legumes	6 m2
0.20	Preparação de Carne/Peixe	10 m2
0.21	Congelação	9 m2
0.22	Espaço de confeção	16 m2
0.23	Copa Suja	14 m2
0.24	Armazém	13 m2
0.25	Depósito do Lixo	8 m2
0.26	Armazém	10 m2
0.27	Sala de Refeições Funcionários	13 m2
0.28	Instalações Sanitárias	20 m2
0.29	Arrumos	14 m2
0.30	Zona de Pequenos Almoços	78 m2
0.31	Espaço de Convívio	110 m2
0.32	Espaço de Internet	16 m2
0.33	Escritório	20 m2
0.34	Receção	15 m2
0.35	Espaço de Estar	
0.36	Área Técnica	

1/200





PROJETO BASE

PLANTA PISO 1

LEGENDA DE ESPAÇOS:

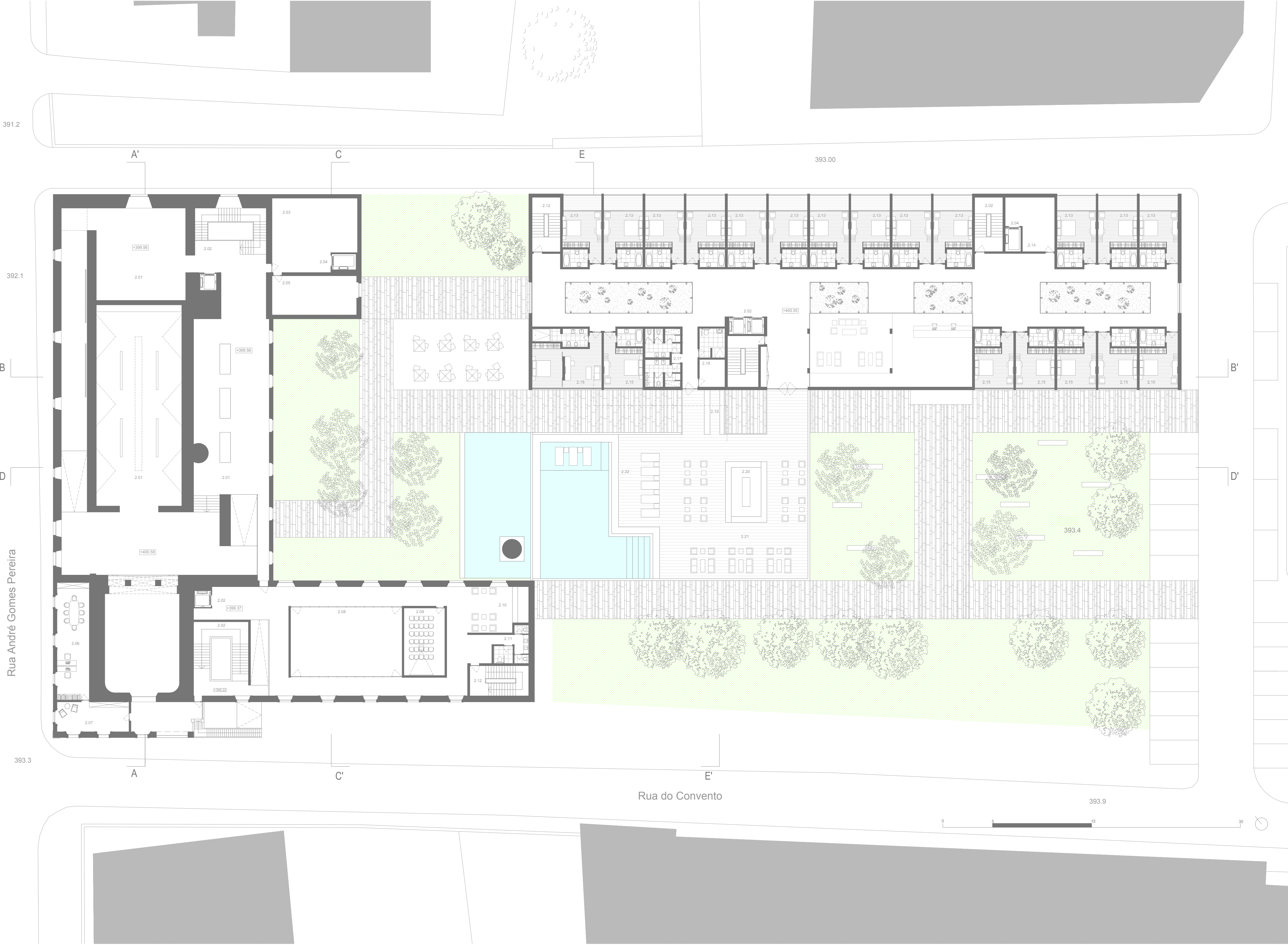
- 1.01| Acessos Verticais
- 1.02| Conservação .....62 m2
- 1.03| Monta-Cargas
- 1.04| Acessos de Emergência
- 1.05| Quarto ..... 25 m2
- 1.06| Arrumos ..... 23 m2
- 1.07| Arrumos ..... 20 m2
- 1.08| Espaço de Convívio ..... 56 m2
- 1.09| Auditório 160 lugares ..... 275 m2
- 1.10| Sala de Projeção ..... 4 m2

1/200



LEGENDA DE ESPAÇOS:

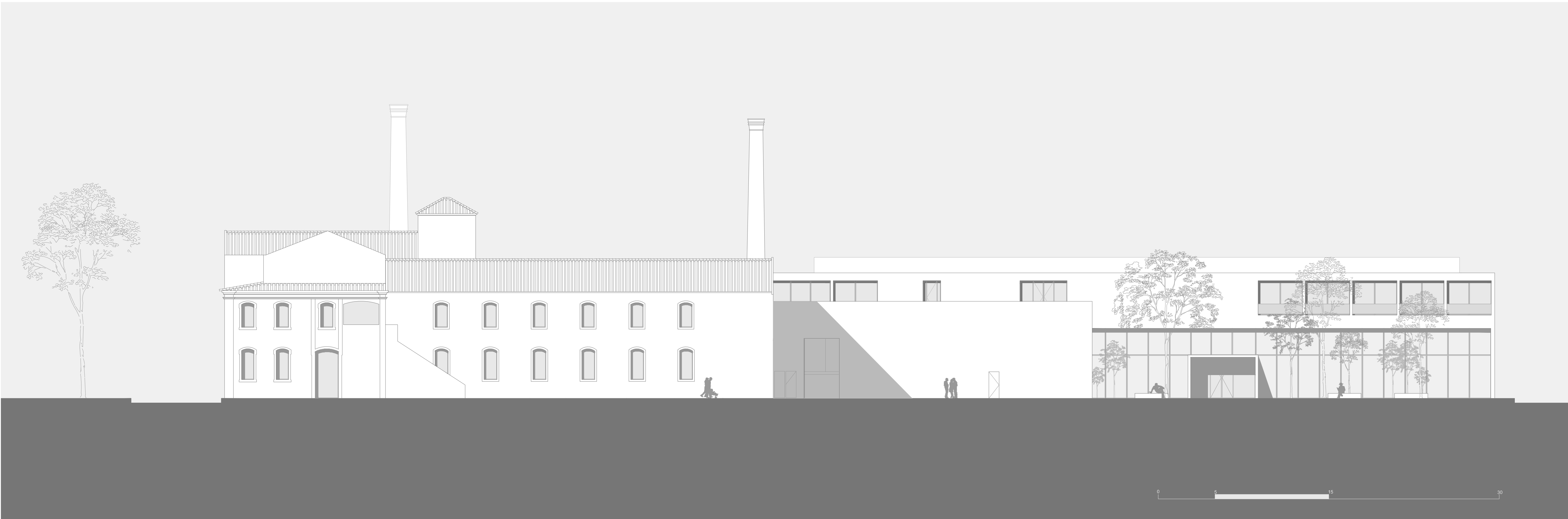
2.01	Exposição Permanente .....	603 m2
2.02	Acessos Verticais .....	
2.03	Oficinas de Restauro .....	62 m2
2.04	Monta-Cargas .....	
2.05	Sala de Arquivos .....	35 m2
2.06	Escritório .....	40 m2
2.07	Espaço Convívio Funcionários .....	22 m2
2.08	Sala de Workshop .....	81 m2
2.09	Sala de Projeções .....	28 m2
2.10	Copa Bar .....	28 m2
2.11	Instalações Sanitárias .....	8 m2
2.12	Acessos de Emergência .....	
2.13	Quarto .....	25 m2
2.14	Arrumos .....	23 m2
2.15	Quarto .....	22 m2
2.16	Arrumos .....	7 m2
2.17	Balneários .....	22 m2
2.18	Suite .....	41 m2
2.19	Copa de Apoio Piscina .....	5 m2
2.20	Bar .....	30 m2
2.21	Esplanada .....	160 m2
2.22	Piscina/ Espaço Descanço .....	194 m2



1/200







III PROJETO BASE

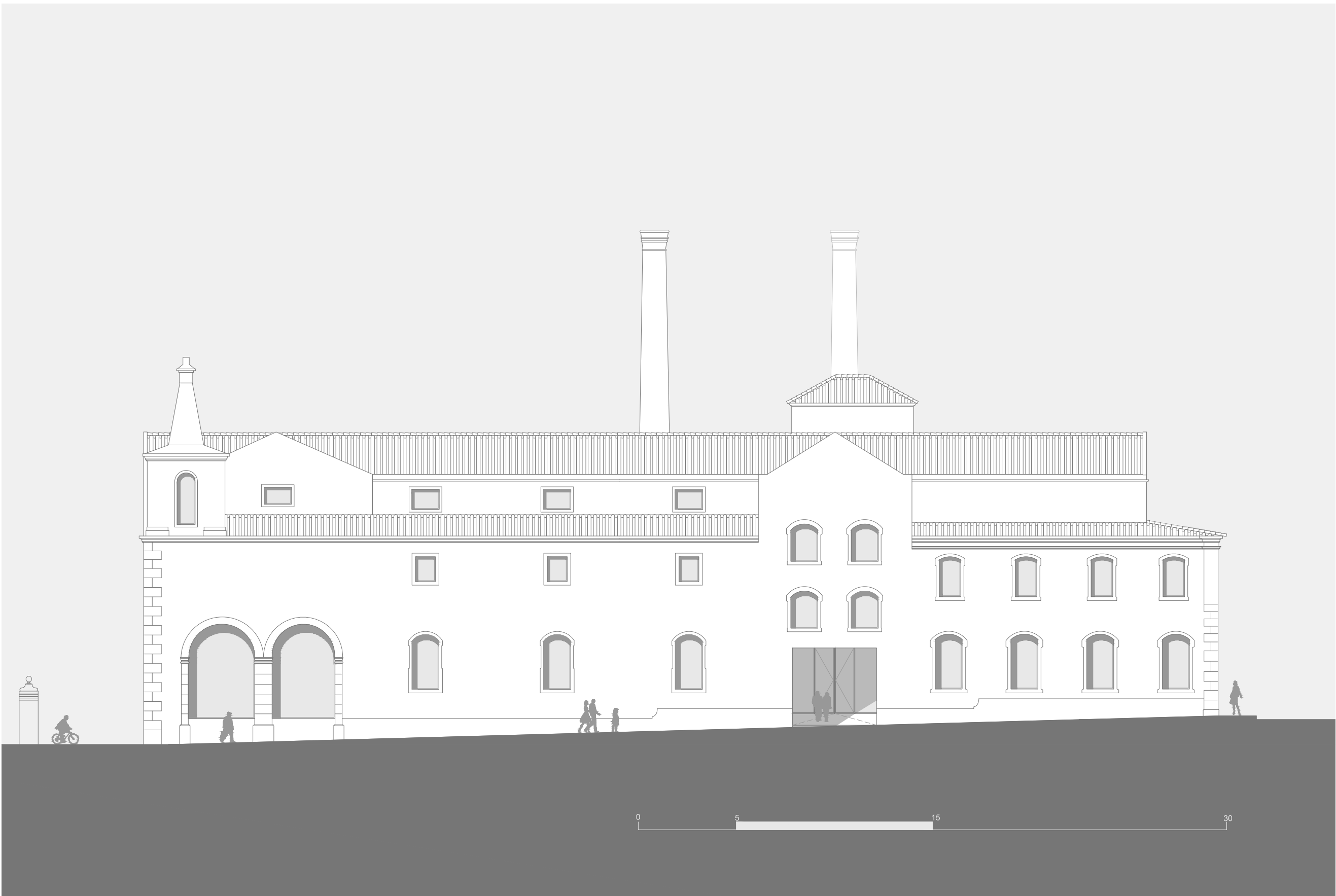
VI ALÇADOS

ALÇADO SUDOESTE



ALÇADO NORDESTE

1/200



III PROJETO BASE

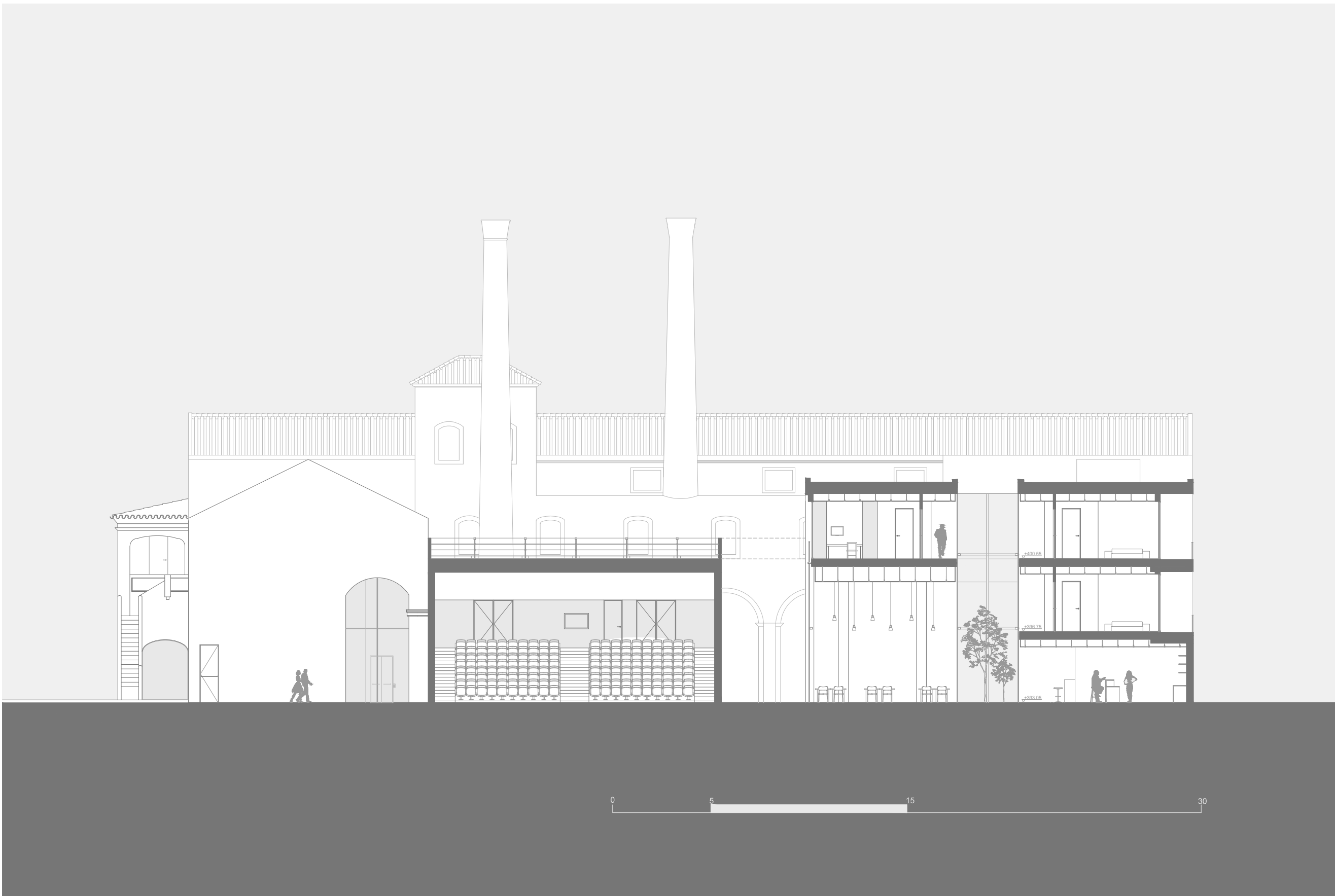
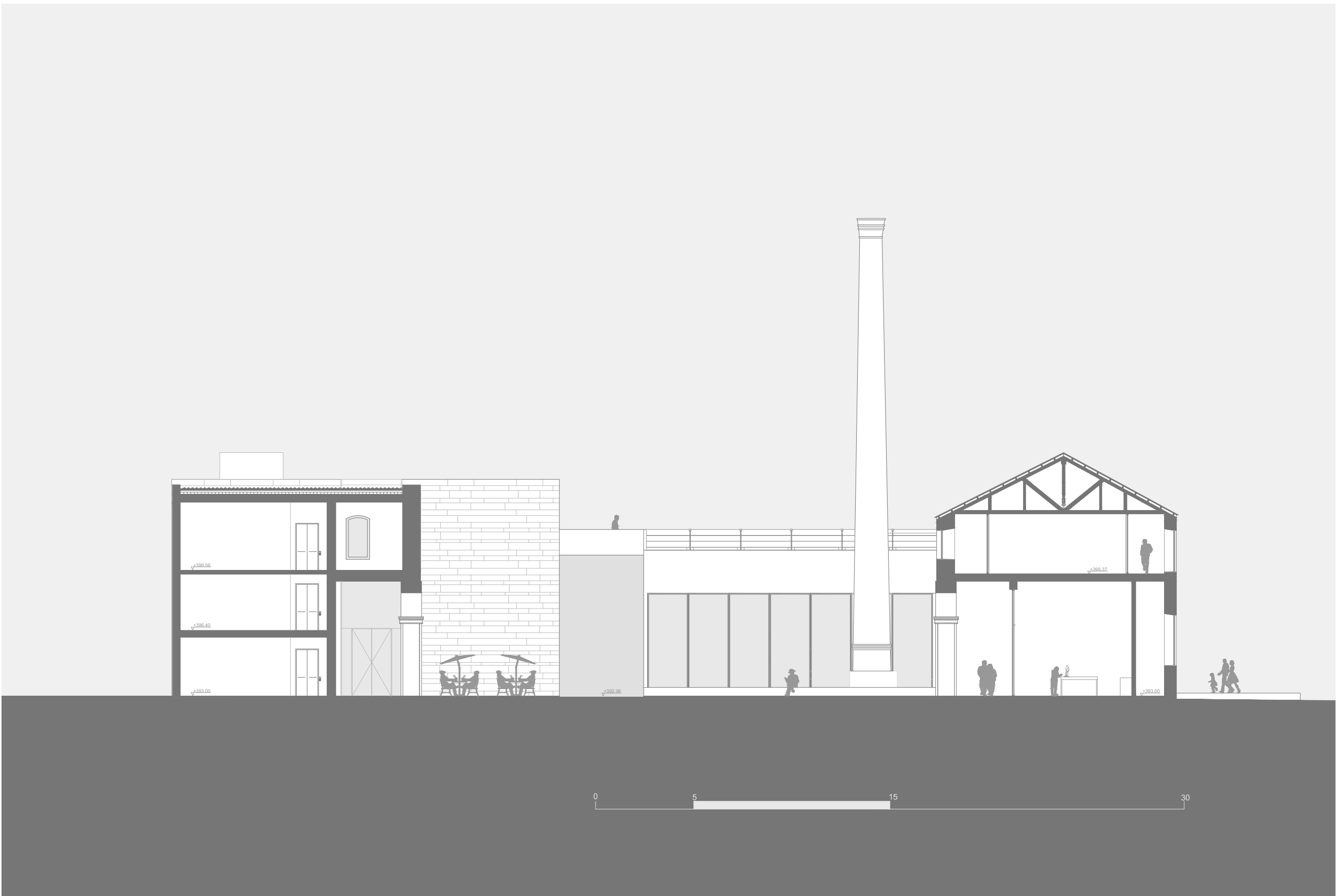
VII CORTES

ALÇADO NOROESTE | CORTE AA'



CORTE BB'

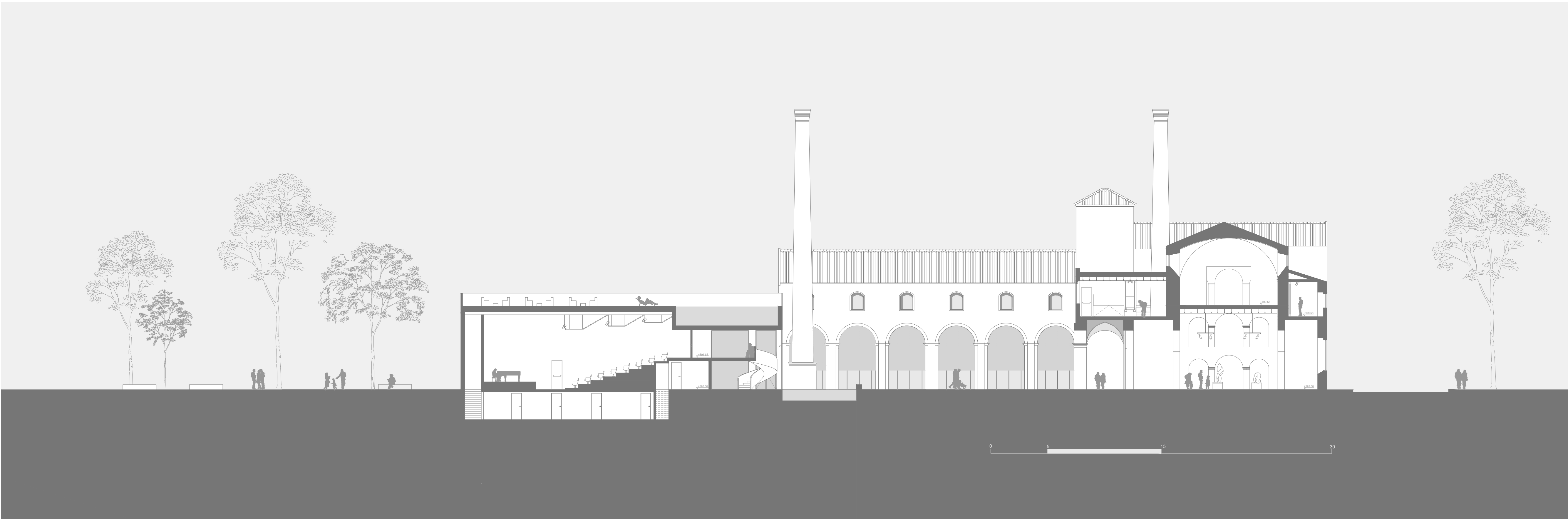
1/200



III PROJETO BASE

VIII CORTES

CORTE CC' | CORTE EE'



CORTE DD'

1/200



LEGENDA

PAREDES

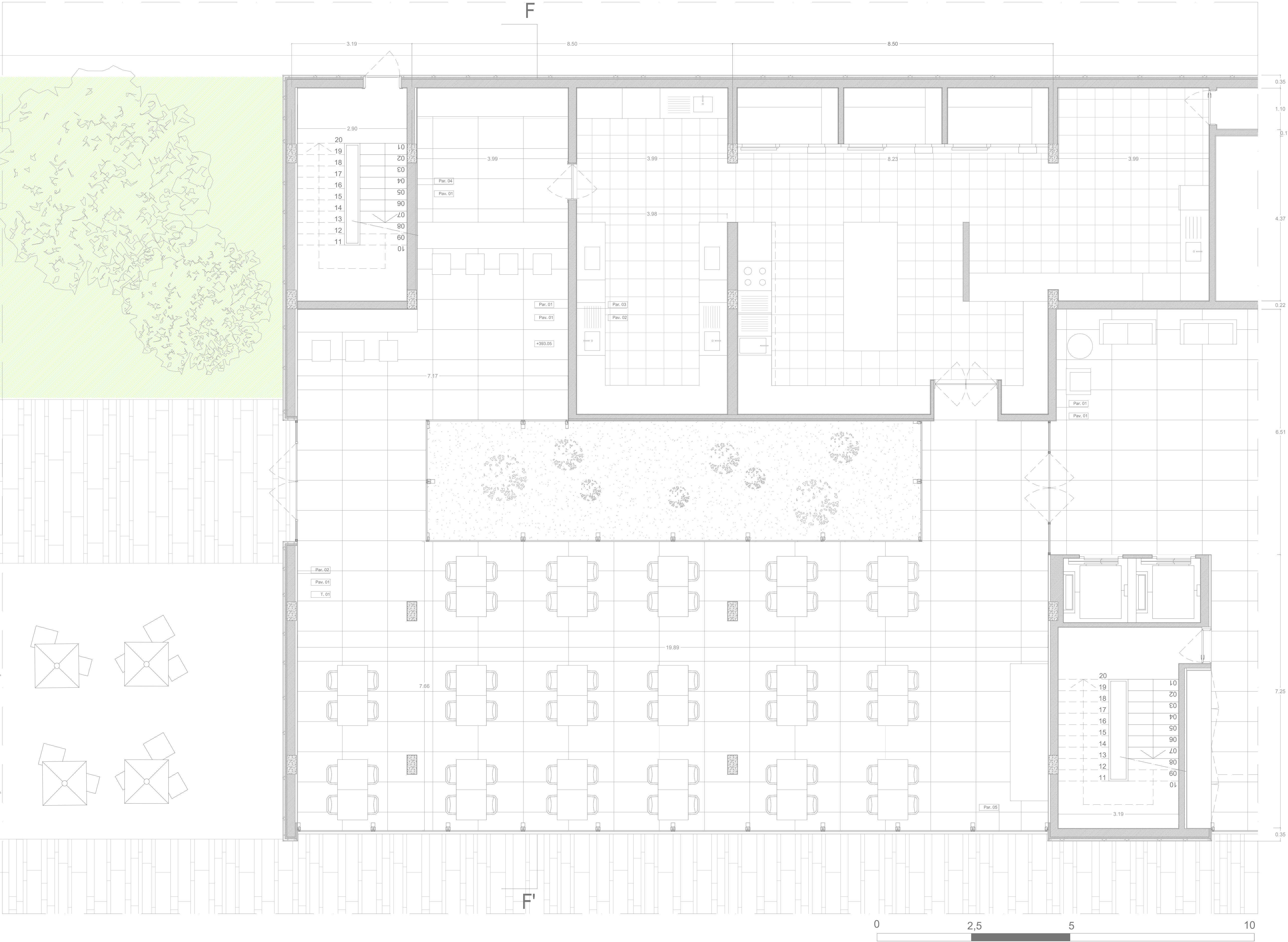
- Par. 01|** Reboco pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor Marfim, ref. 2306.
- Par. 02|** Placas de Gesso Cartonado de 12,5mm de espessura, tipo KNAUF, a pintar com tinta CIN, cor Marfim, ref. 2306.
- Par. 03|** Revestimento a mosaico cerâmico Margrés, 45x90, tipo "Extreme", ref. wide whitw - ex1.
- Par.04|** Placas de gesso cartonado de 15mm, tipo KNAUF, corta-fogo.
- Par. 05|** Fachada em VEC

PAVIMENTOS

- Pav. 01|** Pavimento em mármore da região, 100x60
- Pav. 02|** Pavimento em mosaico cerâmico Margrés, 45x45, ref. silver one.

TETO

- T. 01|** Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.





LEGENDA

PAREDES

Par. 01| Reboco pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref.D787.

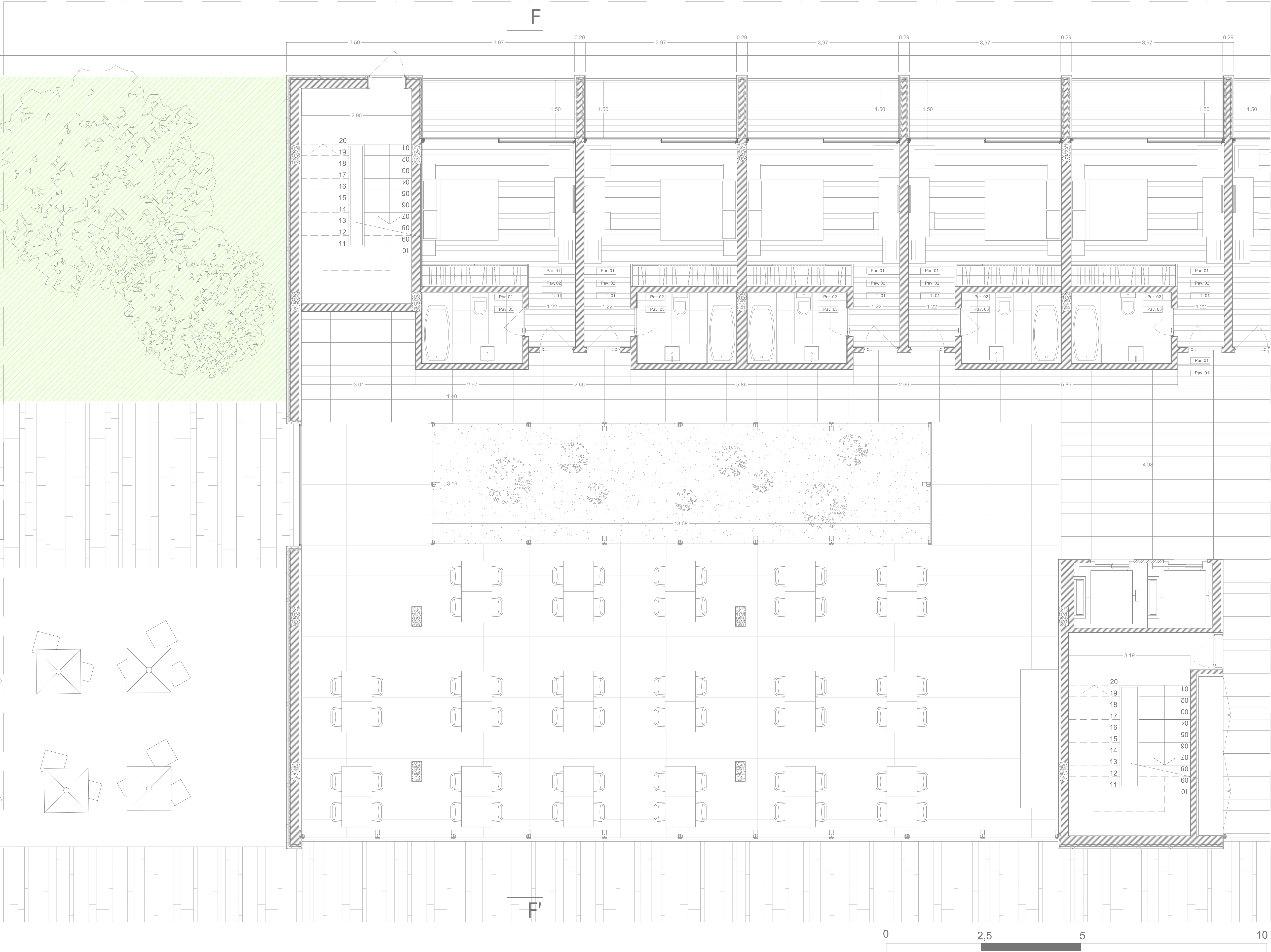
Par. 02| Revestimento a mosaico cerâmico Margrés, 30x60, ref. touch bege P-5280.

PAVIMENTOS

- Pav. 01| Pavimento em mármore da região, 30x60
- Pav. 02| Soalho à Portuguesa com tábuas de madeira de carvalho com acabamento de verniz cera, 120x14x2 cm
- Pav. 03| Revestimento cerâmico Margres, 45x45, ref. taste honey M-1350.

TETO

T. 01| Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.





LEGENDA

PAREDES

Par. 01| Reboco pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref.D787.

Par. 02| Revestimento a mosaico cerâmico Margrés, 30x60, ref. touch beige P-5280.

Par. 03| Revestimento a mosaico cerâmico Margrés, 30x60, ref. cotton M-1410.

PAVIMENTOS

Pav. 01| Pavimento em mármore da região, 30x60  
Pav. 02| Soalho à Portuguesa com tábuas de madeira de carvalho com acabamento de verniz cera, 120x14x2 cm  
Pav. 03| Revestimento cerâmico Margres, 45x45, ref. taste honey M-1350.

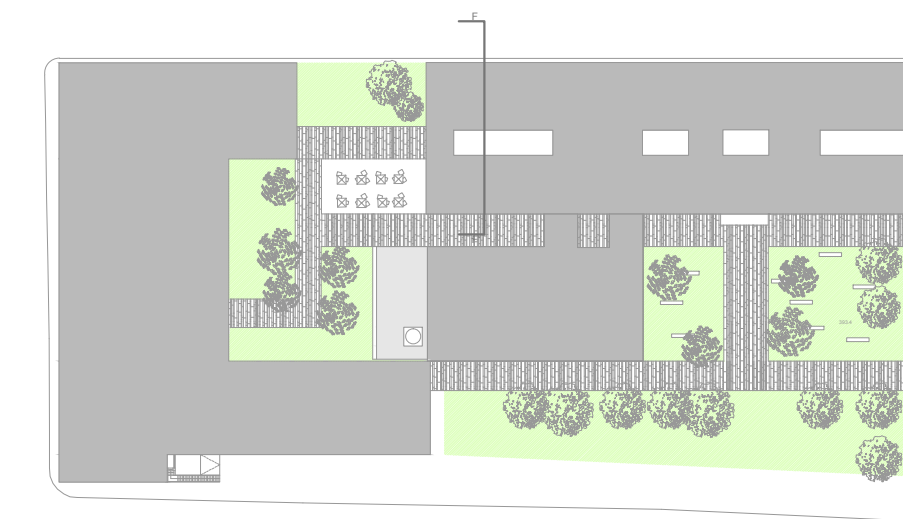
TETO

T. 01| Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.

1/50

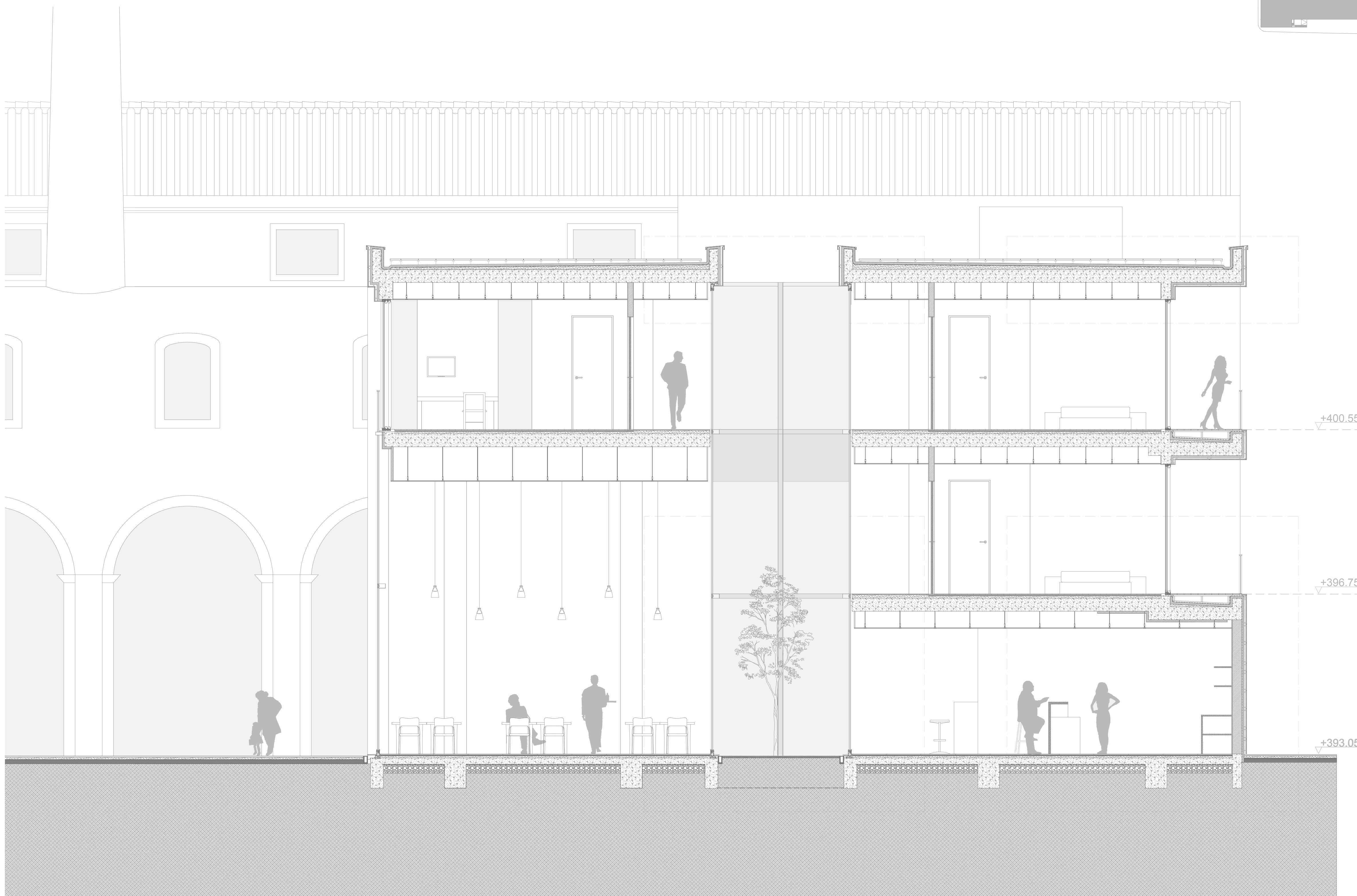






IV PROJETO DE EXECUÇÃO

IV CORTE FF'



0 2,5 5 10

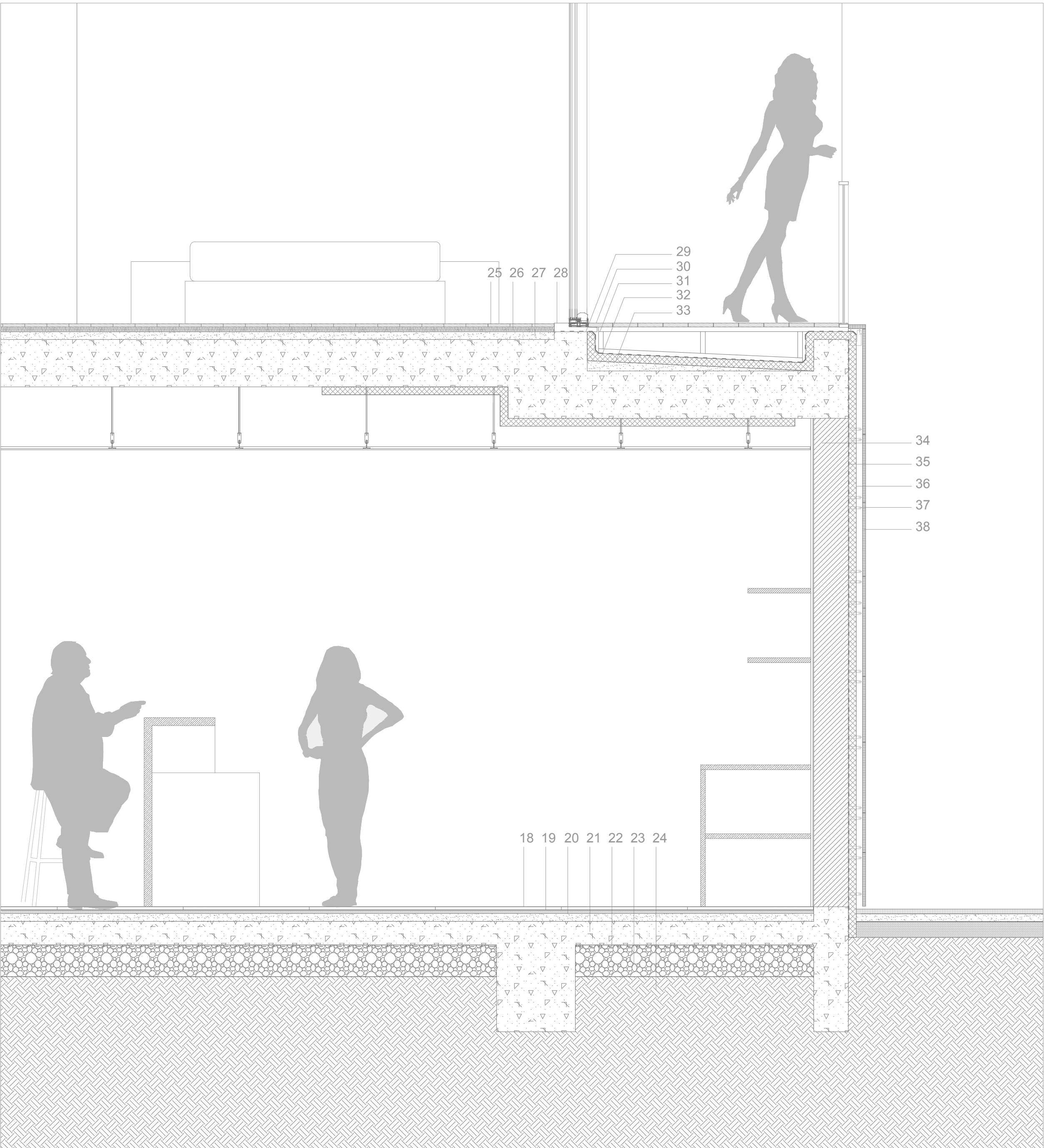
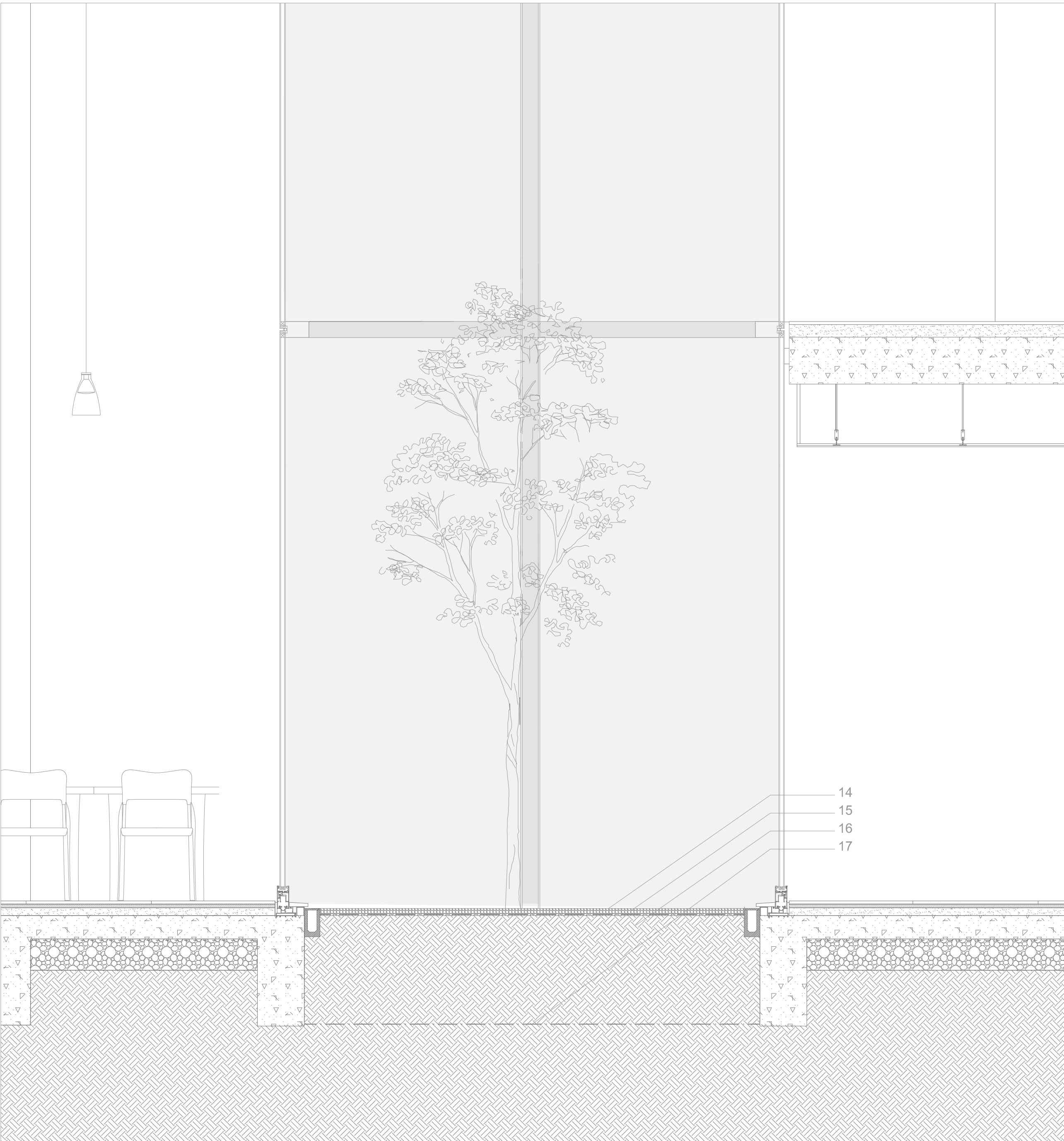
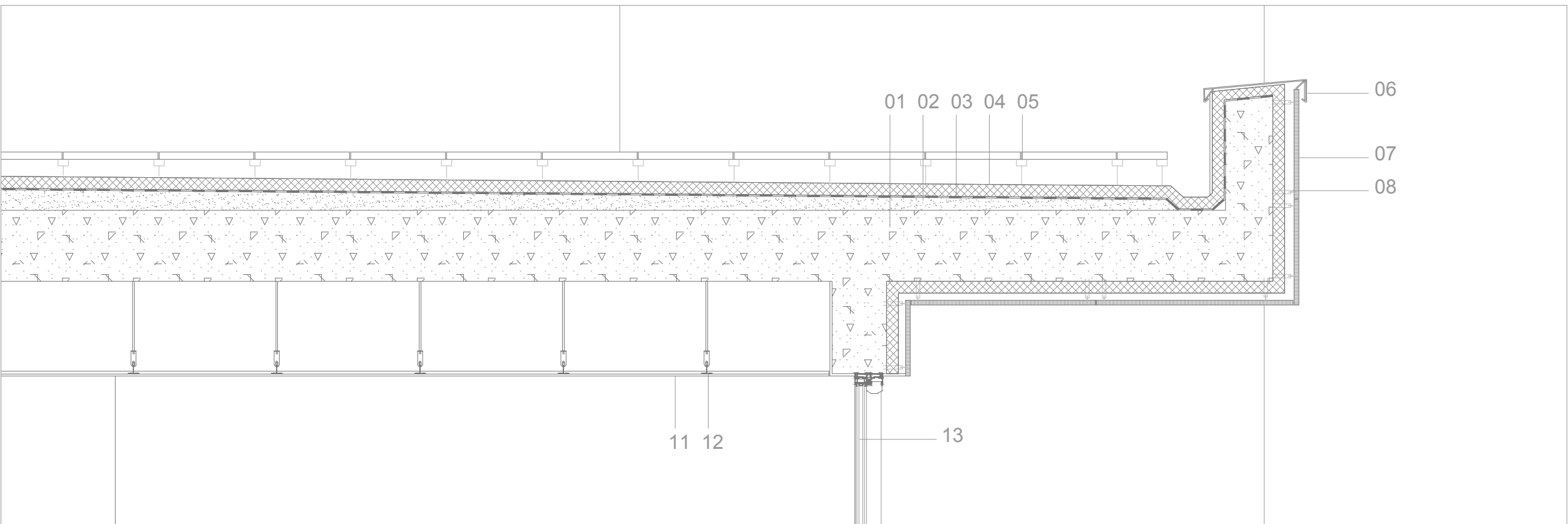
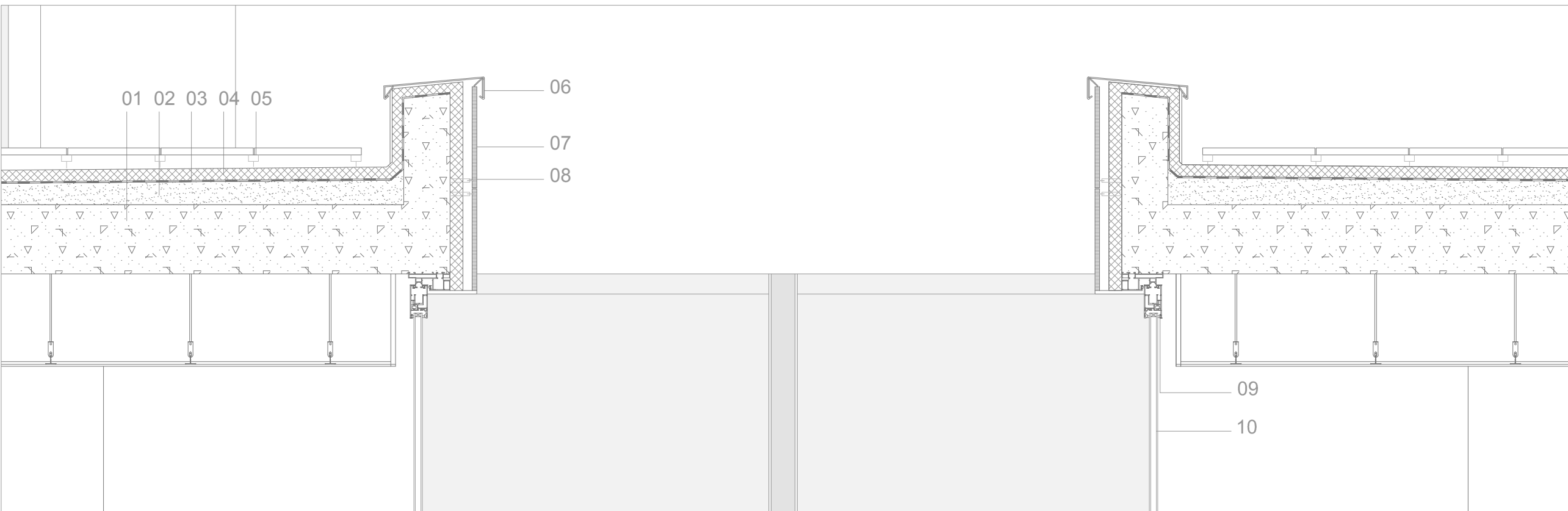
1/50

REVITALIZAÇÃO DO CONVENTO DA NOSSA SENHORA DO AMPARO

NOVOS USOS PARA ANTIGOS ESPAÇOS CONVENTUAIS

RITA GONÇALVES | FA UTL | N° 6919 | Fevereiro 2013





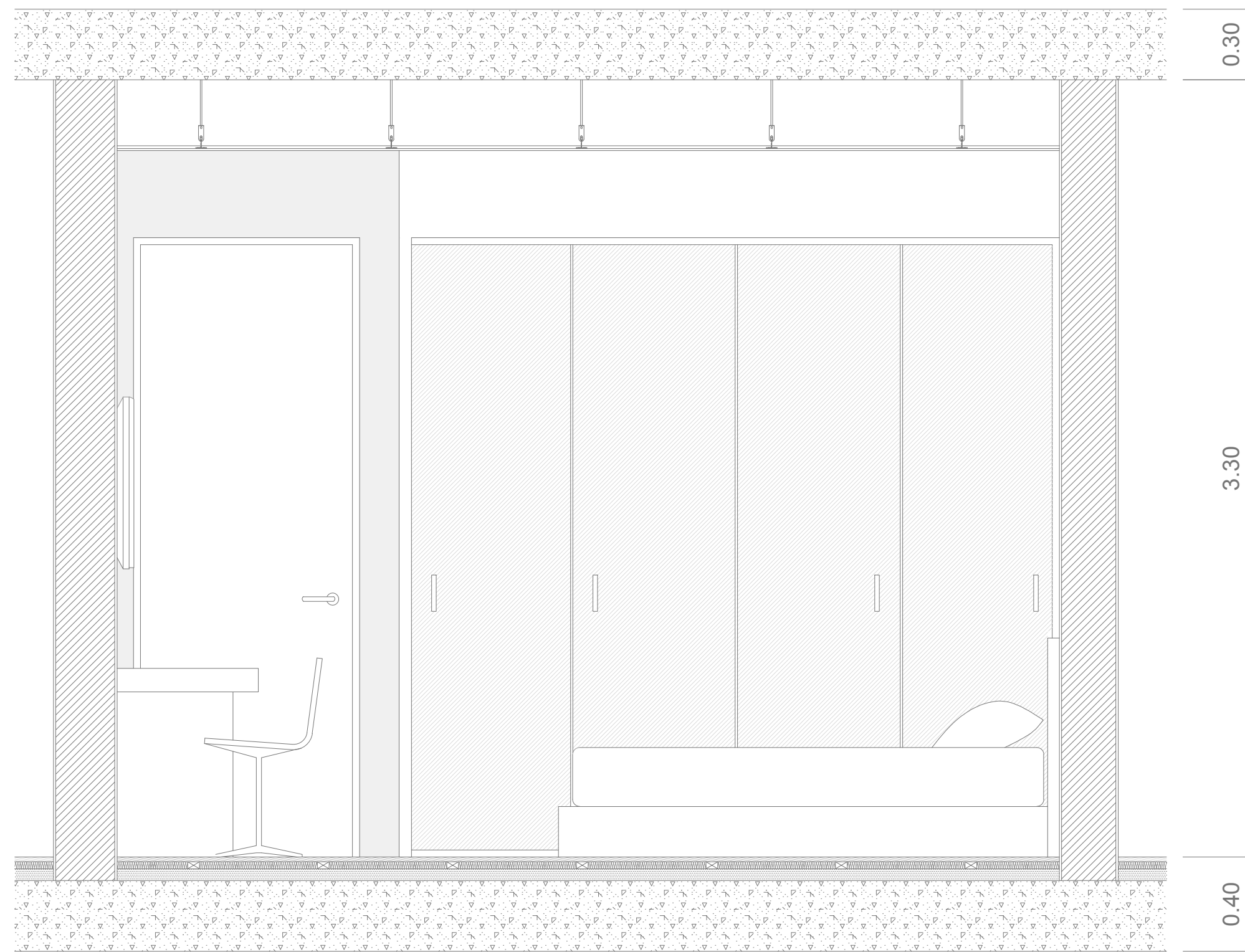
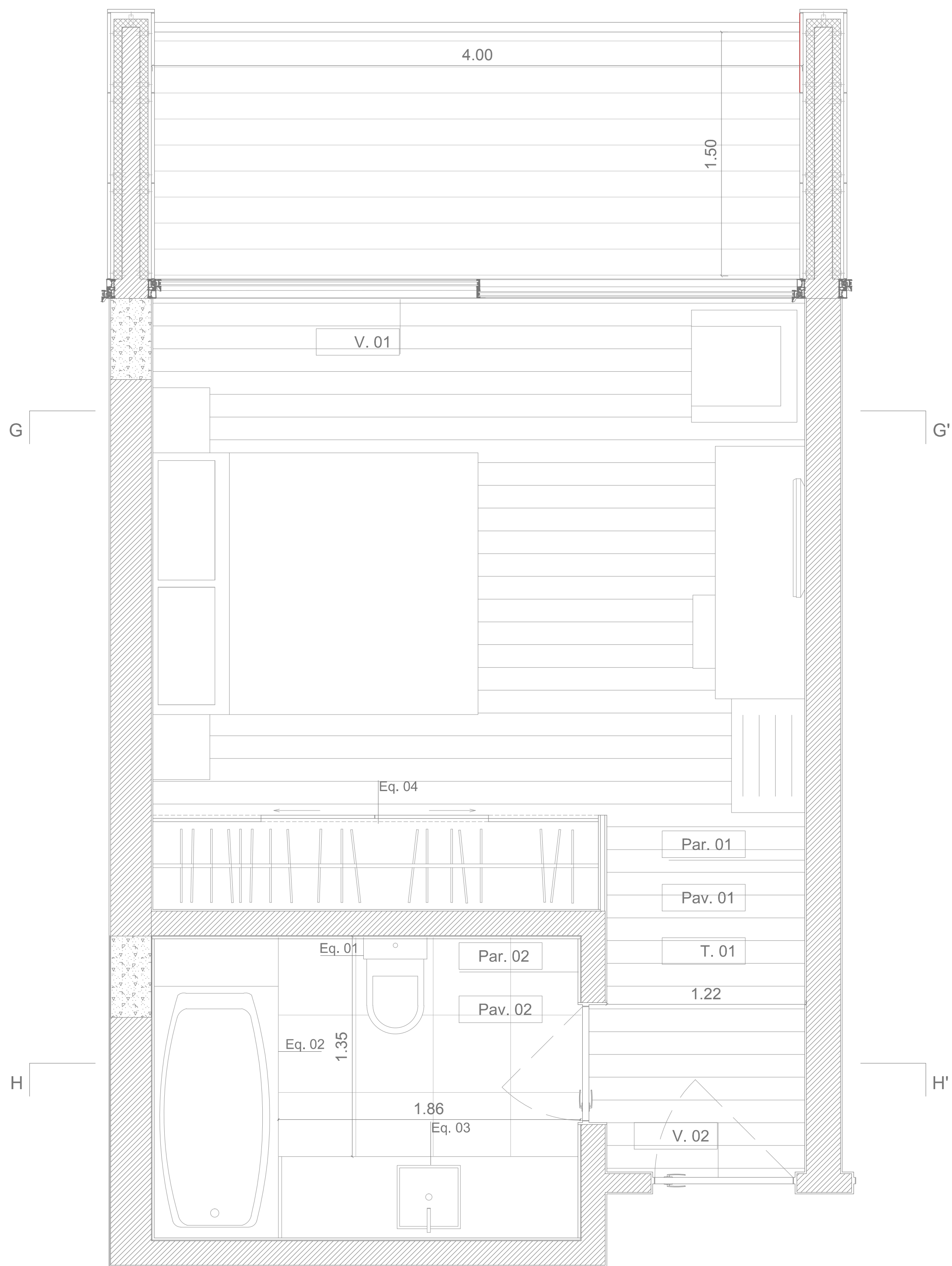
# IV PROJETO DE EXECUÇÃO

## V PORMENOR CONSTRUTIVO

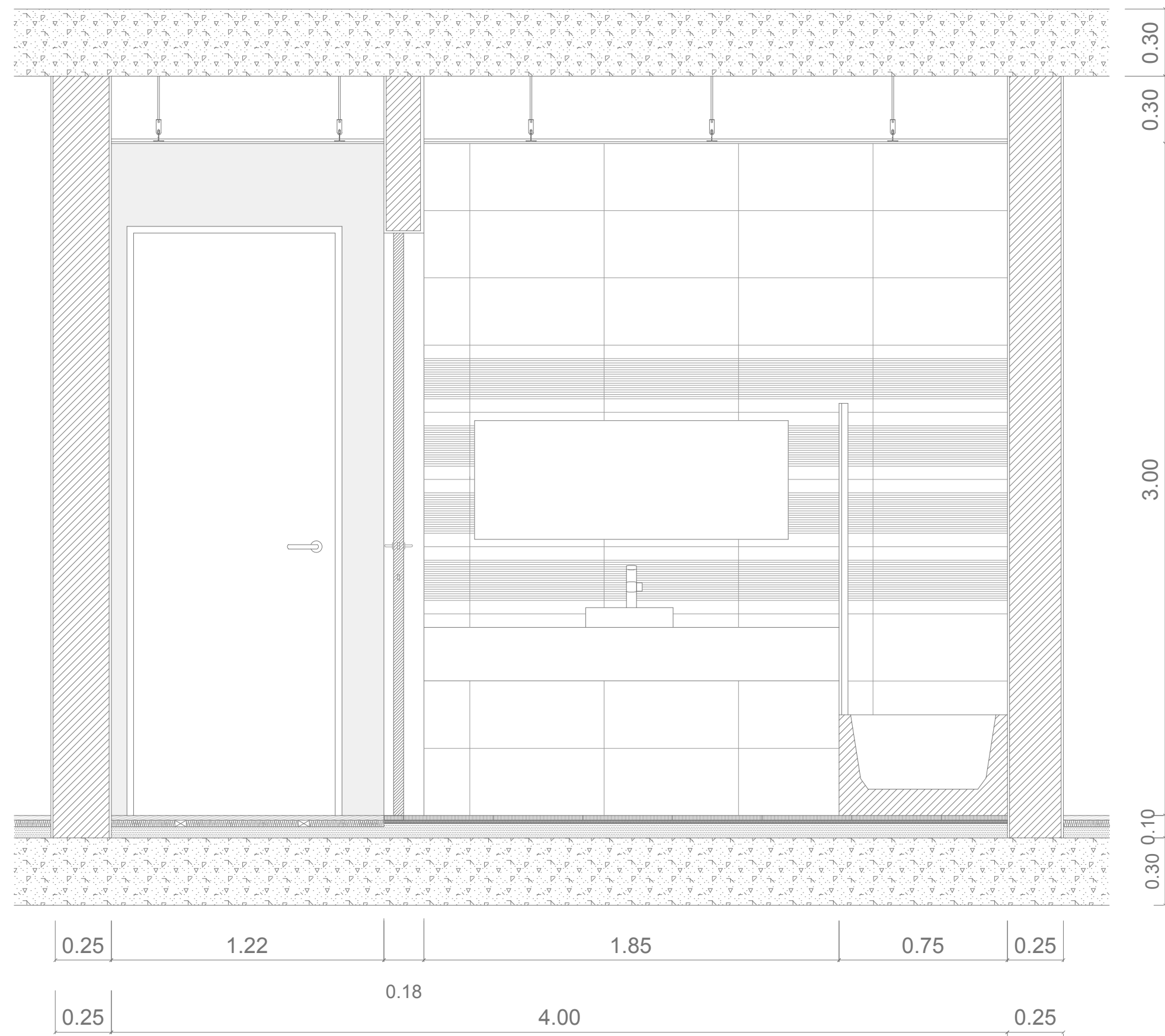
### LEGENDA

- 01| Laje de Betão Armado
- 02| Camada formação de pendente
- 03| Tela impermeabilizante
- 04| Isolamento térmico, Roofmate SL
- 05| Lajetas assentes em cubos de suporte
- 06| Chapa zincada
- 07| Forro de pedra
- 08| Fixação mecânica
- 09| Caixilharia alumínio lacado
- 10| Vidro duplo
- 11| Placas de gesso cartonado
- 12| Estrutura de suporte de teto falso
- 13| Vão: sistema de correr OS, vidro duplo liso
- 14| Gravilha
- 15| Tela geotêxtil
- 16| Terra compacta
- 17| Tela anti-raízes
- 18| Pavimento em Mármore da região
- 19| Camada de regularização
- 20| Betonilha
- 21| Laje de betão armado
- 22| Tela de impermeabilização
- 23| Camada de Tout Venant
- 24| Terreno compacto
- 25| Soalho à Portuguesa, madeira de carvalho
- 26| Isolamento, lâ mineral entre sarrafos
- 27| Betonilha de assentamento
- 28| Soleira de pedra
- 29| Impermeabilização no tardo de soleira
- 30| Deck de madeira maciça
- 31| Estrutura suporte do deck
- 32| Tela de impermeabilização
- 33| Camada de formação da pendente
- 34| Tijolo alvenaria de betão
- 35| Retardador de vapor
- 36| Isolamento térmico Wallmate CW
- 37| Fixação mecânica
- 38| Forro de Pedra mármore em fachada ventilada

1/20



CORTE GG'



CORTE HH'

# IV PROJETO DE EXECUÇÃO

## VI QUARTO

### LEGENDA

#### PAREDES

- Par. 01**| Reboco pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref.D787.
- Par. 02**| Revestimento a mosaico cerâmico Margrés, 30x60, ref. touch bege P-5280.

#### PAVIMENTOS

- Pav. 01**| Soalho à Portuguesa com tábuas de madeira de carvalho com acabamento de verniz cera, 120x14x2 cm
- Pav. 02**| Revestimento cerâmico Margres, 45x45, ref. taste honey M-1350.

#### TETO

- T. 01**| Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.

#### VÃOS

- V. 01**| Sistema de correr OS, vidro duplo liso
- V. 02**| Porta de folha dupla em MDF, com moldura em madeira maciça, pintada a tinta de esmalte solvente tipo CIN, cor branco puro, ref. 7870531.

#### EQUIPAMENTOS

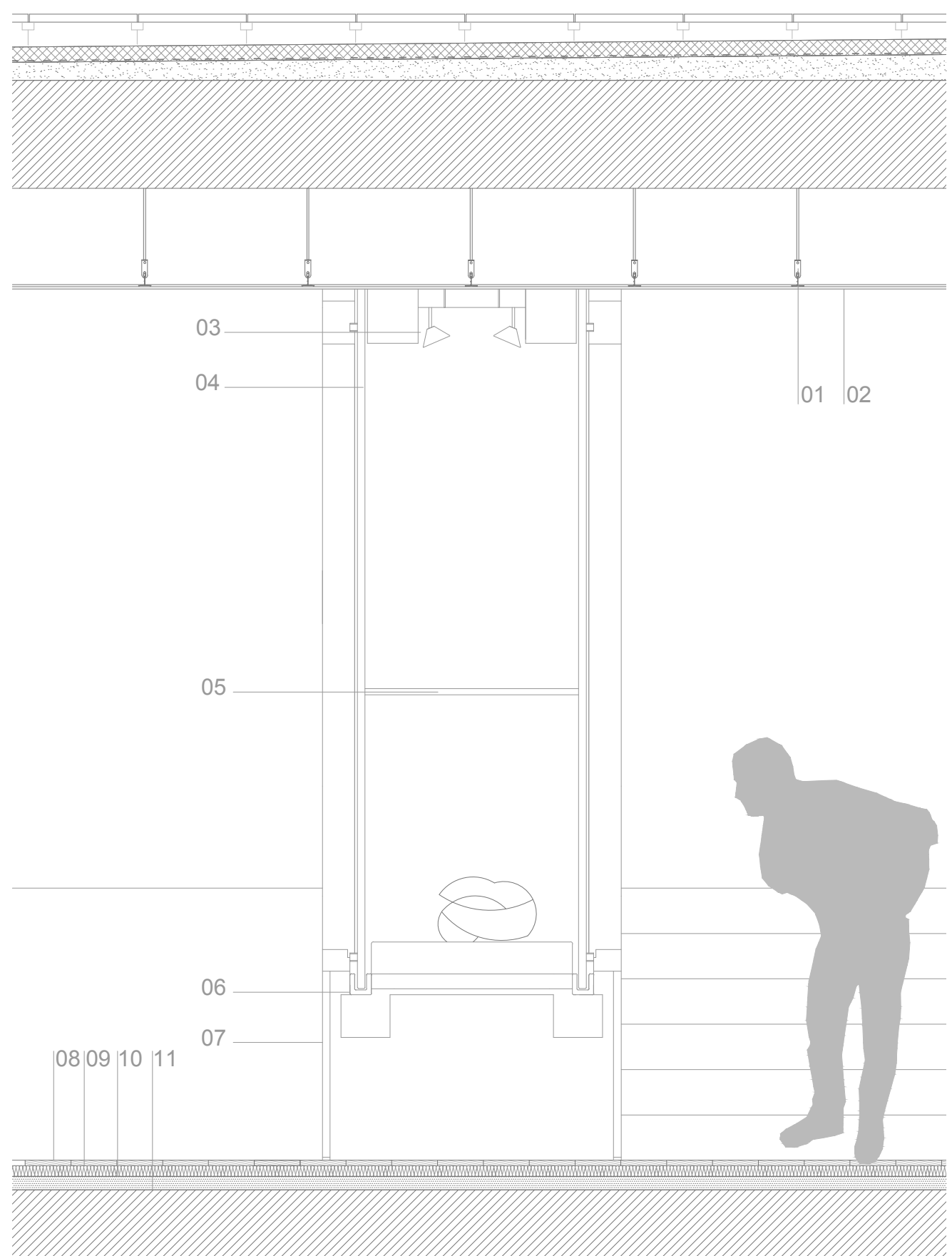
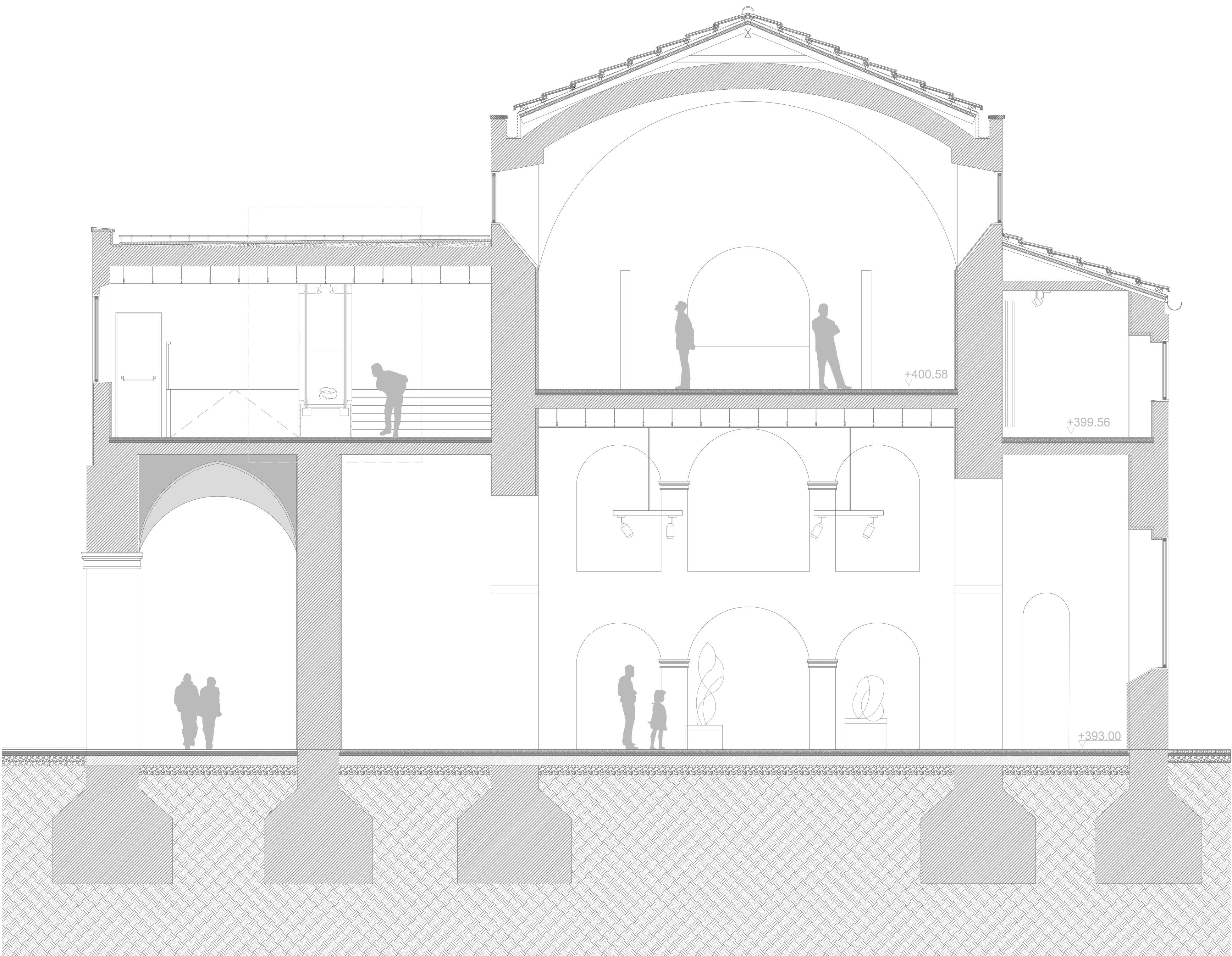
- Eq. 01**| Sanita compacta Aitana, Sanindusa
- Eq. 02**| Banheira, série aveiro, Sanindusa
- Eq. 03**| Lavatório, Duravit
- Eq. 04**| Armário com portas de correr com contraplacado folheado a bétula com 22 mm.

1/20





IV PROJETO DE EXECUÇÃO  
VII CORTE II'



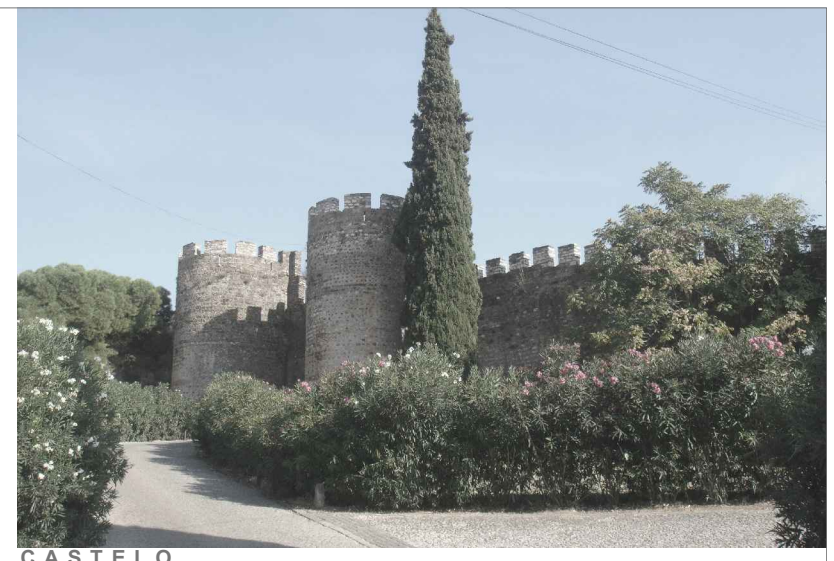
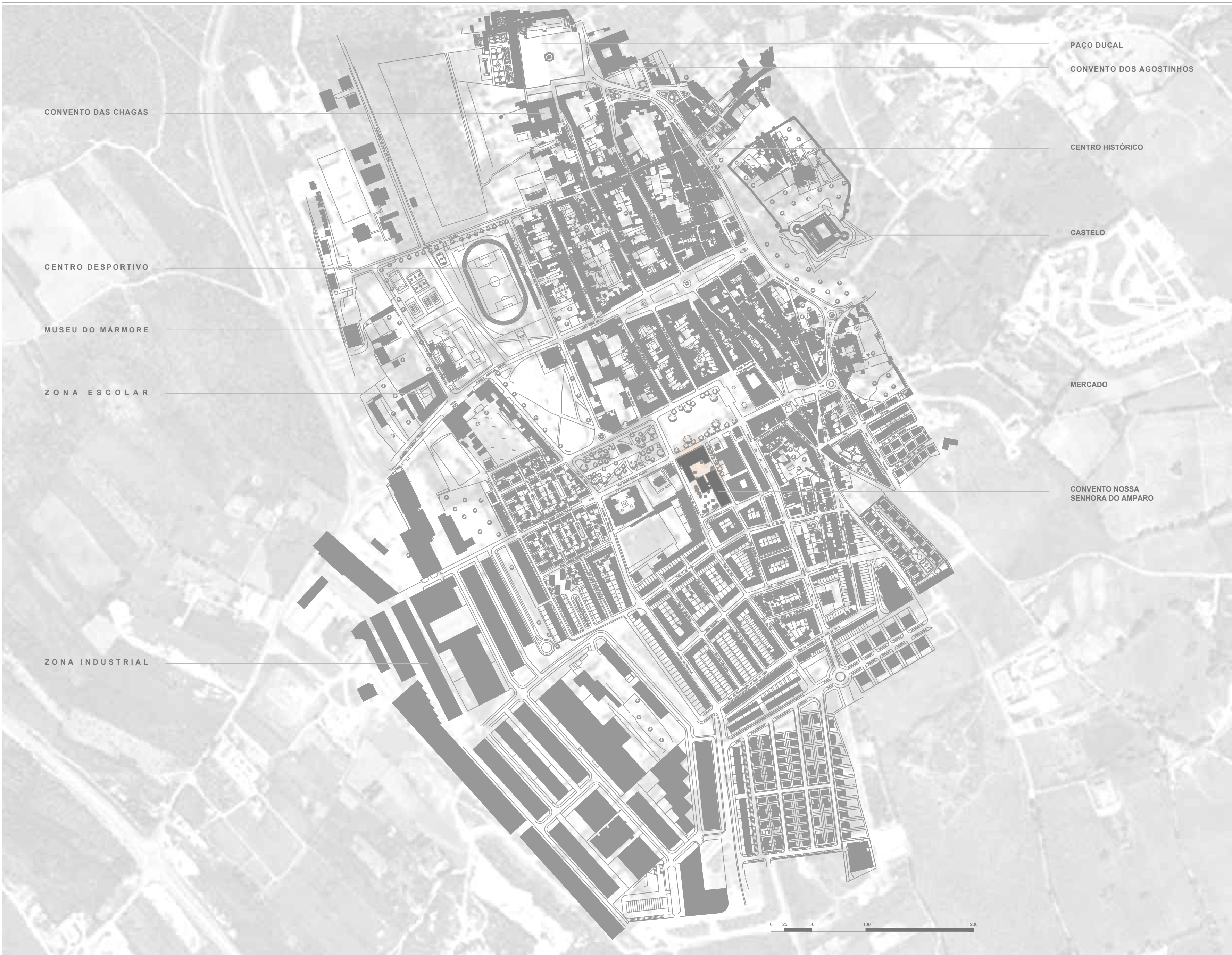
- LEGENDA
- 01| Estrutura de suporte de teto falso.
  - 02| Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.
  - 03| Sistema de iluminação.
  - 04| Vidro laminado
  - 05| Prateleira de exposição amovível
  - 06| Perfil metálico contínuo para suporte do vidro
  - 07| Vitrine expositiva em MDF, lacada a tinta de esmalte, cor branca.
  - 08| Soalho à Portuguesa com tábuas de madeira de carvalho com acabamento de verniz cera, 120x14x2 cm
  - 09| Camada de Leca
  - 10| Betonilha de regularização
  - 11| Laje de pavimento existente

1/50 | 1/20

## ANEXO V

### Painéis Síntese





CASTELO



CONVENTO DOS AGOSTINHOS



PAÇO DUCAL



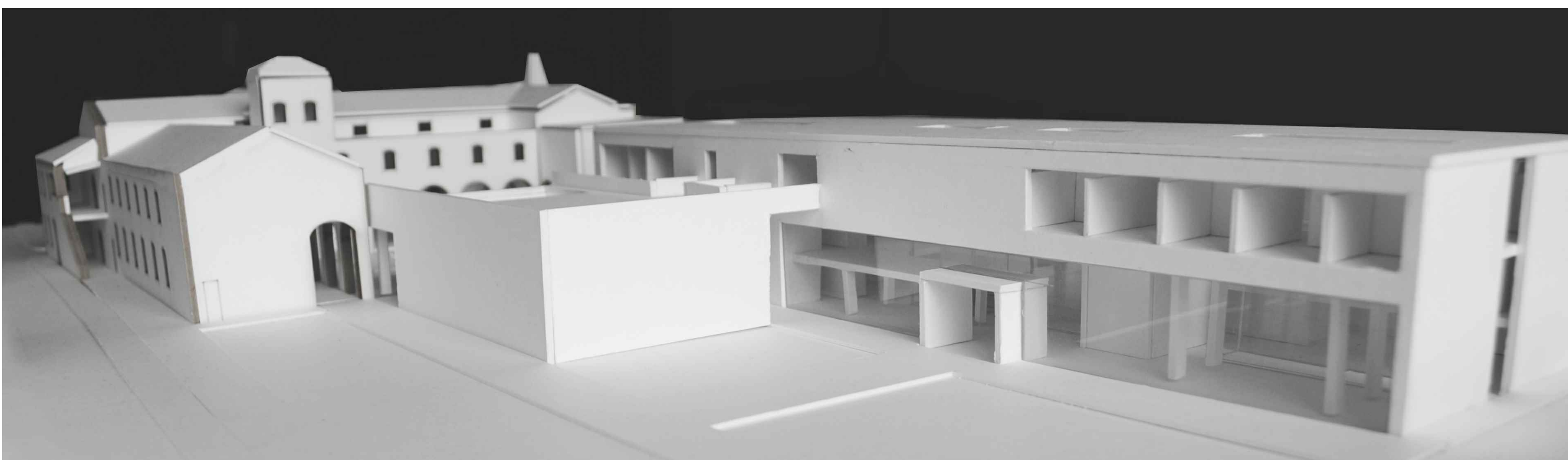
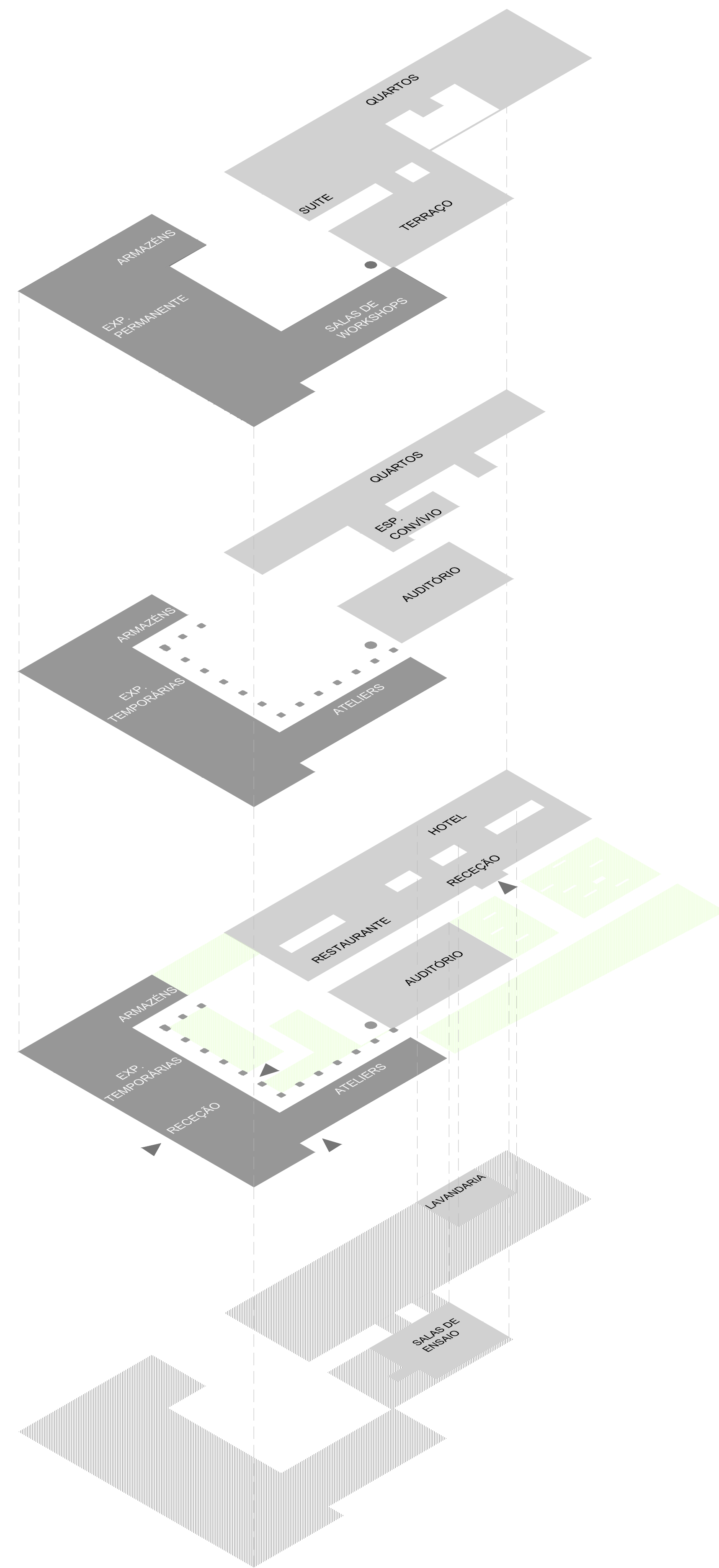
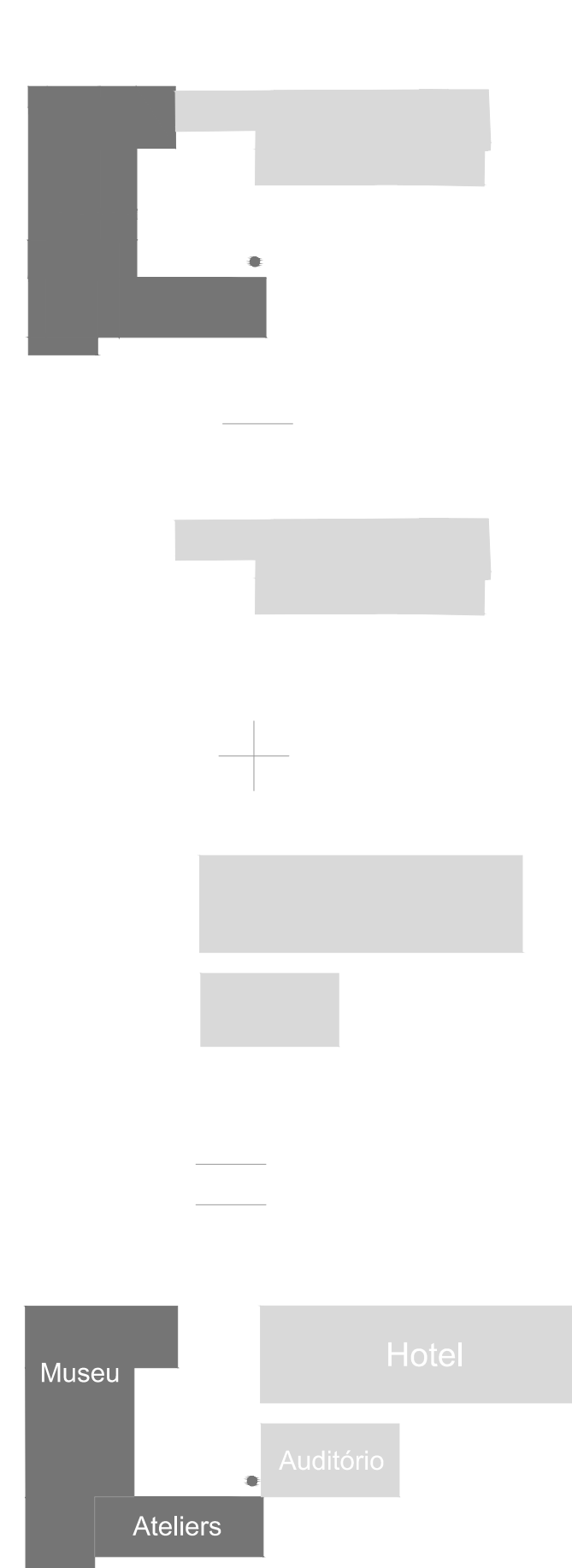
IGREJA MATRIZ



PEDREIRAS





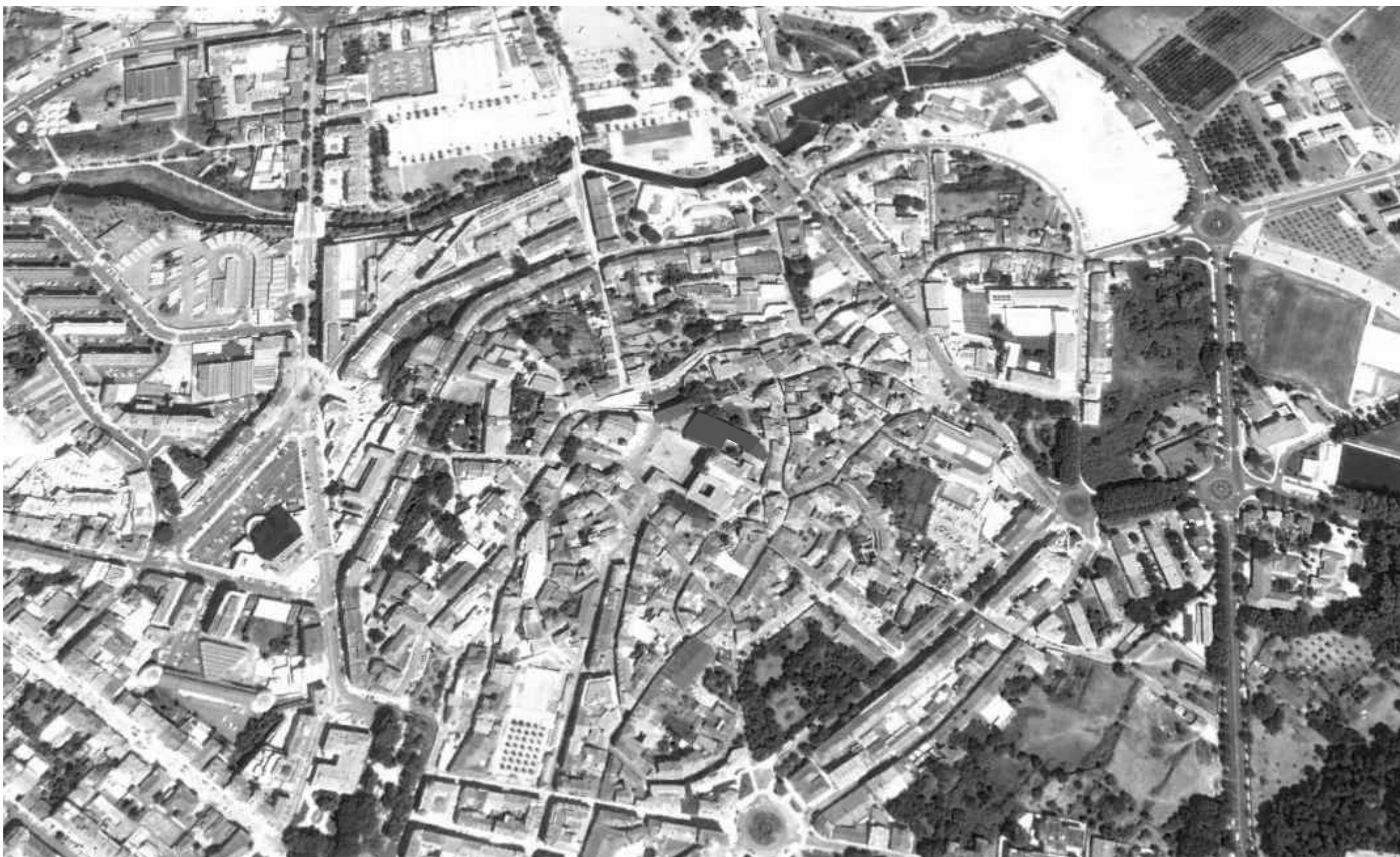
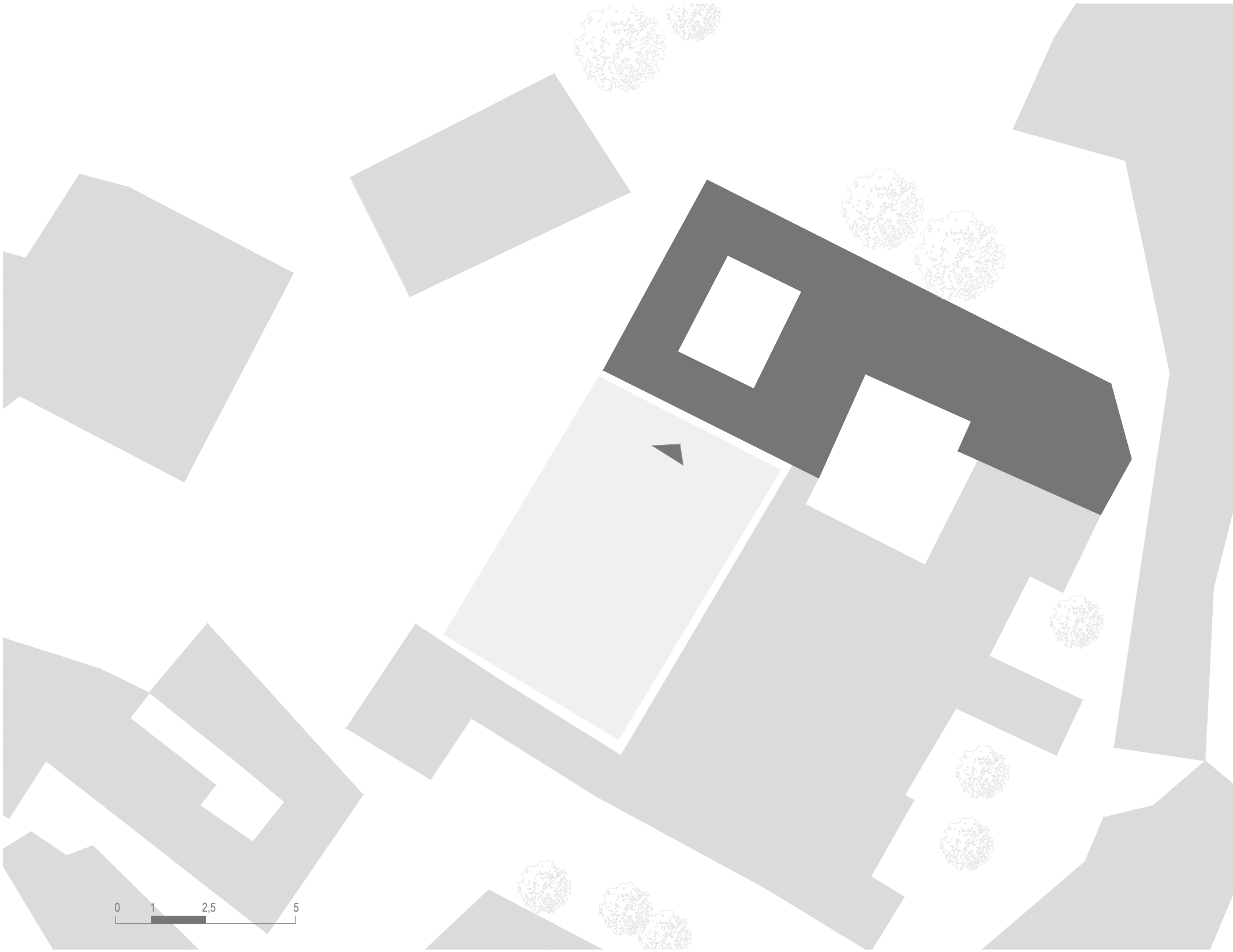




MUSEU GRÃO VASCO

ARQUITETO: EDUARDO SOUTO MOURA  
ANO: 2001-2003

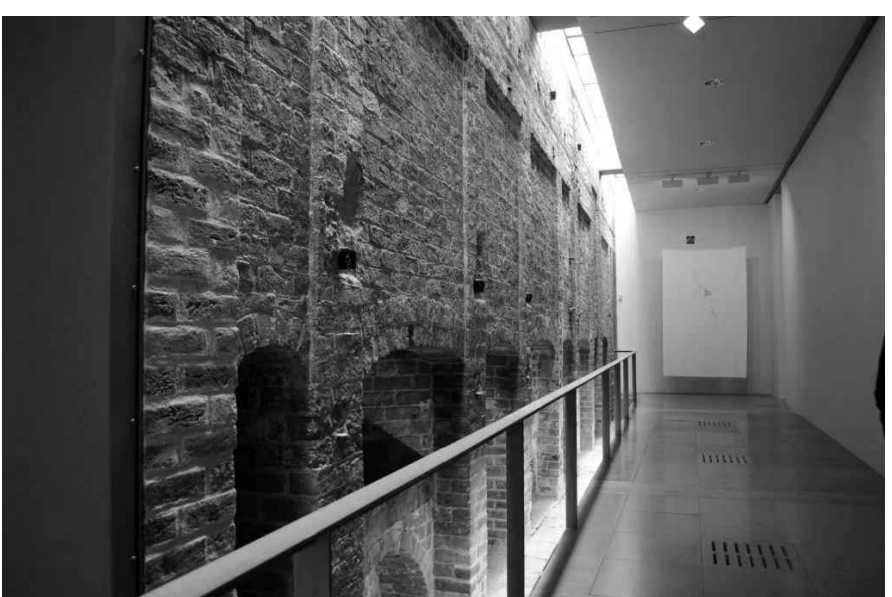
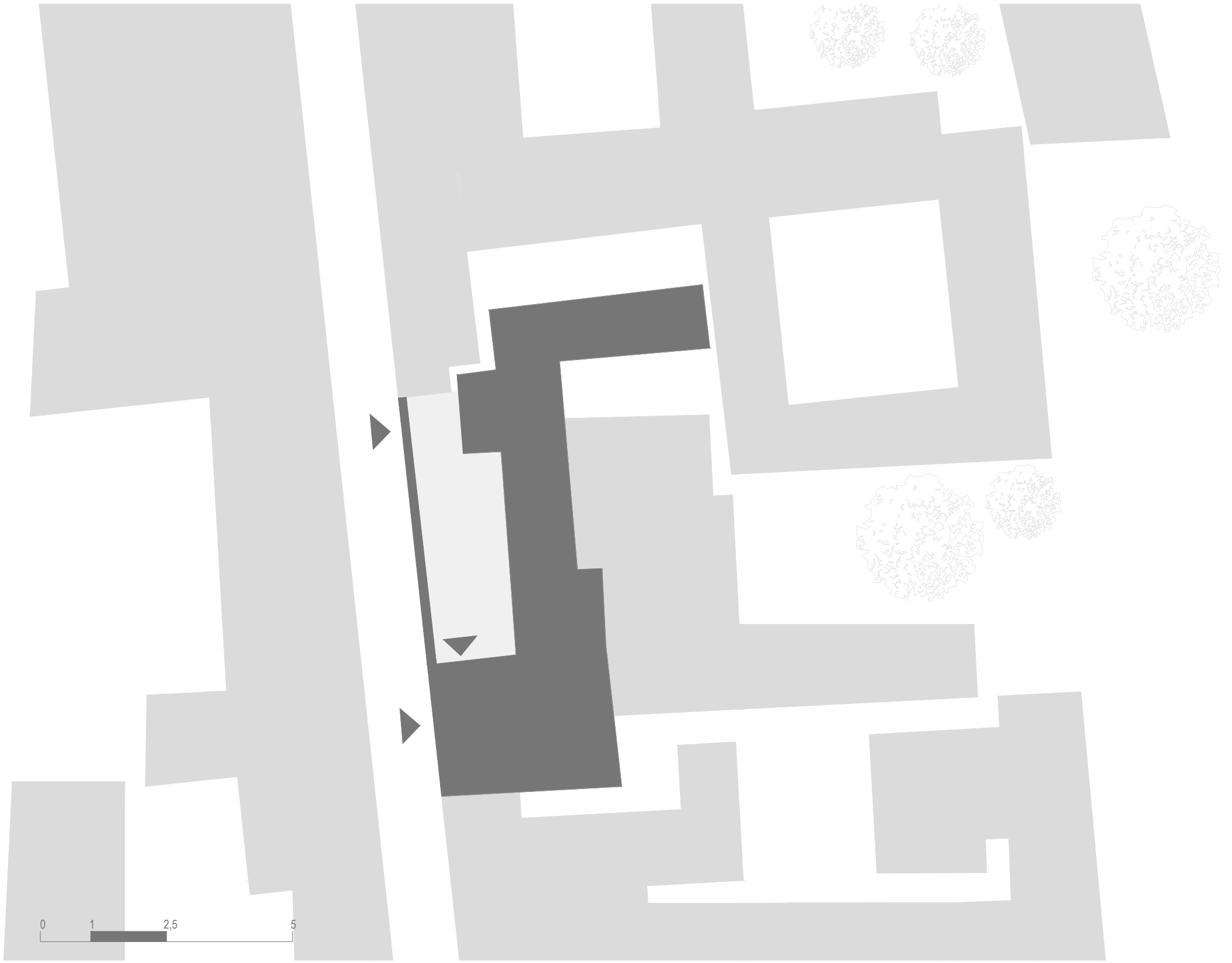
Localizado no Paço Episcopal, no centro histórico da cidade de Viseu, o edifício do Museu Grão Vasco foi alvo de reabilitação, por parte do arquiteto português Eduardo Souto de Moura. A intenção de reabilitar o edifício do Museu Grão Vasco prendeu-se essencialmente com a necessidade de encontrar soluções arquitetónicas que suprimissem as necessidades funcionais do Museu, como a falta de densidade expositiva e desarticulação de percursos expositivos, acessos verticais que permitam aceder a todos os pisos, a iluminação desadequada, e ainda a inexistência de auditório e cafetaria, preservando o carácter do edifício existente e mantendo uma continuidade com a sua envolvente. Os materiais utilizados pretendem assimilar-se aos pré-existentes, apresentando paredes de reboco de saibro e cal, azulejo artesanal e pavimento em soalho de pinho manso e tetos falsos em gesso cartonado para permitirem a inclusão de iluminação continua embutida.



MUSEU DO CHIADO

ARQUITETO: JEAN-MICHEL WILMOTTE  
ANO: 1988-1994

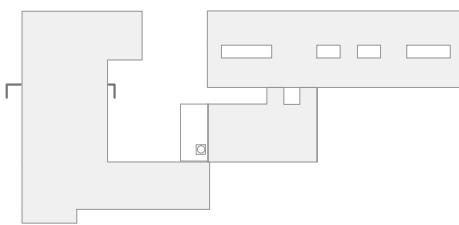
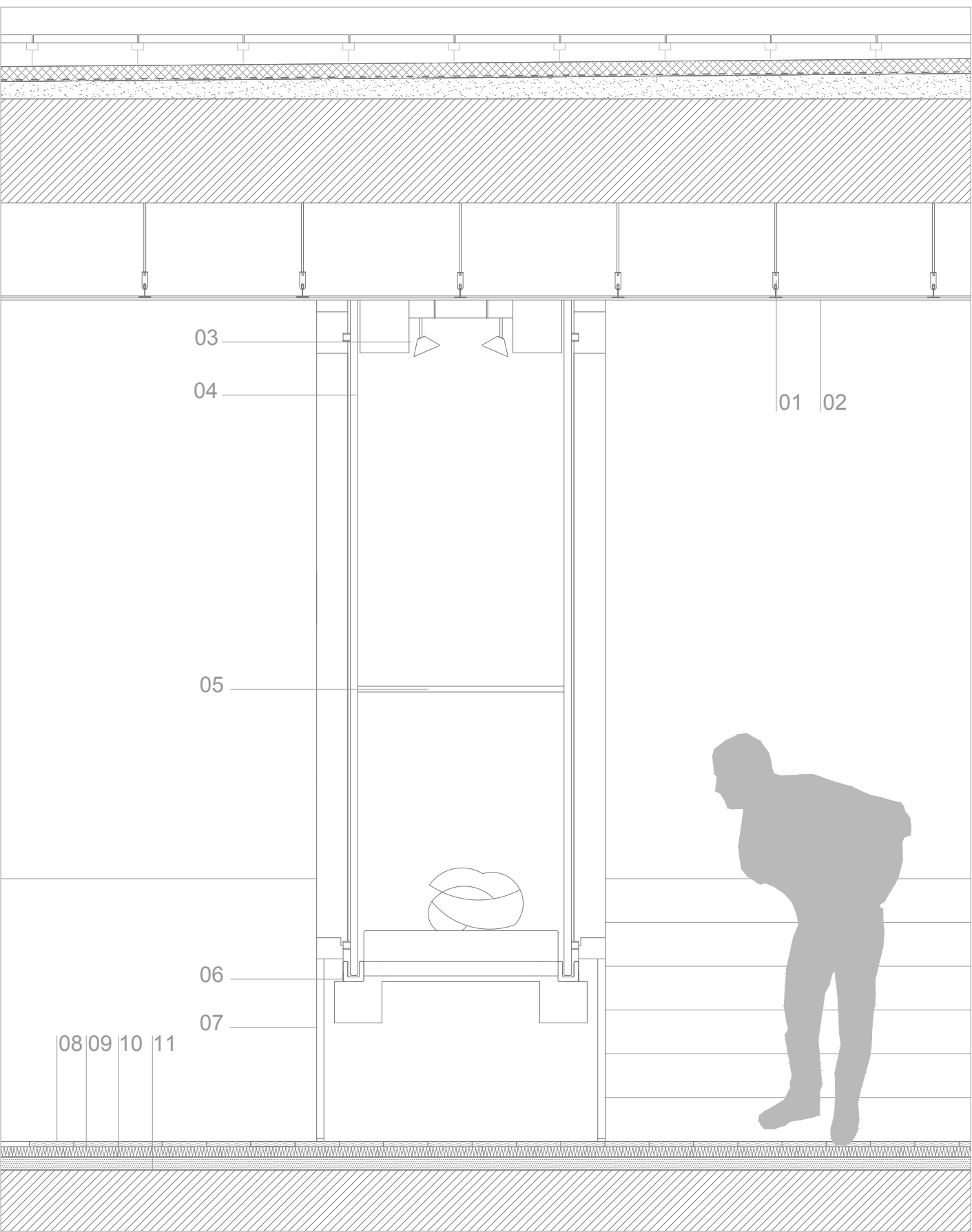
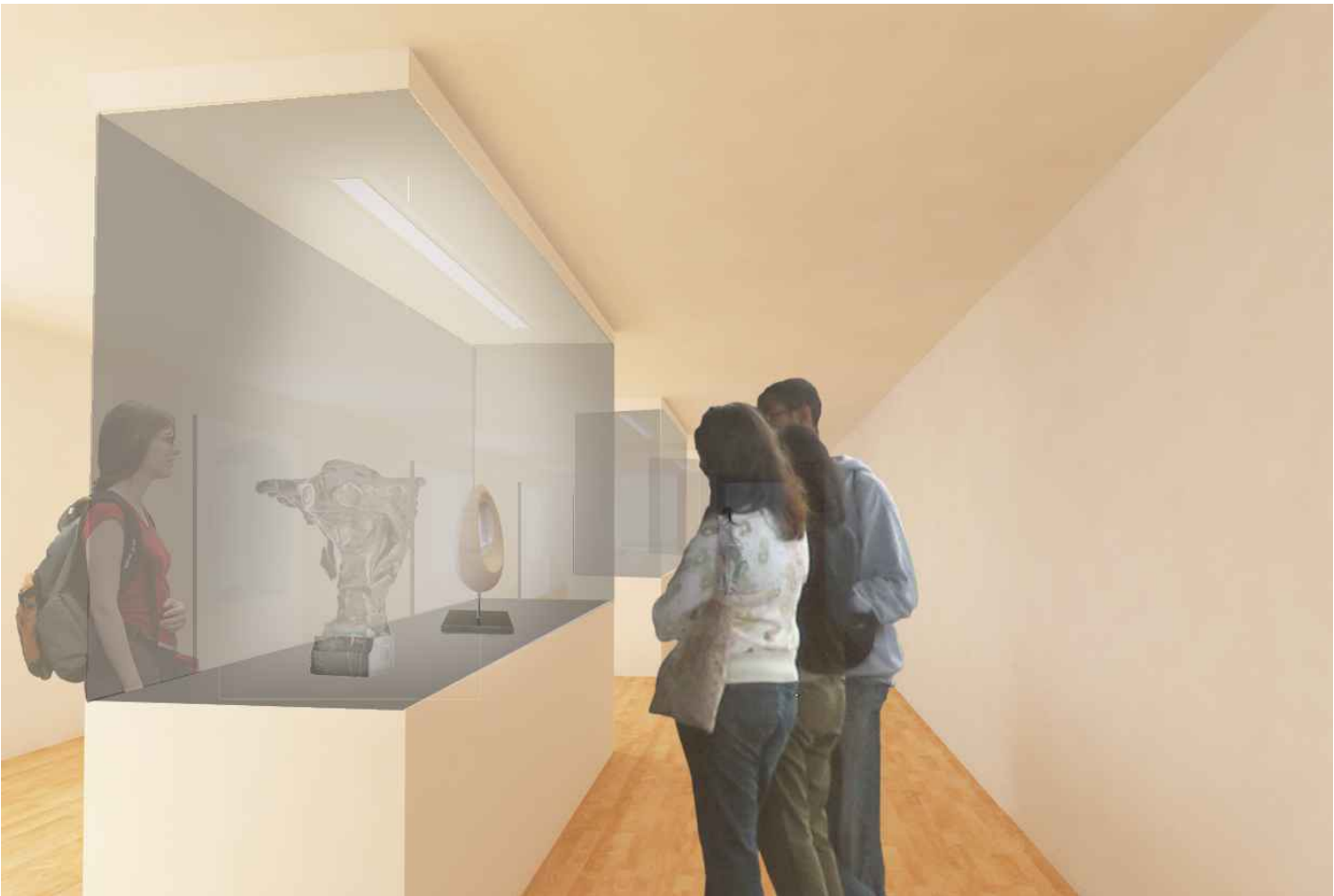
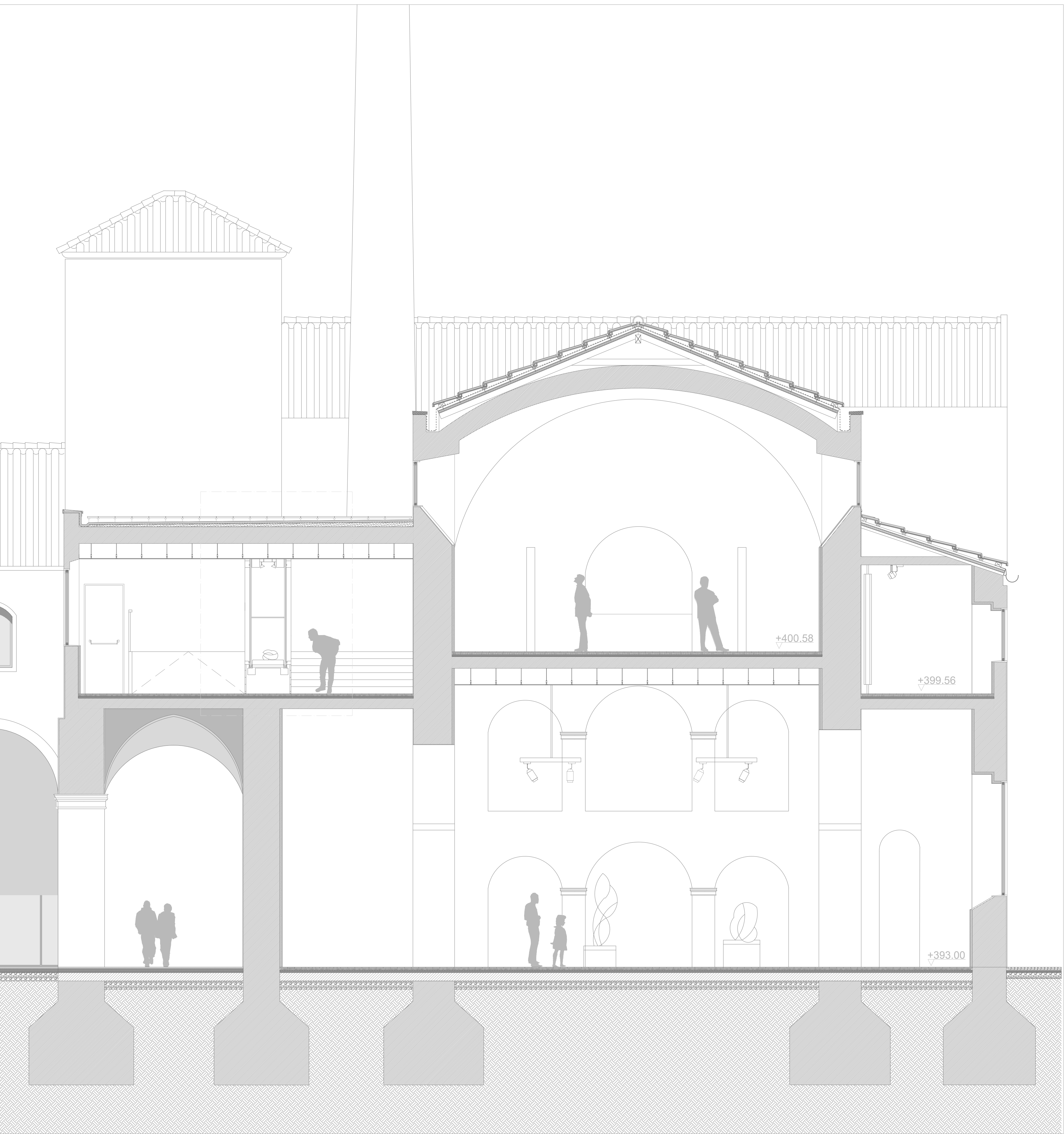
O Museu do Chiado, situado no antigo Convento de São Francisco está localizado no centro histórico de Lisboa. Jean-Michel Wilmotte, arquiteto responsável pela reabilitação do edifício, conseguiu criar uma identidade visual e funcional em espaços que estavam em ruínas. O arquiteto conjugou os vestígios do passado com a mais atualizada linguagem arquitetónica e museológica, fundindo-se assim, a poética da criação artística, cruzando diversas épocas e linguagens arquiteturais. A renovação empreendida respeitou e valorizou os vestígios históricos pré-existentes, revelando-se através da preservação da parede dos fornos em tijolo, com uma entrada de luz zenital ao longo de toda a parede, relações de interior e exterior através de superfícies envidraçadas, e também pelo grande átrio que ostenta dois pilares em pedra lioz que suportam o teto abobadado em tijolo rústico. Jean-Michel Willmotte foi ainda responsável por todo o desenho de mobiliário e pormenores permitindo dar uma coerência ao conjunto de todo o projeto.











LEGENDA

- 01| Estrutura de suporte de teto falso.
- 02| Teto falso suspenso tipo KNAUF, fixa a estrutura de suporte e pintado com tinta aquosa mate tipo CIN, cor branco puro, ref. D787.
- 03| Sistema de iluminação.
- 04| Vidro laminado
- 05| Prateleira de exposição amovível
- 06| Perfil metálico contínuo para suporte do vidro
- 07| Vitrine expositiva em MDF, lacada a tinta de esmalte, cor branca.
- 08| Soalho à Portuguesa com tábuas de madeira de carvalho com acabamento de verniz cera, 120x14x2 cm
- 09| Camada de Leca
- 10| Betonilha de regularização
- 11| Laje de pavimento existente